



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E  
POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIAS ECONÔMICAS:  
ECONOMIA, INTEGRAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO**

**UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI:**

Uma abordagem histórico-estrutural

**FEDNEL SAINTIL**

Foz do Iguaçu-PR

2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E  
POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIAS ECONÔMICAS:  
ECONOMIA, INTEGRAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO**

**UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI:**

Uma abordagem histórico-estrutural

**FEDNEL SAINTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas: Economia Integração e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Cantu de Souza

Foz do Iguaçu-PR

2018

**UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI:**

Uma abordagem histórico-estrutural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas: Economia Integração e Desenvolvimento.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Cantu de Souza, UNILA

---

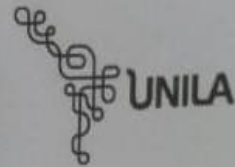
Prof. Dr. Rodrigo Luiz Medeiros Da Silva, UNILA

---

Prof. Pós-Dr. Carlos Henrique Santana, UNILA

Foz do Iguaçu-PR

2018



**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Ao(s) dia(s) 17 do mês de dezembro do ano de 2018 realizou-se a apresentação pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado Um estudo sobre a mudança da pauta das exportações do Haiti: uma abordagem histórico-estrutural apresentado pelo discente Fednel Saintil, do curso Ciências Econômicas. Os trabalhos foram iniciados às 14 h 22, pelo(a) docente orientador(a) Rodrigo Cento de Souza presidente da banca examinadora, juntamente com o(a) docente Rodrigo Luiz Medeiros da Silva, e o(a) docente Carlos Henrique Santana.

**Observações da Banca Examinadora:**

Realizar ajustes pontuais recomendados pelo orientador e pela banca.

A Banca Examinadora, ao término da apresentação oral e da arguição do acadêmico, encerrou os trabalhos às 15 h 40. Os examinadores atribuíram as seguintes notas:

orientador(a)	nota final: <u>10,0</u>	Média final:  <u>10,0</u>
docente	nota final: <u>10,0</u>	
docente	nota final: <u>10,0</u>	

Proclamado o resultado pelo presidente da banca examinadora, encerraram-se os trabalhos e, para constar, eu Rodrigo Cento de Souza lavrei a presente Ata que assino juntamente com os demais membros da banca.

Foz do Iguaçu, 17 de dezembro de 2018

Assinaturas:

[Assinatura] [Assinatura] [Assinatura]

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Fednel SAINTIL

Curso: Ciências Econômicas - Economia, Integração e Desenvolvimento

Tipo de Documento	
( X ) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	( X ) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	( X ) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI: Uma abordagem histórico-estrutural

Nome do orientador(a): Rodrigo Cantu de Souza

Data da Defesa: 17/12/2018

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, 17 de dezembro de 2018

---

Assinatura do Responsável

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a meus pais por seu amor tão precioso e seu apoio durante minha existência.

Aos meus irmãos e irmãs pelo constante encorajamento e apoio moral.

Para todos aqueles que me incentivaram de uma forma ou de outra ao longo da minha carreira universitária.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por toda a saúde, força e energia que me deu ao decorrer do período de quatro anos na instituição UNILA, onde eu faço minha luta diariamente. Expresso minha gratidão a UNILA de forma geral pelo belo projeto integracionista que está sendo realizado na tríplice fronteira (Brasil – Argentina e Paraguai) e particularmente pelo projeto Pró-Haiti que foi aprovado pelo CONSUN em 2014, e através deste programa tive a honra de me beneficiar com uma bolsa de estudo na instituição.

Em seguida, agradeço de forma muito especial ao meu professor orientador Rodrigo Cantu de Souza, não só pela constante orientação para eu realizar este trabalho, mas, sobretudo, pela paciência, sua vontade de orientar as pessoas e enfim, pela sabedoria que ele possui.

A todos os professores da UNILA, principalmente do curso de Economia. Gostaria de agradecer também ao professor Dr. Marcos de Jesus Oliveira, meu ex-orientador de IC; a professora Patrícia pelas sugestões, sobretudo, por seu desejo de estender os estudos sobre o Haiti na comunidade unileira e em Foz do Iguaçu.

Agradeço a minha família pelo caminho que me ofereceu desde a minha infância, sobretudo, minha educação familiar e o amor ao próximo. Calorosamente, expresso meu sentimento de gratidão a Anne Carine Bien Aime por seu apoio durante toda essa caminhada. Também gostaria de expressar meus sentimentos para todos os colegas da UNILA, principalmente aos meus companheiros do curso de Ciências Econômicas, e outros.

Enfim, aos professores da banca pelas orientações.

*L'histoire de toute société jusqu'à  
Nos jours n'a été que l'histoire de  
Luttes de classes.*

**Karl Marx**



SAINTIL, Fednel. UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI: Uma abordagem histórico-estrutural, 2018. 111 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

## RESUMO

A literatura econômica observa que as exportações do Haiti foram primárias na maior parte de sua história. Porém, sua inserção internacional e suas parcerias comerciais têm apresentado mudanças notáveis. Em 2016, 90% das exportações do Haiti são do setor secundário (confecção e vestuário) e o seu principal destino é os Estados Unidos. O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo caracterizar esse novo perfil das exportações do país e procurar saber quais são as principais razões dessa mudança. Em termos metodológicos, este trabalho faz uma combinação de procedimentos bibliográfico, qualitativo e quantitativo. Faz-se uma narrativa sobre das atividades econômicas ao longo da história haitiana com base na historiografia econômica, com ênfase na conjuntura atual, marcada pelo neoliberalismo. Nesse contexto, o mercado haitiano abre suas portas ao mundo globalizado e o governo vem assinando diversos acordos de comércio preferencial com os EUA e promulgando leis de fomento à indústria. Quantitativamente, faz-se o uso de alguns agregados macroeconômicos para caracterizar empiricamente a mudança. Como resultados da pesquisa, destaca-se como fatores relevantes para esse novo cenário o papel de desastres naturais, dos acordos comerciais e dos incentivos governamentais na criação parques industriais e zonas francas para promover o desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Haiti. Exportação. Zona franca. Industrialização. Produção têxtil.

SAINTIL, Fednel. UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI: Uma abordagem histórico-estrutural, 2018. 111 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

### **ABSTRACT**

Economic literature notes that Haitian exports have been primary for most of its history. However, its international insertion and its commercial partnerships have presented notable changes. In 2016, 90% of Haiti's exports come from the secondary sector (apparel and clothing) and its main destination is the United States. The present work of course completion aims to characterize this new profile of the country's exports and seek to know what are the main reasons for this change. In methodological terms, this work makes a combination of bibliographic, qualitative and quantitative procedures. A narrative is made of economic activities throughout Haitian history based on economic historiography, with emphasis on the current conjuncture, marked by neoliberalism. In this context, the Haitian market opens its doors to the globalized world and the government has been signing several preferential trade agreements with the US and promulgating industry promotion laws. Quantitatively, some macroeconomic aggregates are used to empirically characterize change. As a result of the research, the role of natural disasters, trade agreements and government incentives in the creation of industrial parks and free zones to promote development stands out as relevant factors for this new scenario.

**Keywords:** Haiti. Export. Free zone. Industrialization. Textile production.

SAINTIL, Fednel. UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI: Uma abordagem histórico-estrutural, 2018. 111 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

## RESUMEN

La literatura económica observa que las exportaciones de Haití fueron primarias en la mayor parte de su historia. Sin embargo, su inserción internacional y sus alianzas comerciales han presentado cambios notables. En el 2016, el 90% de las exportaciones de Haití son del sector secundario (confección y vestuario) y su principal destino es Estados Unidos. El presente trabajo de conclusión de curso tiene como objetivo caracterizar ese nuevo perfil de las exportaciones del país y buscar cuáles son las principales razones de ese cambio. En términos metodológicos, este trabajo hace una combinación de procedimientos bibliográficos, cualitativos y cuantitativos. Se hace una narrativa sobre las actividades económicas a lo largo de la historia haitiana con base en la historiografía económica, con énfasis en la coyuntura actual, marcada por el neoliberalismo. En ese contexto, el mercado haitiano abre sus puertas al mundo globalizado y el gobierno viene firmando diversos acuerdos de comercio preferencial con Estados Unidos y promulgando leyes de fomento a la industria. Cuantitativamente, se hace el uso de algunos agregados macroeconómicos para caracterizar empíricamente el cambio. Como resultados de la investigación, se destaca como factores relevantes para este nuevo escenario el papel de desastres naturales, de los acuerdos comerciales y de los incentivos gubernamentales en la creación de parques industriales y zonas francas para promover el desarrollo.

**Palabras clave:** Haiti. Exportación. Zona franca. Industrialización. Producción textil

SAINTIL, Fednel. UM ESTUDO SOBRE A MUDANÇA DA PAUTA DAS EXPORTAÇÕES DO HAITI: Uma abordagem histórico-estrutural, 2018. 111 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

## RÉSUMÉ

La littérature économique note que les exportations haïtiennes ont été primaires pendant la majeure partie de son histoire. Cependant, son insertion internationale et ses partenariats commerciaux ont présenté des changements notables. En 2016, 90% des exportations haïtiennes proviennent du secteur secondaire (vêtements et sous-traitance) et sont principalement destinées aux États-Unis. Ce présent travail de cours d'achèvement vise à caractériser ce nouveau profil des exportations du pays et cherche à savoir quelles sont les principales raisons de ce changement. En termes méthodologiques, ce travail associe des procédures bibliographiques, qualitatives et quantitatives. Un récit est fait des activités économiques de l'histoire haïtienne à partir de l'historiographie économique, l'accent étant mis sur la conjoncture actuelle, marquée par le néolibéralisme. Dans ce contexte, le marché haïtien ouvre ses portes au monde globalisé et le gouvernement a signé plusieurs accords commerciaux préférentiels avec les États-Unis et promulgué des lois sur la promotion de l'industrie. Sur le plan quantitatif, certains agrégats macroéconomiques sont utilisés pour caractériser empiriquement le changement. À la suite de la recherche, le rôle des catastrophes naturelles, des accords commerciaux et des incitations gouvernementales dans la création de parcs industriels et de zones franches pour promouvoir le développement apparaît comme un facteur pertinent pour ce nouveau scénario.

**Mots-clés:** Haiti. Exportation. Zone franche. Industrialisation. Production Textil

## LISTA DE FIGURAS

Figura 4.1. Pauta das exportações do Haiti em 2016.....	76
Figura 4.2. Destino das exportações do Haiti em 2016.....	77
Figura 4.3. Origens das importações do Haiti em 2016.....	78
Figura 5.1: A esquematização do sistema centro-periférica.....	85
Figura 5.2. A localização das infraestruturas no Haiti.....	98

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 4.1. Haiti 2004 pós-passagem de Jeanne.....67

## LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1. A tipologia dos países da região .....	45
Quadro 5.1. Síntese dos elementos analíticos que compõem o pensamento da CEPAL.....	86-88
Quadro 5.2. Lista de Zonas Francas no Haiti.....	97
Quadro 5.3. Lista de fábricas no setor de vestuário haitiano.....	99-100

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1. IED líquido na América Latina.....	57
Gráfico 3.2. Evolução do IED na região caribenha.....	60
Gráfico 4.1. Evolução da % do PIB do Brasil e Haiti.....	62
Gráfico 4.2. Taxa de crescimento do PIB anual a preços constantes.....	63
Gráfico 4.3. Taxa de evolução do PIB e do PIB per capita, 1990-2017.....	64
Gráfico 4.4. Remessas em % ao PIB do Haiti.....	70
Gráfico 4.5. Evolução das Exportações do Haiti de 1948-2017 - valor em milhões de US .....	73
Gráfico 4.6. Evolução da Conta Corrente do Haiti de 1980 a 2017.....	79
Gráfico 4.7. Taxa de cambio em dólar.....	81
Gráfico 5.1. Evolução do emprego no setor vestuário de 2008-2018.....	102



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADIH: Associação Das Indústrias do Haiti  
BID: Banco Interamericano de Desenvolvimento  
BM: Banco Mundial  
CARICOM: Comunidade do Caribe  
CBERA: Recuperação Econômica da Bacia do Caribe  
CBI: Iniciativa da Bacia do Caribe  
CBTPA: Parceria Comercial da Bacia EUA-Caribe  
CFI: centro de facilitação dos investimentos  
CEPAL: Comissão Econômica para a América Latina e Caribe  
CONSUN: Conselho Universitário  
EUA: Estados Unidos das Américas  
FMI: Fundo Monetário Internacional  
HASCO: Haitian American Sugar Company  
IED: Investimento Estrangeiro Direto  
IHSI: Instituto Haitiano de Estatística e de Informática  
MINUSTAH: Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti  
NAFTA: Acordo de Livre Comercio da América do Norte  
ODS: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável  
OEC: Observatory of Economic Complexity  
OMC: Organização Mundial do Comercio  
ONU: Organização das Nações Unidas  
PIB: Produto Interno Bruto  
UNILA: Universidade Federal da Integração Latino-Americana

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2. CAPÍTULO I</b> .....	22
2.1 PANORAMA DO ESTUDO HISTÓRICO-SOCIAL DO HAITI E OS PRINCIPAIS PERÍODOS DESTACADOS AO LONGO DO TEMPO .....	22
2.1.1 O que é o Haiti .....	22
2.1.2 Divisão periódica da história do “ilustre” Haiti .....	22
2.1.3 A era dos espanhóis durante o período colonial da ilha (1492-1697) .....	22
2.1.4 A estrutura das classes sociais durante o período colonial .....	24
2.1.5 O período revolucionário (1791-1804) .....	25
2.1.6 O período nacional (1804 até os dias atuais) .....	27
2.1.7 Contradições da conquista dos escravizados .....	28
2.1.8 Dilemas e desafios do Estado haitiano de 1804 a 1915 no período nacional .....	29
2.1.9 O Congresso do Panamá .....	35
2.1.10 Período da primeira ocupação estadunidense (1915-1934) .....	36
2.1.11 O período do regime militar: o regime dos Duvalier .....	39
2.1.12 O período da redemocratização pós-ditadura militar: projeto onusiano, abertura do mercado do Haiti .....	40
<b>3. CAPÍTULO II</b> .....	42
3.1 ATIVIDADES ECONOMICAS DO HAITI E SUA EVOLUÇÃO COMERCIAL NOS SECULOS XIX E XX .....	42
3.1.1 Uma visão no contexto da América Latina .....	42
3.1.2 Uma análise diagnostica da realidade haitiana no fim do século XIX e a evolução das exportações do Haiti no século XX .....	46
3.1.3 Panorama do estudo de investimento no Haiti no início do século XX .....	56
3.1.4 Ideias sobre o IED na região os momentos atuais: o caso do Haiti .....	56

<b>4. CAPITULO III</b> .....	60
4.1 DESEMPENHOS DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS RECENTES DO HAITI: DESAFIOS E FATOS.....	60
4.1.1 Haiti: Desempenho econômico e fatos.....	61
4.1.2 Uma visão comparativa da evolução da taxa de crescimento do PIB: Haiti e Brasil.....	61
4.1.3 A nova ordem das exportações haitianas: a queda da produção agroexportadora .....	71
4.1.4 O cenário atual das exportações do Haiti .....	72
4.1.5 O surgimento do setor têxtil no Haiti .....	74
4.1.6 A pauta das exportações recentes do Haiti .....	75
4.1.7 Destinos das exportações haitianas .....	76
4.1.8 Origem das importações do Haiti em 2016.....	77
4.1.9 Evolução da balança comercial do Haiti nos últimos anos .....	78
4.1.10 Conjuntura dos anos 1980-90: alguns fatos na economia haitiana .....	79
<b>5. CAPITULO IV</b> .....	82
5.1 RAZÕES DA PAUTA DE EXPORTAÇÃO ATUAL NO HAITI.....	82
5.1.1 Modelo clássico do comércio internacional e algumas contradições relevantes .....	83
5.1.2 Uma abordagem das relações comerciais haitianas: pauta de exportações, acordos preferenciais e Zonas Francas.....	90
5.1.3 Acordos preferenciais .....	93
5.1.4 Zonas Francas e Parques Industriais .....	96
5.1.5 Emprego no setor .....	101
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	102
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	105

## 1. INTRODUÇÃO

O Haiti tem uma história muito singular no período da colonização, hoje é uma república semipresidencial cujo poder executivo do governo é partilhado entre o presidente, o primeiro-ministro e o chefe de gabinete. A população haitiana é de 10 788 440 habitantes de acordo com as últimas estimativas de julho de 2018 (FACTBOOK, 2018). A conjuntura atual do Haiti sob o plano político e econômico está marcada por uma crise incessante, o que faz com que o Haiti seja o país mais pobre da região latino-americana e caribenha. Apesar disso, o país apresenta um novo perfil no comércio exterior, pois 90% das exportações haitianas são produtos do setor industrial baseados na confecção e de vestuário, e os Estados Unidos são o principal destino dessas exportações.

O objeto deste trabalho de monografia é investigar sobre o novo perfil das exportações do Haiti no decorrer das últimas décadas. Procura-se relacionar a evolução das exportações dos produtos agrícolas do Haiti nos séculos passados com a nova inserção do país no mercado internacional através da liderança da pauta das exportações têxteis que contribuem de forma significativa ao PIB, ou seja, tendo em vista a mudança na pauta de exportação haitiana nos últimos anos, quais são as razões que podem ser dadas para explicar esse novo cenário e quais são as consequências para o país?

Diante desta nova dinâmica das exportações, fazemos as seguintes hipóteses de que, a pauta de exportações pode ser explicada pelas seguintes razões: a) pelos desastres naturais e dificuldades do setor agrícola; b) pelos acordos de comércio preferenciais aos EUA, surgidos na onda de abertura comercial ligado diretamente à política neoliberal; c) pelos benefícios dados pelo Estado aos investidores, criando zonas francas e parques industriais para promover o crescimento econômico e gerando o emprego.

Para isso, a metodologia empregada neste trabalho combina procedimentos qualitativos e quantitativos. De forma qualitativa, faremos uma linha do tempo da história do Haiti para ressaltar fatos relevantes que marcaram a problemática econômica, política e social do país. Em seguida, para podermos ter uma luz da

conjuntura atual, compreender o porquê o Haiti exporta mais para um determinado país (EUA), buscaremos materiais relacionados ao surgimento das leis comerciais (bilaterais e multilaterais) e as principais influências sofridas pelo país dentro da ordem mundial globalista. Outro elemento destacado nesta nova conjuntura é a criação de zonas francas, de fato, buscaremos informações vinculadas à elas, a saber, seu perfil de funcionamento e desde quando começaram a exercer suas atividades. Quantitativamente faremos o uso de fontes institucionais como Banco Mundial, CEPAL, BID, IHSI, para podermos analisar o comportamento de alguns indicadores empíricos macroeconômicos do Haiti.

Desta forma, o trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta o panorama histórico-social do Haiti dividindo em períodos cada momento específico. O segundo capítulo faz a abordagem dos aspectos gerais da história econômica do Haiti e suas exportações. O terceiro capítulo aborda o desempenho das atividades econômicas mais recentes, principalmente o enfoque do setor motor da cadeia produtiva (a produção têxtil) e alguns fatos que marcaram a economia haitiana. O último e/ou quarto capítulo tenta responder a pergunta central do trabalho: quais as razões da pauta das exportações atuais do Haiti?

## **2. CAPITULO I**

### **2.1 PANORAMAS DO ESTUDO HISTÓRICO-SOCIAL DO HAITI E OS PRINCIPAIS PERÍODOS DESTACADOS AO LONGO DO TEMPO**

#### **2.1.1 O que é o Haiti**

O Haiti, país que juntamente com a República Dominicana situa-se na ilha de Hispaniola, é um pequeno país insular e montanhoso de 27.750 km<sup>2</sup>, um terço da área da ilha, ocupando sua porção oeste. Hispaniola é a segunda maior ilha do Mar do Caribe (perde em tamanho somente para a ilha de Cuba). O termo Haiti vem da palavra “Ayiti” que na língua dos povos originários do Caribe, os Tainos, significa “terra montanhosa”, mas as ilhas também já foram chamadas “Quisqueya ou Bohio” pelos mesmos povos nativos.

Com a conquista e colonização, outros nomes foram impostos pelos europeus, sendo eles *Española*, *Hispaniola* e *Santo Domingo*, pelos espanhóis, e *Saint Domingue*, pela imposição dos franceses. Também foi chamada de *La perle des Antilles* (A pérola das Antilhas) por conta de sua beleza natural. Seu clima é tropical e semiárido onde as montanhas do leste cortam os ventos alísios, e é caracterizado pela pouca variação de temperatura nas estações do ano. A temperatura média anual varia em torno de 27 °C e as chuvas são mais frequentes nas zonas montanhosas. Vale ressaltar que o país fica no meio do cinturão de furacões e sujeito a fortes tempestades de junho a outubro, inundações ocasionais e terremotos e secas periódicas.

#### **2.1.2 Divisão periódica da história do “ilustre” Haiti**

A história da ilha pode ser dividida em quatro períodos principais: pré-colombiana (da Antiguidade até 1492 antes da conquista), colonial (de 1492 à 29 de agosto de 1793), revolucionária (de 1791 à 1804) e nacional (de 1804 até os dias de hoje). Cabe ressaltar que o período pré-colombiano corresponde à história das populações ameríndias que viviam na ilha antes da conquista pelos espanhóis sobre os primeiros nativos (chamados pelos europeus de índios).

#### **2.1.3 A era dos espanhóis durante o período colonial da ilha (1492-1697)**

O final do século XV, época de transição entre o feudalismo e a gênese de capitalismo, é caracterizado pelas grandes navegações, pela busca de realização de

novos interesses econômicos e a busca de novas rotas comerciais, além da conquista de outras terras e civilizações. Foram, grosso modo, essas as consequências maiores do fenômeno histórico que permitiu o fortalecimento da burguesia mercantil europeia. A partir de então, o Velho Mundo passou a estar interligado a outras partes do globo. Em 1492, Cristóvão Colombo chegou à ilha que os nativos chamavam de “Quisqueya”. Na época, ali viviam os povos Arawaks e Taínos, praticamente exterminados pelos conquistadores. Dessa forma, pode-se afirmar que o ano de 1492 marca um ponto de virada na história do Haiti, já que simboliza o ponto de partida para o estabelecimento da dominação europeia na ilha e no continente como um todo, o qual ficaria conhecido como América.

O estabelecimento a partir de 1492 da dominação espanhola na ilha do Haiti está no contexto das preocupações comerciais da Europa e da luta secular entre cristãos e muçulmanos. Em 3 de agosto de 1492, Cristóvão Colombo, um marinheiro genovês que se colocou a serviço da Espanha, partiu em sua primeira viagem às Índias saindo da cidade de Palos, tomando a rota ocidental. No dia 6 de dezembro do mesmo ano, ele desembarcou na ilha de Haiti, que ele chamou de Hispaniola, segundo ele, devido a semelhança de sua paisagem com a da Espanha.

Vale ressaltar que as primeiras décadas que se seguiram à conquista da ilha são marcadas pelo estabelecimento de um verdadeiro império colonial espanhol na América, com a capital Hispaniola. Este período também é marcado pela escravização dos povos indígenas que estão sujeitos a uma exploração feroz nas minas, sob o pretexto de convertê-los ao cristianismo. Em menos de um século, essas pessoas pacíficas foram quase completamente dizimadas pelo trabalho forçado, guerras e doenças importadas da Europa.

Em 1606, o rei Filipe III da Espanha decide o despovoamento da parte ocidental da ilha: colonos, escravos e rebanhos (*troupeaux* em francês) serão transferidos para a parte oriental. Esta ação desesperada foi para responder em particular ao contrabando que foi praticado entre os colonos espanhóis, por um lado, e os portugueses e os católicos franceses, os holandeses e os protestantes ingleses, por outro. A partir de então, a ilha ficou sem um mestre (dono). O campo estava livre para aventureiros de todas as origens.

O tratado de Tordesilhas (cidade de Espanha), assinado em 7 de junho de 1494, estabeleceu para o benefício de Espanha e Portugal uma divisão das terras recém descobertas. Este tratado reservou a exploração das riquezas do Novo Mundo a estas duas potências da Península Ibérica. O verdadeiro estabelecimento do domínio colonial francês nas chamadas Índias Ocidentais (América) começou em 1625 com a ocupação, juntamente com os ingleses, da ilha de São Cristóvão.

Em 1629, alguns colonos franceses, ingleses e espanhóis, criminosos fugitivos ou europeus em busca de uma fortuna rápida, estiveram em guerra por quase 30 anos na ilha de Tartaruga (*La Tortue*), no norte do Haiti. Já na segunda metade do século XVII ocorreram aumento da população, expansão de instalações, expansão da agricultura e o declínio da pirataria. Enquanto isso, em 1697, o tratado de Ryswick que colocava fim à guerra da Liga de Augsburgo, assinado nos Países Baixos, marca o reconhecimento espanhol da soberania francesa sobre a parte ocidental da ilha.

Em menos de um século, a parte ocidental da ilha de cerca de 25 mil quilômetros quadrados, torna-se um centro de produção de primeira importância global dos produtos tropicais (açúcar, café, algodão, índigo) e uma importante colônia agrário-exportadora e escravista. Esse “boom econômico” deu à ilha o nome de “Pérola das Antilhas” e “joia do império colonial dos Bourbons”. Esse processo de crescimento se refletiria no Haiti com um ritmo e vigor excessivos. Graças à colônia de Santo Domingo (parte francesa da ilha de Ayiti), a França conseguiu equilibrar sua balança comercial na Europa e conseguiu ocupar um lugar de eleição no concerto das grandes potências coloniais. No entanto, a riqueza de Santo Domingo foi gerada por um sistema social enfraquecido por contradições de todos os tipos. No final do século XVIII, essas contradições levaram ao colapso da sociedade colonial.

#### **2.1.4 A estrutura das classes sociais durante o período colonial**

Em 1789, a colônia possuía quase 600.000 habitantes, incluindo 40.000 emancipados (a maioria mulatos) e 500.000 escravos negros. A maioria dos escravos eram nascidos na África. Eles foram introduzidos na ilha como parte do comércio de escravos, o nome dado ao tráfico de humanos praticado pelos



europeus, a uma taxa impressionante de 30.000 por ano nos anos anteriores à Revolução. Os libertos não tinham os mesmos direitos que os colonos, mas gozavam de certas facilidades e, às vezes, eram até proprietários de escravos.

O Código Negro de Luís XIV, publicado em 1685, contém os "direitos e deveres" dos escravos e do mestre. Os grandes plantadores (*les grands Planteurs*) e os colonos franceses tinham, portanto, em teoria, deveres em relação aos escravizados. Assim, sob a administração colonial, para que a sociedade dominada pelos brancos pudesse ser sustentada, era fundamental que os negros permanecessem na ignorância mais profunda, além disso, os negros deveriam ser tratados como animais.

### **2.1.5 O período revolucionário (1791-1804)**

Na véspera da Revolução Francesa, Santo Domingo é responsável por quase 3/4 do comércio mundial de açúcar. Em 1788, seu comércio exterior, avaliado em 214 milhões de francos, é superior ao dos Estados Unidos. O ano de 1789 marca uma virada na história da colônia de Santo Domingo, como na história do mundo ocidental. Aproveitando a oportunidade proporcionada pela Revolução Francesa, os diferentes grupos sociais da colônia (fazendeiros, comerciantes, trabalhadores, pequenos ofícios, etc.) decidiram fazer ouvir suas exigências. Assim, cada grupo decidiu lutar por seu interesse. Os proprietários queriam a autonomia econômica e política da colônia, assim como os franceses na França daquela época queriam que seus direitos fossem respeitados. Porém, homens de cor de *Saint Domingue* lutavam para obter igualdade civil e política, econômica, desconstruindo um sistema escravocrata, colonialista e racista.

Em 1791, a colônia francesa de Saint-Domingue, no mar das Antilhas, viu-se engolfada por maciça revolta de escravos. Saint-Domingue era um modelo, a colônia mais produtiva do Novo Mundo: sua única função era exportar açúcar e café para a metrópole (BETHELL, 2014, p. 68).

De acordo com Elizabeth e Herbold (1986), a economia colonial caribenha (advinda do Haiti) era baseada nas plantações de cana de açúcar, que tinha sido cultivado ao lado do café, do algodão, do índigo, do cacau e do tabaco. Durante o

período colonial da região, a busca de justiça social pelos grupos de cor, conforme Pozo, não implicava uma vontade coletiva de superar-se as metrópoles. O autor assinala que “O único caso de independência conquistada pela gente de cor foi o Haiti” (POZO, 2009, p. 25). A independência do Haiti foi proclamada o primeiro de janeiro de 1804, sob a liderança de Jean Jacques Dessalines. Conforme o mesmo autor, o sucesso da conquista não garantiu estabilidade à nova nação, e o próprio Dessalines foi assinado por seus adversários, que o acusaram de “tirano”.

De acordo com Etienne (2014) o período de 1789-1804 foi a era da revolução na ilha. Este evento constitui a prova do fracasso de uma doutrina colonial cujas fissuras sociais, por quase três séculos, se aprofundaram de mil maneiras. Na França de 1789 o movimento iluminista destinava duras críticas às práticas econômicas mercantilistas, ao absolutismo, e aos direitos concedidos ao clero. Conforme Micheline (1987), os problemas de classe e de raça em Santo Domingo eram profundos:

Le problème prend sa source dans la société coloniale de Saint-Domingue où, au XVIIIe siècle, la population se compose d'esclaves, majoritairement noirs sans l'être tous, différenciés entre eux (commandeurs, esclaves d'ateliers, de jardins, de maisons, etc.), d'affranchis, majoritairement mulâtres sans l'être tous, également différenciés (gens de petits métiers, commerçants, planteurs, etc.) et de colons blancs (depuis les petits blancs jusqu'aux grands planteurs créoles et négociants métropolitains). Dès cette époque les luttes sociales et politiques, virulentes, constituent une trame serrée d'alliances et de rapports de force (MICHELINE, 1987, p. 19-20).

O destino da ilha é virado de cabeça para baixo pela Revolução Francesa. Em 15 de maio de 1791, em Paris, a Assembleia Nacional timidamente concede o direito de voto a certos homens de cor livres. Essa medida preocupa os colonos brancos de Santo Domingo que pensavam em proclamar sua independência, além de que ela também não satisfazia mais os libertos (*affranchis*). Os comissários da república francesa Sonthonax e Polverel proclamaram a liberdade geral e histórica dos escravos em 29 de agosto de 1793. Vendo isso, alguns plantadores chamam os ingleses para ajudá-los (CAUNA, 1997).

Em 1801, o líder popular Toussaint Louverture, um ex-escravo liberto (neste momento todos os escravos estavam libertos) é descrito como o idealizador da abolição da escravatura em Santo Domingo, uma figura secreta e carismática da Revolução, mas também uma figura católica fervorosa e ambígua, se autoproclamou governador-geral do Haiti. Apesar do sucesso inicial da revolução, Louverture não se manteve muito tempo no poder, e alguns meses depois a França enviou reforços militares continentais e conseguiu derrotar e assassinar o governador-geral. Napoleão então percebe Toussaint como um rebelde e recusa essa marcha em direção à independência por causa da posição estratégica da ilha e sua riqueza econômica. Em 7 de junho de 1802, Toussaint foi convocado para uma entrevista com o general Brunet. Uma vez lá, ele foi preso, acorrentado e jogado com sua família em uma fragata que o levou de volta para a França. Ele morreu de frio e maus-tratos em Fort-de-Joux, no Jura, em abril de 1803. Rochambeau, que substituiu Leclerc após sua morte em novembro de 1802, leva como ele uma verdadeira guerra de extermínio contra os negros, que aos milhares são baleados, enforcados, afogados ou queimados vivos. Os mulatos sofrem o mesmo destino. Rochambeau pede o envio de 35.000 homens para terminar este trabalho de extermínio, mas Napoleão pode enviar-lhe apenas 10.000.

Em 1803, aproveitando que o povo ainda estava revoltado e que os soldados franceses já estavam cansados lutando há 2 anos, Jacques Dessalines tomou a liderança da revolução e organizou um exército popular que destruiu as forças francesas. No ano seguinte, Dessalines declarou o país independente e se autotituiu Imperador do Haiti. Conforme James (2000) os escravos que fizeram a revolução de Santo Domingo foram verdadeiros "heróis da emancipação humana". Os ex-escravos conseguem expulsar as tropas do império e, em 1º de janeiro de 1804, o general Jean-Jacques Dessalines proclama a independência da República do Haiti, a primeira república negra do mundo e o segundo Estado independente do continente americano.

#### **2.1.6 O período nacional (1804 até os dias atuais)**

Depois de tantas resistências e lutas, o primeiro de janeiro de 1804 foi marcado na história da humanidade como o surgimento da primeira nação negra independente. Contrariamente à ideia de liberdade, igualdade e fraternidade dos

iluministas franceses naquele mesmo período, que, de certa forma, não era respeitada. Porém, os escravizados negros de Saint Domingue fizeram a diferença, eles deram uma luz ao deveria verdadeiramente ser chamado de “liberdade e igualdade para todos”, e evidenciando as contradições da Revolução Francesa de 1789. Os homens de cor livre e os escravizados negros se juntaram para transformar a história da humanidade. Pela primeira vez, os dominados se reuniram para lutar contra um sistema hegemônico europeu, racista e escravocrata. Evidentemente, assim surgiu o primeiro Estado negro do mundo, baseado nos ideais de liberdade e igualdade para todos. A história colonial e revolucionária do Haiti é marcada pela sua singularidade e suas controvérsias, especialmente quando a comparamos a história dos demais países colonizados e seus respectivos processos revolucionários. Após sua independência e ao longo de toda a história do país, o Haiti viveu e continua vivendo problemas estruturais às vezes sob a forma de crise política, econômica ou social e sofre de catástrofes naturais.

### **2.1.7 Contradições da conquista dos escravizados**

A bela e prestigiosa história da inversão sistemática do modo de produção e de vida dos ex-escravos, com a derrota das forças armadas napoleônicas, nos parece que foi bem sucedida apenas por um momento (1804-1806). Na realidade interna do país não houve, para além dos ideais, uma realidade de liberdade e igualdade, porque o país foi mergulhado, durante toda a evolução de sua estrutura social, em conflitos entre os negros e mulatos. Podemos referir esse fenômeno a uma das heranças coloniais no país pós-independência.

Desde a independência em 1804, o país nunca estabeleceu uma política econômica por motivo de instabilidade política interna. Pouco depois do reinado de Dessalines havia uma cisão no Haiti, que foi dividido em dois sistemas políticos distintos: no norte, uma monarquia liderada pelo rei Christopher, e no sul, uma república liderada por Alexandre Petion. Em 1844, a parte oriental da ilha se separa sob o nome de República Dominicana, o que dará as atuais fronteiras à República do Haiti. O país foi alvo de uma série de golpes de Estado, uma longa série de ditaduras e conflitos sangrentos entre trabalhadores, burgueses, negros e mulatos, além de sofrer inúmeras intervenções estrangeiras. De 1806 para cá houveram

governos autoritários que agravaram ainda mais a falta de segurança no Haiti. Desde a independência, dos cerca de cinquenta chefes de Estado que o país possuiu, trinta ou mais foram mortos ou derrubados por um golpe de Estado.

### **2.1.8 Dilemas e desafios do Estado haitiano de 1804 a 1915 no período nacional**

O período de 1804 a 1915 na história do Haiti foi marcado por momentos que devem ser estudados no campo da história e da ciência política, e outros nas ciências sociais. Pela complexidade e singularidade da história política do Haiti, dois anos após a independência, em 1806, o mulato Alexandre Petion liderou uma insurreição contra o primeiro chefe de Estado haitiano, Jean Jacques Dessalines, o que levou a uma tragédia inesquecível que seria a morte do imperador Dessalines e uma crise política de 1806-1807 que resultou na divisão do país: em Cap-Haitien reinou um ditador que representava o poder dos negros; em Porto Príncipe, Petion governou as partes oeste e sul do país como presidente constitucional, apoiado pelos mulatos.

Henri Christophe foi um general negro que lutou para libertar seu país da colonização francesa. Ele recusava se tornar presidente da República, achando que não teria poder suficiente. Ele criou um reino no norte do país (monarquia), em Cap Haitien, e se deixou intoxicar pelo poder (CESAIRE, 1994). Em setembro de 1819, a “REVUE” publicou uma carta sobre o reino do norte que era uma apologia ao governo de Christophe, reconhecendo a boa ordem vigente no reino e seus esforços para desenvolver a educação pública. Na esfera econômica, o sistema agrícola baseava-se na exploração de mão de obra em larga escala: generais, cortesãos e funcionários de alto escalão recebiam grandes propriedades e vantagens do governo. Ele construiu fábricas de algodão e fábricas de armas. Mas, por outro lado, seu autoritarismo foi cada vez mais severo, monopolizando a indústria e restabelecendo a servidão do solo, com meios de repressão muito próximos aos da escravidão (BENOT, 2008).

Seu comportamento, efetivamente o de um déspota megalomaniaco, se caracterizou por esses aspectos monárquicos: uma corte, uma nobreza, uma ordem real e militar de Saint-Henri. Sua megalomania aparecia em sua paixão por grandes construções: cidadelas (*citadelle la ferrière*) e palácios reais, incluindo o famoso

Sans-Souci. Apesar de seus esforços para promover a educação e estabelecer um sistema legal, o Código de Henry, o rei se tornou um monarca autocrático e impopular, cujo reino estava em constante beligerância com o sul e em 1820 devido às doenças o rei optou por atirar em si com uma bala de prata no palácio "*La citadelle laferriere*".

Entretanto, no ano seguinte ao da morte de Dessalines em 1806, Pétion fundou a República do Haiti e foi eleito presidente do sul da ilha. Reeleito em 1811, Pétion seria nomeado presidente vitalício em 1816. Influenciado pelo liberalismo francês, ele dividiu grandes plantações em pequenas parcelas para cada um dos veteranos da guerra de independência. Não obstante, ele não alcançou seus objetivos econômicos e políticos. A economia, então, experimenta um período de declínio acompanhado por uma inflação desenfreada. Conforme Ardouin (1858), analisando os números das receitas e gastos durante o governo de Petion nos anos 1813, 1814 e 1815, observa-se que no último o país contou com um déficit de 530.707,00 gourdes. O ano 1816 apresentou ainda uma balança desfavorável ao tesouro de 1.079,157 gourdes de receitas contra 1.482,435 gourdes de despesas, ou seja, 403.278 gourdes de déficit. No ano seguinte o déficit se manteve, porém foi de somente 308.815 gourdes. De maneira geral, o governo de Petion contou com gastos incessantes de armas e outros equipamentos.

O regime de Petion também é marcado pelas lutas incessantes com Henri Christophe e seus próprios generais dissidentes. Os haitianos, no entanto, têm em mente o liberalismo do líder da independência, enquanto os sul-americanos são gratos pelo apoio que ele deu a Simon Bolívar em sua luta pela emancipação das colônias espanholas, fornecendo tropas quando Bolívar o visitou em 1815-16. Ele nunca se reconciliou com a ideia do Haiti como um Estado negro. Sua esperança era uma república governada por uma oligarquia de mulatos.

De acordo com o professor Leslie François Manigat:

Devemos, mais uma vez, escrever a palavra do historiador Henri-Irénée Marrou em sua eterna verdade? "Todo homem carrega dentro de si sua diferença comunicável? Sim, certamente, mas com uma tinta ainda mais forte, porque Henry Christophe, Alexandre Pétion, os dois personagens,

sem dúvida os mais opostos de nossa história, foram, de fato, em sua realidade vivida, entidades tão antinômicas que o historiador não ouse apresentá-los com um hífen porque seria um assunto indevido aos olhos de algumas mentes excessivamente intolerantes. Tudo está em contraste, de um para outro, em uma "alteridade irreduzível": as origens, o perfil biográfico, o caráter, o temperamento, o comportamento e a conduta, as sinceras convicções e posições tomadas ou fachada para a galeria, e o julgamento da posteridade, amores e afinidades como ódios e repulsões, o ambiente sócio-político, o coeficiente pessoal, atos e ações até o destino final de suas respectivas carreiras. Associá-los seria artificial, reuni-los seria enganoso, aproximá-los seria enganoso. No entanto, as diferenças que prevaleceram entre um e outro não impede que eles finalmente concordaram em parar de lutar cada aceitando suas diferenças irreduzíveis (MANIGAT, 2007. p. 5).

Manigat (2009) na sua prestigiosa obra intitulada *“La crise haitienne contemporaine: restrospective et perspective dans la saisie du point critique d’aujourd’hui: une lecture d’historien-politologue”* apresentou certas características aos dois homens políticos citados (H. Christophe e A. Pétion). Segundo o autor, Henri Christophe foi um negro, general, latifundiário, chefe do norte, líder do campo de Toussaint, ex-escravo negro, tenente nos exércitos de Toussaint na guerra do sul, formado no exército indígena, fundador de um reino, autoritário, déspota esclarecido mas capaz de crueldade, responsável pelo massacre dos mulatos em 1812, porém sua organização do Estado foi eficiente, patriota; enquanto o Petion tinha poucas semelhanças com o primeiro, assim, ele era um mulato, general e latifundiário, chefe do Oeste e do Sul, líder do campo de Rigaud, ex-liberto mulato (*ancien affranchis*), tenente nos exércitos de Rigaud na guerra do Sul, fundador de uma República em 1806, afável (*trop bon* – um príncipe indulgente), ditador-democrata, assassino de Dessalines, e sua organização do Estado foi indolente (*insouciance, paresse*), sendo ele um bom haitiano com crenças francófilas.

De certa forma, o surgimento dessas divergências estruturais está enraizado na colonização, tais como a luta de poder, a subestimação do homem de cor etc. Há uma série de elementos de herança coloniais intrinsecamente vinculados à estrutura social do Estado haitiano, por exemplo, desde o governo de Petion a religião, a família e a propriedade são as bases fundamentais da sociedade civil no Haiti –

imitando as nações cristãs, o caso da França. Até na literatura os autores e poetas tiveram uma grande influência da metrópole. Isso causou um desafio para a integração dos próprios haitianos dentro do país ao longo do tempo.

Com a morte de Petion em 1818, Jean-Pierre Boyer foi eleito Presidente da República, enquanto Christophe continuou a reinar na Cidade do Cabo; mas este morreu violentamente dois anos depois, especificamente em 1820. Em 1822, Boyer fez uma expedição contra a parte leste da ilha (atual República Dominicana) com 20.000 homens que atravessaram as fronteiras de Ouanaminthe e Lascahobas. O chefe de Estado haitiano entrou na outra parte da ilha no início do ano de 1822. Como resultado, a bandeira haitiana começaria a flutuar na antiga catedral de Santo Domingo desde então (BARROS, 1984).

Em 1822, os Estados Unidos começaram a reconhecer oficialmente as independências dos países latino-americanos, mas não a do Haiti (BETHELL, 2104, p. 41) e a França reconheceria a independência do país somente em 1825, exigindo o pagamento de uma enorme quantia de dinheiro para ressarcir os plantadores brancos pela perda de suas propriedades (idem, p. 25).

Os Estados Unidos, país vizinho do Haiti, preocupou-se com a independência da ilha. De fato, na região sul dos EUA ainda existia a escravidão e os escravos estadunidenses poderiam ser influenciados pelo “haitianismo”, o que levou os Estados Unidos a se recusar a reconhecer a independência do Haiti. Em meados do século XIX, durante o processo da emancipação, na época da Guerra Civil Americana, os Estados Unidos tinham de longe a maior população escrava que já existiu nas Américas. No conflito entre o sul (Confederados) e norte (União), conhecido como a “Guerra de Secessão”, Lincoln queria manter os Estados Unidos unificados, e com a vitória da União a escravatura foi abolida no país norte-americano em 1863 e no ano anterior havia sido reconhecida a independência da primeira nação negra do mundo, o Haiti.

Em 1825, Charles X na França exigiu o pagamento de uma indenização de 150 milhões de francos de ouro, pelo preço do reconhecimento da independência do Haiti. O valor era o equivalente ao orçamento anual da França na época. A legislatura votou pela indenização, declarou sua dívida nacional e decretou uma



tributação extraordinária de 30 milhões de gourdes, que nunca poderiam ser recuperados. A partir de então, a prosperidade do Haiti desapareceu completamente. Os atrasos do empréstimo de 30 milhões e os juros do capital restante de 120 milhões não foram pagos. O general Jean-Pierre Boyer, na época presidente do Haiti, aceitou tais condições e permaneceu na história como o homem responsável pelo mau começo da história econômica do Haiti. Esta dívida, muito prejudicial para o futuro desenvolvimento econômico do país, seria paga até 1893. O Haiti obtém então reconhecimento no cenário internacional e é apresentado como o símbolo da dignidade negra. O país estará muito ativo durante o século XIX.

Devido às peculiaridades observadas na história colonial e pós-colonial do Haiti, afirmamos que a história do país é muito singular, marcada por diversos acontecimentos e fatos inexplicáveis. Foi o primeiro país latino-americano e caribenho independente, o segundo no continente americano, e retrata um caminho instável em sua trajetória econômico-social e política até os dias de hoje. Foi chamado de “a Pérola do Caribe”, porém, tornou-se uma das nações mais pobres da América Latina e do globo, e atraiu a atenção dos países imperialistas com a sua revolução simbólica em 1804.

Nos anos 1820 – 1830 a pobreza da população latino-americana limitou a demanda de produtos europeus importados e, segundo Bethell (2014), a natureza de boa parte de agricultura da região foi orientada muito mais para a subsistência, ou seja, a economia latino-americana, inclusive a do Haiti, era uma economia baseada estruturalmente nas “*plantations*” de agricultura – e predominava o latifúndio.

No século XIX, a Europa parte para a África e para a Ásia para conquistar novos territórios, e passa a exercer a hegemonia colonial sobre os territórios africanos e asiáticos. Em contrapartida os Estados Unidos partem para a América Latina, especialmente a América Central e o Caribe, e inclusive para o Pacífico, para expandir a sua influência cultural, econômica e política. Os Estados Unidos começaram a assumir as características de uma potência imperialista no século XIX, mas foi na segunda metade do século XX, após a descolonização dos impérios britânico e francês, que eles seguiram diretamente seus dois grandes predecessores (SAID, 1995).

Estados Unidos, siguiendo una tradición establecida por las potencias europeas, se apoderó de las aduanas de diversas repúblicas para asegurar el pronto pago de su deuda externa, y para reducir la posibilidad de nuevas intervenciones europeas (BULMER-THOMAS, 2010, p.65).

Na primeira metade do século XIX a doutrina que ilustra a política externa dos Estados Unidos é a Doutrina Monroe, lançada pelo presidente James Monroe em 1823 sob o lema de “América para os americanos”. Com base nela, os Estados Unidos defendiam a autonomia da América em relação aos princípios recolonizadores do continente europeu e submeteu a suas intervenções político-militares diversos países da região, como Cuba, Panamá, Nicarágua, Honduras, Haiti e República Dominicana (POZO, 2009). Efetivamente, com a Doutrina de Monroe (1823), os EUA defenderão a América. Do ponto de vista crítico, essa defesa da soberania da América conforme proposta pelos EUA limitava-se ao âmbito do discurso. Embora os EUA discursassem pela independência da América e sua soberania, a não intervenção da Europa nos assuntos (atividades econômica e política) da América era um argumento retórico, porque os EUA não tinham ainda o controle nem do seu próprio território, e passava por um período de guerra civil e de guerra com o país vizinho, México. A partir da declaração feita pelo presidente dos Estados Unidos em 1823, o mesmo autor argumenta que “*la déclaration de Monroe ne fut donc qu’un grand coup d’épée dans l’eau*” (CHAUNU, 1964, p. 82).

En 1804, les Haïtiens devenus libres et indépendants ne restaient aux yeux des chancelleries étrangères qu'un ramassis d'esclaves révoltés, les Français, leurs maîtres légitimes, gardant parfaitement le droit de les ramener à l'ordre colonialiste et esclavagiste, par la force si besoin était. L'Espagne, l'Angleterre, la France, les États-Unis, dont les possessions entouraient le nouvel État, refusèrent de reconnaître son existence et l'entourèrent d'un cordon sanitaire diplomatique et commercial, de crainte que son exemple ne vienne inspirer leurs propres populations serviles (HOFFMANN, 2007, pp. 24-25).

### 2.1.9 O Congresso do Panamá

Para mostrar ainda a singularidade do Haiti durante todo o processo de independência até a emancipação de todos os Estados da região, como já comentamos, o processo da revolução haitiana foi o mais radical da América Latina, além disso, há prova de que os demais Estados livres tiveram um projeto de isolamento do Haiti. De fato, para fortalecerem a economia, os demais Estados recém-nascidos (com a exceção do Haiti), visando gerar relações entre si e no objetivo de unir-se e definir uma posição comum contra as potências mundiais, em junho de 1826, foi convocado o “Congresso do Panamá”. Entre os países independentes na região, o Haiti, por ser uma república governada por negros, foi o único país a não ser convidado. Apesar da ajuda dada pelo presidente Petion a Bolívar em sua luta contra a Espanha, o poder colonizador da América Latina, o Haiti ficou isolado do Congresso.

Em 1843 ocorre a queda do presidente Boyer. A partir de 1844, após 21 anos de dominação pelos haitianos, a ilha de Saint Domingue é definitivamente dividida em dois Estados, com o Haiti na parte ocidental e a República Dominicana na parte oriental, divisão que permanece até hoje. De 1844 a 1915, o Haiti vai viver diversos golpes de Estados e um regime monárquico com Soulouque que foi revertido por Nicholas em 1859.

É preciso mencionar aqui que o Haiti teve em menos de quatro anos quatro presidentes. Rivière Hérard (13 de *março* de 1843 a 3 de maio 1844); Philippe Guerrier (3 de maio de 1844 a 15 de abril 1845); Jean-Louis Pierrot (15 de abril de 1845 a 1o de *março* de 1846); Jean-Baptiste Riché (1o de *março* de 1846 a 27 de abril de 1847). Todos eles foram mulatos e militares, ou seja, guerreiros que participaram nas lutas pela independência juntamente com os anteriores.

Desde meados do século XIX, a República do Haiti não parou de mergulhar na instabilidade e violência política, dividida entre elites mulatas - predominantemente rurais e predominantes no sul - e negras - especialmente proprietários de terras no norte. Devido ao conflito incessante entre eles pelo poder e riqueza, desta forma, o país é vítima da falta de projeto nacional para acabar com a rivalidade entre a burguesia mulata e o campesinato negro. Em setembro de 1883,

em face de um levante burguês em Porto Príncipe, o presidente negro Lysius Salomon teve 4.000 mulatos massacrados. Este fato levou a ameaça de intervenção estrangeira. Salomon, no entanto, sabia como restaurar as finanças do país; ele completou o pagamento da dívida e desenvolveu a educação secundária e rural. Antes de uma dupla revolta de Porto Príncipe e cacos, ele teve que se exilar em agosto de 1888.

A história política do Estado haitiano durante quase todo o século XIX foi marcada por vários golpes de Estado e humilhações internacionais conhecidas na história haitiana, tais como: a) *L’Affaire Rubalcava*, de junho de 1861; b) *L’affaire Batsch*, de 11 de junho de 1872; c) *L’affaire Luders*, de 6 de dezembro de 1897. Respectivamente, referem-se à anulação da condenação do Sr. Luders com permissão para ele voltar a morar no Haiti; a remuneração do Sr. Luders de até US\$ 20.000; e as desculpas do governo haitiano ao governo alemão, cumprimentando a bandeira alemã com uma saudação de vinte e um tiros de canhão.

Analisando profundamente as relações comerciais haitianas naquele período com as potências, nos parece que havia um conflito de interesse nos negócios de Haiti entre os grandes países industriais. Conforme Berloquin-Chassany (2004) desde 1909 a luta entre a companhia alemã no Departamento Oeste (*Plaine du Cul de Sac*) e o grupo norte-americano Mac Donald incentiva a opinião pública e a atenção diplomática. O que vai reduzir a relação haitiano-alemã é reconhecido na história haitiana pelo nome de “*L’Affaire Luders*”. “*L’Affaire Lüders*” em 1897 foi um abraço político e diplomático para o Haiti. O Encarregado de Negócios da Alemanha, Conde Schwerin, exigiu que o governo haitiano aceitasse que Lüders, nascido de uma mãe haitiana e pai alemão, retornasse ao país e que um resgate de US\$ 20 mil fosse pago à Alemanha.

#### **2.1.10 Período da primeira ocupação estadunidense (1915-1934)**

Durante o governo Nord Alexis (dezembro de 1902 – dezembro de 1908) o Haiti aprofundou cada vez mais sua crise política. Antoine Simon era o chefe do poder executivo e se tornou presidente em agosto de 1911. No mesmo ano, em 2 de agosto de 1911, abre um período de agitação durante o qual seis presidentes e três comitês revolucionários exercem sucessivamente o poder durante algumas semanas ou meses cada e, finalmente, o último deles, Vilbrun Guillaume-Sam, teve seus

opponentes mulatos massacrados em 27 de julho de 1915. Após quatro anos de turbulência política em que seis presidentes permaneceram no Palácio Nacional, os fuzileiros navais americanos desembarcaram no país.

O Haiti e os Estados Unidos compartilharam praticamente uma mesma história colonial, sendo que ambos os países são o fruto histórico de uma luta contra os seus respectivos colonizadores europeus. No entanto, ao longo da evolução da história nacional de cada um, seriam dois países totalmente distintos. Nas décadas seguintes a sua independência o Haiti só se tornaria mais uma dor de cabeça para o seu grande vizinho. Antes da ocupação, os militares dos Estados Unidos assumiram o controle dos bancos e coletaram \$500.000 para manter em Nova York (BUSCHSCHLUTER, 2010).

Evidentemente, há uma crise estrutural política e econômica no Haiti. Mas, com a invasão dos Estados Unidos em julho de 1915, os haitianos se uniram em resistência à ocupação estadunidense, e mais uma vez o povo haitiano se rebelou. Pierre Sylly foi o primeiro a se revoltar contra a invasão dos estadunidenses. Infelizmente, ele foi fuzilado pelos *marines* no mesmo dia do desembarque deles. Mais tarde, emergiram grupos de guerrilha de resistência no norte do país dos Cacos<sup>1</sup> liderados por nacionalistas como Benoit Batrville, Rosalvo Bobo e Charlemagne Péralte. Um oficial do exército haitiano foi baleado ainda pelos *marines* em 1919. Os *marines* precisariam encontrar um traidor entre os guerrilheiros de Péralte e infiltrar um agente para assassiná-lo em 1919. Seu corpo seria crucificado na porta de uma igreja e a foto de sua morte distribuída entre a população.

T. Roosevelt no início do século XX demonstrou com sua política que os interesses dos EUA deveriam prevalecer sobre a América Central e o Caribe, e de forma particular o caso do Haiti que estava sob a ocupação dos EUA (1915-34). Os Estados Unidos intervêm nas Filipinas, Porto Rico, Panamá, eles separam o Panamá da Colômbia, começam a construção do Canal do Panamá, eles intervêm na Guerra de Independência de Cuba em 1898 e a partir daí Cuba se torna um

---

<sup>1</sup> Cacos foram grupos de homens armados, originalmente oriundos da população escravizada no Haiti que viriam a exercer o poder nas regiões montanhosas do Haiti após a vitória da Revolução em 1804. Durante a primeira invasão estadunidense em 1915 os Cacos mantiveram uma resistência obstinada nas regiões montanhosas do norte principalmente no norte do Haiti.

quintal dos Estados Unidos na primeira metade do século XX (JULIEN, 1968).

Ademais:

Desde os primeiros anos de século XIX, os Estados Unidos iniciaram a expansão de seu território. Conquistaram entre 1803 e 1848 a Louisiana, a Flórida, o Texas, o Oregon, a Califórnia e o Novo México. Em 1848, ofereceram cem milhões de dólares ao governo espanhol em troca de Cuba, considerada indispensável para a defesa do Sul dos Estados Unidos (AZEVEDO e HERBOLD, 1986, p. 35).

Durante o período da primeira ocupação estadunidense no território haitiano, segundo os mesmos autores, a economia distinguiu-se pela penetração irrestrita das companhias norte-americanas:

O fator decisivo que possibilitou o avanço do imperialismo foi a colaboração das oligarquias locais, que defenderam exclusivamente os seus próprios interesses, que coincidiram em larga escala com aqueles das empresas multinacionais. Como, também, estas visaram a exploração das riquezas materiais e humanas e mantiveram, por isso, a bipolarização da sociedade em uma minoria poderosa e uma maioria explorada, sem direitos, vivendo na miséria. Além dos lucros materiais, as oligarquias usufruíram de outro benefício do entreguismo: a garantia de seu poder local, a defesa contra quaisquer grupos dissidentes ou rebeldes (AZEVEDO e HERBOLD, 1986 p. 38-39).

Em 1934 as tropas norte-americanas deixaram o Haiti, porém a oligarquia mulata conservou o regime estabelecido pelos *marines*. Conforme Julien:

Par le “ corollaire de Roosevelt”, les Etats-Unis s’attribuent des droits et s’assignent une mission qui leur permettront d’intervenir à leur guise sur l’ensemble du continent américain. Ils complètent ainsi, à leur avantage, la « doctrine » proclamée par le président Monroe le 2 décembre 1823 et que le président Kennedy invoquera en 1962 lors de la crise internationale déclenchée par l’installation de fusées soviétiques à Cuba (JULIEN, 1968, p. 102).

De fato, os Estados Unidos não estavam de acordo com a relação comercial entre o Haiti e outros países ocidentais. O Haiti não obedece à Doutrina de Monroe de 1823 e, pelo fato de fazer comércio com um país da Europa, o Haiti passa a ser considerado como uma ameaça na região para a expansão norte-americana.

#### **2.1.11 O período do regime militar: o regime dos Duvalier**

Em meados da década de 1950, pós-Segunda Guerra Mundial, os militares tomaram o controle dos governos em diversos países latino-americanos, e este foi um dos períodos mais conturbados da história do Haiti. François “Papa Doc” Duvalier, democraticamente eleito em 22 de setembro de 1957, não demorou a estabelecer uma ditadura no país, instalando um regime ditatorial feroz baseado na repressão militar que perseguiu muitos opositores – e sua guarda pessoal, os *tontons macoutes* (bichos-papões), formada em conjunto pela missão militar dos EUA e pela Gendarmaria Nacional na França, eram os responsáveis pelos massacres.

Em 1971, com a morte de Papa Doc, sua “herança” passou para seu filho, Jean-Claude Duvalier, então com 19 anos e sem nenhuma experiência política. O “Baby Doc” assumiu a presidência do Haiti, dando continuidade às perseguições políticas e de violência na sociedade haitiana, havendo violações sistemáticas dos direitos humanos, centenas de casos de tortura e de jornalistas que foram maltratados. Os protestos populares contra o regime ditatorial intensificaram-se e, de certa forma, o governo de Ronald Reagan obrigou Baby Doc a deixar o poder em 1986, quando ele fugiu para a França em com mais de 30 milhões de dólares dos cofres do Estado.

Com o fim da ditadura militar em 1986, o país estava num processo de luta de interesses entre os partidos de esquerda e os que combateram durante os anos 1980 para acabar com os dramas do regime. Logo no processo de redemocratização do país, surgiu uma nova conjuntura político-econômica vinculada ao consenso de Washington de 1989, essa onda dos governos neoliberais na América Latina e no mundo vai implicar ou impactar de forma drástica nas economias dos países da periferia.

### **2.1.12 O período da redemocratização pós-ditadura militar: projeto onusiano, abertura do mercado do Haiti**

Na região latino-americana, compreendemos que cada processo ocorrido num determinado território (país) em determinado intervalo de tempo também ocorrerá em outro país, mesmo que seja mais tarde sob outra forma. Portanto, os países da região geralmente vivem as mesmas experiências políticas, por exemplo: os golpes de Estado, as ditaduras militares, os governos populistas, as intervenções da hegemonia norte-americana na região, etc. A entrada em uma nova fase de globalização na década de 1970 reaviva a necessidade de cooperação global, e este foi o momento no qual se intensificaram os desequilíbrios financeiros e econômicos, as ameaças ao meio ambiente e as desigualdades sociais globais, o que apontava para a necessidade de regulamentação da globalização. A partir desses elementos apresentados, então, não pode-se falar mais da singularidade do Haiti.

O Haiti, sendo o primeiro país independente da América Latina e segundo na América em geral, é considerado como o país mais pobre da região hoje em dia. O estudo panorâmico da América Latina e Caribe pode nos esclarecer melhor sobre aspectos distintos em cada país, a saber: a economia, a política e o comportamento da estrutura sociocultural.

Devido às mudanças tremendas que, certamente, estão sendo feitas na estrutura social, cultural, econômica e política do Haiti desde os anos 1980, e que vão se ampliar e fortalecer com a queda do regime ditatorial de Duvalier em fevereiro de 1986, Manigat na sua teoria de crises destacou quatro tipos de crises que assolam a realidade contemporânea haitiana: 1) crise conjuntural; 2) crise estrutural; 3) crise sistêmica e 4) crise existencial (ou de sobrevivência). Há também uma segunda hipótese formulada pelo autor, afirmando que a situação atual haitiana apresenta um cenário de crise geral, com três grandes componentes entrelaçados: “uma crise do processo de liberalização-democratização nos escombros de uma sociedade tradicional moribunda e uma verdadeira crise de sobrevivência, a crise existencial do país haitiano” (MANIGAT, 2007, p. 71).

Mantendo-se essas ideias em consideração, argumentamos que o atual problema do Haiti já estava germinando desde a morte de Jean-Jacques Dessalines em outubro de 1806, o que deixou uma luta constante entre pequenos ou grandes



proprietários de terras (mulatos) e os ex-escravizados (negros sem terras). Para proteger a oligarquia mestiça, como vimos anteriormente, os mulatos mantiveram o controle do poder e tentaram centralizá-lo, efetivamente, algo com raízes estruturais cuja origem remonta à tragédia do imperador e que pioraria depois da morte de Henry Christophe em 1820, certamente após a unificação do país sob a dominância dos mulatos.

Vincular a discussão sobre a nova conjuntura política e econômica da região latino-americana e do Caribe especificamente ao caso do Haiti, sabemos que é muito complexo. Os fatos reais da conjuntura ou da estrutura econômica e sociopolítica haitiana pós-ditadura ou nos últimos 30 anos (1986-2016) têm explicações profundas e complexas. Obviamente, é preciso analisar a evolução da economia haitiana através das políticas macroeconômicas adotadas pelos governos haitianos nesse período a ser estudado para poder elucidar certos elementos ocorridos na evolução da economia do país.

De ponto de vista político o Haiti entrou em uma nova fase da sua história em 1986, com o chamado “processo de redemocratização”. Do ponto de vista econômico, a América Latina estava endividada e os cientistas sociais chamam o período de “década perdida” (1980-1990). O Haiti teve um crescimento econômico na década anterior à de 1980, mas as crises de 1980 interromperam o crescimento da economia haitiana, além de sofrer também o impacto das políticas macroeconômicas, que tiveram desdobramentos internos e externos na evolução da estrutura do Estado haitiano. Resumidamente, os problemas estruturais enraizados na coluna vertebral da sociedade haitiana (sociais, políticos, econômicos) somados à onda da globalização e as práticas da política econômica neoliberal, fazem com que o país esteja na pior situação desde que ele existe e até o presente momento sofrendo os impactos das medidas tomadas desde então.

### **3. CAPITULO II**

#### **3.1 ATIVIDADES ECONOMICAS DO HAITI E SUA EVOLUÇÃO COMERCIAL NOS SECULOS XIX E XX**

##### **3.1.1 Uma visão no contexto da América Latina**

De acordo com a literatura econômica latino-americana, o século XIX e no início do XX foram marcados pela implantação das empresas estrangeiras na maioria dos países. Os britânicos, franceses e espanhóis foram os principais investidores na América Latina naquele período, garantindo assim os governos dos países beneficiados da região de acordo com seus interesses. Os governos dos países latino-americanos deixaram seus países serem explorados para o benefício das nações europeias. Mais tarde, os Estados Unidos foram substituir os países europeus preservando a América Latina conforme a declaração de Monroe (1823), e os interesses estratégicos e econômicos permaneceram iguais, de fato, favorecer a criação de uma burguesia agrária independente na região.

Conforme GALEANO (2014, p.18), “a América latina é a região das veias abertas”. Segundo o autor, de uma primeira tudo foi transformado em capital europeu, depois seria a vez dos norte-americanos.

Conforme Furtado, as primeiras décadas do século XIX foram marcadas, na América Latina, pelas lutas de independência e pelo processo de formação dos Estados Nacionais. “As burguesias liberais que lideraram ou apoiaram os movimentos de independentes em Buenos Aires e em Caracas não estavam em condições de organizar sistemas de poder capazes de substituir-se à antiga Metrópole” (FURTADO, 2007, p. 78). O próprio autor ressaltou que o México constituiu um caso à parte dos demais países, abrindo um processo de contestação à própria ordem social, o fato de se isolar da metrópole, e isto teve repercussões muito grandes na vida política do país.

Segundo a historiografia geral da região, destacamos que o caso do Haiti foi marcado quase pelos mesmos fatos e acontecimentos, no sentido de ressaltar que havia guerra civil três anos após a independência (luta pelo poder e criou-se uma situação de instabilidade social). Na inserção do comércio internacional dos países

latino-americanos, Furtado destacou três tipos de economia exportadora de produtos primários:

- a) Economia exportadora de produtos agrícolas de clima temperado;
- b) Economia exportadora de produtos agrícolas tropicais, e
- c) Economia exportadora de produtos minerais.

Conforme ao autor, o primeiro tipo se refere à Argentina e ao Uruguai, neste caso, a produção agrícola, no uso extensivo da terra se destinou a concorrer com a própria produção interna dos países em processo de industrialização rápida. O segundo tipo, refere-se aos países exportadores de produtos agrícolas tropicais – os países incluídos foram: o Brasil, a Colômbia, o Equador, a América Central e o Caribe, inclusive a ampla parte da região do México e da Venezuela. De acordo com o mesmo autor, a inserção dos países mencionados nesta categoria no mercado e/ou no comércio internacional se realizou em concorrência com áreas coloniais e com a região escravista dos Estados Unidos. Por fim, o terceiro tipo destacado pelo autor corresponde aos países exportadores de minerais, na qual incluiu os seguintes países: o México, o Chile, o Peru e a Bolívia. A Venezuela vai integrar-se a esta categoria como exportador de petróleo, no terceiro decênio do século XX (FURTADO, 2007).

Como foi destacado pelo economista brasileiro Celso Furtado no prefácio de “Formação Econômica da América Latina”, “o estudo do desenvolvimento econômico dos países latino-americanos vem despertando crescente interesse tanto na Europa e nos Estados Unidos como nos países do Terceiro Mundo em geral” (FURTADO, 2007, p. 25). No que se refere ao desenvolvimento, Furtado chama de “desenvolvimento tradicional” a expansão das exportações, o que transformará os países da região em economias, em grande medida, concorrentes. Também foi observado por vários economistas latino-americanos que as economias da região são dependentes dos produtos manufaturados de fora da região, ou seja, os países da região latino-americana exportam majoritariamente matérias-primas e importam produtos industrializados.

A transição para uma economia industrial dependeu de uma série de fatores de acordo com o mesmo autor:

a. Natureza da atividade exportadora, da qual depende a quantidade relativa de mão-de-obra a ser absorvida no setor de produtividade elevada e em expansão; b. Tipo de infraestrutura exigido pela atividade exportadora; c. Propriedade dos investimentos realizados na economia de exportação; d. Taxa de salário que prevalece no setor exportador na fase inicial, a qual depende principalmente das dimensões relativas do excedente de mão-de-obra; e. Dimensão absoluta do setor exportador, que reflete na maioria dos casos a dimensão geográfica e demográfica do país (FURTADO, 2007, p. 175-176).

Ainda de acordo com mesmo autor, o México e a Argentina foram os dois principais países da América Latina que conheceram um grau significativo de industrialização antes da Primeira Guerra Mundial. Assim se caracterizavam as economias dos dois países: primeiramente, no caso mexicano, a industrialização tem seus inícios em fase anterior à grande expansão das exportações, enquanto na Argentina a atividade exportadora gerava diretamente uma importante massa de poder de compra em mãos da população.

Partindo da mesma lógica de análise do processo de industrialização dos países da região, Vânia Bambilra (2015) entende o caráter das contradições do capitalismo dependente na fase da integração monopólica mundial e, no objetivo de superar a explicação e a ideologia desenvolvimentista e por sua vez, contribuir para a reformulação das concepções políticas alternativas, propõe uma nova tipologia dos países latino-americanos a partir de dois grandes tipos de estruturas dependentes: o tipo A, constituído por países cujo processo de industrialização começou a partir das últimas décadas do século XIX, sendo os principais países incluídos nesta categoria Brasil, Argentina, México, Uruguai, Chile e em menor medida Colômbia e o tipo B, composto por aqueles onde tal processo ocorrerá a partir da II Guerra Mundial, controlado diretamente pelo capital estrangeiro, países tais como Peru, Venezuela, Equador, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, El Salvador, Panamá, Nicarágua, Honduras, República Dominicana e Cuba. A autora sugere que seria possível estabelecer um terceiro tipo C, com os países de estrutura agrário-exportadora, sem diversificação industrial, incluindo Paraguai, Haiti e, talvez, Panamá. O quadro 3.1. ilustra a tipologia elaborada pela autora:

**Quadro 3.1. – A tipologia dos países da região**

<b>TIPO A</b>	<b>TIPO B</b>	<b>TIPO C</b>
<b>De industrialização antes da década de 1940</b>	<b>De industrialização pós década de 1940</b>	<b>Sem diversificação industrial</b>
Argentina	Peru / El Salvador	Paraguai
México	Venezuela / Panamá	Haiti
Brasil	Equador / Nicarágua	Panamá
Chile	Costa Rica / Honduras	
Uruguai	Guatemala / Bolívia	
Colômbia	R. Dominicana	

Fonte: O capitalismo dependente latino-americano (BAMBIRRA, 2015).

Ao desenvolver seu trabalho, analisando o impacto das transformações no sistema capitalista mundial, Bambirra (2015) afirma que a região latino-americana estava no momento em que se inicia uma nova fase do processo de integração dos povos do continente ao sistema capitalista mundial. Nessa nova fase, a expansão e a integração do capital se orientam não apenas pelo domínio das fontes de matérias-primas e dos mercados, mas também e, sobretudo, pelos investimentos nos setores manufatureiros dos países dependentes latino-americanos e caribenhos. Deste modo, o continente recebeu fluxos significativos de capital estrangeiro naquele momento obviamente para sua produção industrial.

Conforme as palavras de Manigat:

L'Amérique latine de la décennie 1888-1897 est en pleine mue ou en pleine crise, non seulement dans ceux des pays qui sont en avance du peloton comme l'ABC (Argentine, Brésil, Chili), l'Uruguay et le Mexique, mais aussi dans les autres : Équateur, Colombie, Pérou, Bolivie, Haiti, République Dominicaine par exemple. Mue ou crise de type endogène certes, comme on l'a vu. Mais aussi exogène puisque c'est l'époque où l'Amérique latine

s'intègre dans l'économie mondiale propulsée par le capitalisme industriel et financier au stade de la concentration monopolistique et de l'imperialisme et subit, avec la pression de la compétition internationale, la loi de la division internationale du travail découlant de la révolution industrielle et technologique réalisée en Europe et aux Etats-Unis (MANIGAT, 1991, p. 57).

Segundo a lei de Say, “a oferta cria sua própria demanda”. Então, a demanda pelos produtos primários latino-americanos era significativa. O capital estrangeiro tomou o controle do destino econômico dos países como os casos do Brasil, Argentina e em outros países da região. Não obstante, o capital estrangeiro tem o papel de motor nas economias e uma rede bancária, partindo da iniciativa estrangeira, foi implantada nos países da América do Sul (BAMBIRRA, 2015; MANIGAT, 1991).

Ao investigar o modelo de modernização latino-americana, Manigat escreve:

Sous la pression de la compétition internationale et sous l'aiguillon et les besoins du modèle européen que les élites latino-américaines admirent et imitent, la modernisation devient une nécessité. Un capitalisme venu d'ailleurs (Europe, puis États Unis d'Amérique) et qui, avec ses capitaux, ses techniques, ses services et ses hommes, a du dynamisme à exporter, vient y répondre. «Sans le capital européen, écrit Garcia Calderón en 1912, il n'y aurait eu en Amérique latine ni gouvernements stables, ni chemins de fer, ni ports » (MANIGAT, 1991, pp. 95-96).

Pois bem, pretendemos investigar o caso haitiano com base na literatura mencionada anteriormente, além de outras fontes. Vale deixar claro que até hoje, no século XXI, o investimento no Haiti é dificultado por vários problemas centrais e básicos: a) a infraestrutura é fraca; b) problema de energia elétrica; c) água potável etc. Apesar da instabilidade política crônica, estrutural, o cenário político no Haiti esteve predominado por dois partidos políticos: o partido liberal (*le pouvoir au plus capable*) e o partido nacional (*le pouvoir au plus grand bien et au plus grand nombre*).

### **3.1.2 Uma análise diagnostica da realidade haitiana no fim do século XIX e a evolução das exportações do Haiti no século XX**

Como foi visto na seção anterior, são grandes as barreiras e dificuldades enfrentadas pelo Haiti pós-dependência para se inserir no mercado internacional. A França, como ex-metrópole, apesar de sua derrota militar, impõe condições financeiras absurdas para o reconhecimento da nova nação, sua ex-colônia. O Haiti concorda em pagar a indenização à França para sair do isolamento diplomático. A partir de então, desde 1825, os dois países mantêm suas relações comerciais e diplomáticas. Também vimos a posição dos EUA em relação à primeira nação negra independente. Eugène relata que as relações franco-haitianas foram normalizadas até treze anos depois da exigência de Charles X, pelo tratado de 12 de fevereiro de 1838:

Charles X ne reconnut donc pas l'indépendance haitienne comme un fait, comme un droit acquis par le peuple haitien à prendre dans le rang des peuples libres, mais comme une faveur concédée en échange des avantages commerciaux et financiers stipulés par l'ordonnance du 17 avril 1825. Admettre que c'est la sanction royale qui a rendu Haiti véritablement indépendant, revenait à annuler la fameuse déclaration d'Indépendance du 1<sup>er</sup> janvier 1804 dont les haitiens sont si fiers (EUGENE, 2003, p.146).

Os principais parceiros comerciais do Haiti no século XIX e até metade do século XX foram os Estados Unidos, França e Alemanha. Estes três países absorveram 68% das exportações haitianas. Os dois países europeus citados especialmente exportaram o café do Haiti, porém existia a contribuição de outros países do continente europeu na exportação haitiana que não tiveram resultados muito relevantes se comparados com as potências europeias mencionadas (ALVAREZ, 2016).

Antes de analisar as relações haitiano-americanas, é preciso abrir parênteses para o caso de Alemanha e da França. No final do século XIX, o presidente Salomon oferece a nacionalidade haitiana a todo empresário estrangeiro que deseja investir criando uma fábrica (usina) no Haiti.

Em cette fin du XIXe siècle, Haiti aspire à une modernisation de ses infrastructures et utilise pour cela des capitaux extérieurs. Les projets, les contrats de concession et les traités de commerce se bousculent, multipliant les points d'ancrage de l'ingérence allemande au détriment de son ennemie

de 1870. La compagnie Transatlantique, société française de transport maritime, jouit du monopole en haiti. Toutefois, son service laisse à désirer, les mécontents se font entendre et se tournent vers les concurrences hollandaise et allemande [...], em 1909, la compagnie Hamburg-Amerika Linie (Atlas Line Service), la Deutsche Lloyd, sans omettre la Koninklijke Westindische Maildienst, desservent toutes les semaines les principaux ports de l'île et leurs navires sont trois fois plus nombreux que ceux de la Compagnie française (BERLOQUIN-CHASSANY, 2008, p. 146-147).

Ainda conforme Berloquin-Chassany (2004) no Haiti, entre 1890 e 1911, os cinco chefes de Estado sucessivos se esforçaram para preservar a independência. Durante esse período, a queda nos preços do café mudou as estratégias políticas do Haiti. Modernizar o país era essencial, pois as finanças exigiam apoio externo. A ajuda internacional não está isenta de objetivos lucrativos, e portanto a independência nacional era comprometida. Esta postura do Haiti dá acesso à resistência e interesses nacionais perseguidos pelas grandes potências. Durante os séculos XIX e XX as principais produções do Haiti foram na grande propriedade a plantação de cana-de-açúcar, e a pequena propriedade rural familiar, voltada para a subsistência com exceção das roças de café que permitem ao Haiti inserir-se ao comércio exterior ainda no século XIX (JORGE, 2014).

Um ano após o início da Primeira Guerra Mundial, como vimos anteriormente, de 1915 a 1934 o Haiti viveu a primeira longa ocupação. No discurso das autoridades estadunidenses naquele momento, o objetivo da invasão era garantir a paz, a estabilidade política e o desenvolvimento do Haiti (ALVAREZ, 2016). Uma das primeiras medidas das forças de ocupação foi reescrever a Constituição, a fim de favorecer aos Estados Unidos e fazer com que o Haiti fosse seu principal parceiro comercial. Vale ressaltar que as finanças públicas do governo haitiano eram dependentes unicamente das tarifas alfandegárias antes da ocupação. Com a chegada dos *marines*, tudo mudará obviamente devido às reformas que serão feitas ao longo da ocupação.

Entre 1916 a 1927, 87% das importações do Haiti vieram dos Estados Unidos. De acordo com Alvarez (2016) a partir de 1947 o presidente Dumarsais Estimé liquidou a dívida externa e recuperou o controle das aduanas e das finanças públicas. O período da ocupação (1915-34) foi marcado por grandes transformações



como, por exemplo: melhoria nas estradas, a profissionalização das forças armadas haitianas, a unificação alfandegária, era o momento no qual o país conheceu um projeto de desenvolvimento pautado pela tentativa de obrigar o trabalho camponês em grandes plantações, particularmente a produção de cana-de-açúcar, que era a base da economia haitiana, assim como outros produtos tropicais. Não obstante, a produção de cana foi posta sob o controle de empresários e funcionários norte-americanos, por meio da Companhia de Açúcar Haitiano-Estadunidense (HASCO). Após a ocupação, a empresa manteve o controle sobre o açúcar haitiano até o fim do regime duvalierista em 1987.

Ao estudar a evolução do comércio exterior de Haiti de 1915-1979, de acordo com as estimativas, 66% das importações totais de Haiti consistia em produtos provenientes dos Estados Unidos (ALVAREZ, 2016). O autor comentou que a representatividade do comércio com EUA é consideravelmente menor, portanto, as exportações do Haiti para os Estados Unidos representavam entre 40 e 79%, em seguida as da França.

Conforme Alvarez em seu trabalho intitulado “La evolución del comercio exterior de Haiti: 1915 – 1955” (2014), são identificadas três grandes fases nas relações comerciais do Haiti:

A fase A é de crescimento das exportações e importações entre 1915 e 1928. De acordo com o autor o período é caracterizado por uma queda quase de 22% das exportações especificamente nos anos 1914 e 1915, em 1916 havia uma ligeira recuperação, entretanto, a mesma tendência permaneceu até 1918. Segundo o autor, esse comportamento da economia haitiana é explicado pelos seguintes fatos: produto da interrupção dos fluxos comerciais, da escassez de meios de transporte e da virada para a economia de guerra. De 1920 até o fim da década, a fraqueza dos sistemas de produção e problemas financeiros determinaram a evolução do comércio exterior do Haiti.

Diante daquela situação, a resposta do Haiti e dos outros países exportadores de produtos primários foi: “aproveitar o momento para aumentar a oferta destes, sem considerar que em 1920 o mercado mundial estava mostrando sinais de saturação como refletido na queda de pouco mais de 30% que sofreram as exportações totais” (ALVAREZ, 2016, p.31). Conforme o mesmo autor, em 1928, as exportações mais

uma vez se recuperaram para mais de 45 milhões de dólares e logo as importações vão seguir a mesma tendência de recuperação. Neste primeiro período, a balança comercial do Haiti teve uma variação de 9,73% para as exportações e 5,51% para as importações, o que quer dizer a balança comercial foi superavitária.

A fase B ou o segundo período foi marcado entre 1929 a 1940, chamado de estancamento dos fluxos de comércio. Vale a pena ressaltar que as principais importações do Haiti foram produtos manufaturados, sobretudo têxteis e alimentos, e o café foi o produto crucial das exportações. Ainda o mesmo autor afirmou que a Grande Depressão foi uma fase de redução e estancamentos dos fluxos comerciais haitianos e argumentou que *“entre 1929 y 1932 las exportaciones presentaron una caída acumulada con respecto a 1928 de 140.48%, alcanzando un valor total de 7.65 millones de dólares constantes”* (ALVAREZ, 2016, p. 32). Nos anos seguintes, o país tentou recuperar a economia através de expectativas, porém, durante três anos as transações comerciais foram reduzidas novamente, e apenas em 1941 houveram sinais de recuperação das exportações e importações.

Os dois principais fatores que explicam os problemas enfrentados, de certa forma, considerados como um custo alto para economia haitiana e foram, primeiramente, uma menor demanda por seus produtos (café, outros produtos primários) e, por outro, o aumento dos produtos manufaturados exigidos pelo país insular não apenas para impulsionar o crescimento econômico, mas também para satisfazer as necessidades mais básicas da população.

A fase C ou o terceiro e último período destacado pelo autor foi de 1941 a 1955, chamado de recuperação e crescimento:

El comercio exterior retomó la senda del crecimiento hasta el inicio de la década de 1940, en el contexto de la Segunda Guerra mundial, que marca el inicio de la tercera fase en la evolución del comercio durante el periodo que analizamos. Tomando como referencia los 3.2 millones de dólares constantes que exportó Haití en 1940, tenemos que el crecimiento del valor total de las exportaciones creció a una tasa anual de 43.25% entre dicho año y 1955, que alcanzó un monto de más 191 millones de dólares, en tanto el valor de las importaciones creció a una tasa anual de 22.12% (ALVAREZ, 2014, p. 33).

O Haiti vem enfrentando desafios enormes para ter um bom desempenho no mercado internacional devido à sua estrutura e incapacidade produtiva, crise político-econômica estrutural, uma série de problemas internos do país e desastres naturais. No sistema internacional existe uma disputa de interesses acerca do país por parte dos grandes países poderosos, ou seja, o interesse das potências, como exemplifica o caso da primeira ocupação estadunidense na primeira década do século XX. A ocupação do Haiti por parte dos EUA supôs o lançamento de uma série de mudanças e ajustes nas instituições insulares – os EUA assumiram o papel de protetor do Haiti, o que implicou colocar o país insular sob sua tutela, assim como o fez na República Dominicana, em Cuba, Porto Rico, Nicarágua, Panamá e boa parte dos territórios caribenhos (ALVAREZ, 2016).

Graças ao aumento da demanda americana por alimentos e produtos estratégicos causados pela Segunda Guerra Mundial, entre 1947 e 1949 as tensões geradas pela Guerra Fria permitiram que o Haiti mantivesse uma boa trajetória no mercado internacional. O país manteve o alto nível de demanda por produtos primários durante a Guerra da Coréia (1951-1953). Outros fatores que explicam o crescimento econômico haitiano pós-guerra foram o desenvolvimento de novos produtos exportáveis com maior valor agregado e a reavaliação da mistura do café haitiano no mercado internacional, isto vem relativamente do esforço de substituição de importações e diversificação da base de exportação do Haiti. Desde 1952 houve um crescimento visivelmente mais lento, passando de 241,84 milhões de dólares para 261,99 milhões, em termos constantes; ou seja, uma taxa de crescimento de pouco mais de 8%, quando no ano anterior o crescimento foi de 71,38% (ALVAREZ, 2014).

Sabe-se que o Haiti é um local onde a geografia favorece desastres naturais, e em outubro de 1954 passou um furacão pela ilha que não chegou a atingir o Haiti com toda a força, já que chegou apenas com a metade da força total que o fenômeno atingiu - categoria 4 quando chegou a costa dos Estados Unidos. Entretanto, este furacão não somente teve impactos na vida humana como também teve consequências muito negativas e duradouras ao Haiti. O fenômeno destruiu uma parte significativa da cultura e dos dois principais produtos de exportação da ilha: 40% da colheita de café e 50% das plantações de cacau. Isso, num contexto de

declínio dos preços internacionais, foi um grande golpe para o setor primário-exportador e em totalidade da economia haitiana, se considerar que apenas o café gerou mais de 78 e 65% do valor total das exportações em 1954 e 1955, respectivamente.

No entendimento do autor, o objetivo da invasão foi contrariamente ao que disseram as autoridades norte-americanas:

De fato, garantir o serviço da dívida era o objetivo da invasão e ocupação militar dos EUA, e não o desejo de enviar o Haiti para o caminho do crescimento econômico e da democracia, como disseram as autoridades dos Estados Unidos. Prova disso é que em nenhum momento foram levantados para desenvolver um plano de desenvolvimento de médio ou longo prazo para o terço da ilha Española, mas sim, eles assumiram o controle dos recursos aduaneiros e instalaram um receptor geral similar ao que operava desde 1905 na outra parte da ilha, vizinha República Dominicana. E como neste último (caso do Haiti), eles decidiram que 50% da renda derivada do comércio exterior deveria ser destinada ao pagamento da dívida - que em 1915 ascendia a 124,4 milhões de dólares -, 5% à administração da alfândega e apenas 45 % para despesas públicas (ALVAREZ, 2014, p. 36).

Resumidamente, ao analisar a estrutura do comércio exterior do Haiti naquele período escolhido, foi elaborada pelo autor uma tabela em porcentagem das variações entre os produtos exportados e importados, as quais foram padronizadas assim: 1) a agricultura, silvicultura e pesca 2) mineração e pedreiras e 3) indústria. As importações haitianas foram dominadas por produtos de origem industrial que, em média anual, movimentam cerca de 96% das despesas com importações durante todo o período. O período de 1918 a 1928 foi representado pelas seguintes variações: 33,10% de produtos industriais (têxtil e do vestido); seguida por 31,01% de produtos industriais de alimentos e bebidas; uma variação de 6,95% de produtos químicos e farmacêuticos; 2,80% de produtos industriais petroquímicas; 2,05% de maquinaria, eletrodomésticos e de escritório; 1,80% de indústria automotriz e por fim 22,29% representadas por outros ramos (ALVAREZ, 2014, p. 37-38).

O segundo período, de 1929 a 1941, foi estruturado pelas seguintes variações de acordo com os dados tabulados conforme Alvarez (2014): Mais uma vez liderada por 33,95% de produtos têxteis e de vestuário; em seguida 21,57% de alimentos e bebidas; 10,47% de produtos da indústria química e farmacêutica; 6,09% de maquinaria, eletrodomésticos e de escritório; 5,44% de indústria petroquímica; 3,81% de indústria automotriz e 18,67% de produtos de outros ramos.

O terceiro período de 1942 a 1955 foi estruturado assim: ainda sob a liderança dos produtos têxteis e de vestuário, manteve quase o mesmo valor, 33,71% de variação; em seguida temos 20,78% de alimentos e de bebidas; 10,93% da indústria química e farmacêutica; 8,66% de maquinaria, eletrodomésticos e de escritório; 3,87% de indústria automotriz; 3,06% de indústria petroquímica e de outros ramos a variação foi de 19%.

A alta proporção de produtos têxteis e alimentos na despesa total das importações implicavam que a compra de máquinas e equipamentos para uso industrial e de escritório, máquinas, ferramentas e implementos agrícolas, carros e caminhões, equipamentos de transporte, ferro e aço, Combustíveis fósseis refinados e fertilizantes absorveram menos de um terço do gasto total com importações (ALVAREZ, 2014, p. 38-39).

Em relação às exportações, desde meados do século XIX a base de exportação haitiana era de “café verde” como foi destacado por vários autores, em seguida o algodão cru, madeira de Campeche e cacau. Devido à demanda alta por produtos primários e alimentos pós-Primeira Guerra Mundial, conforme Alvarez (2014 e 2016) apenas esses quatro produtos geraram mais de 96% do valor das exportações agrícolas e 87% do total das exportações haitianas. Devido à mudança nas condições internacionais e outros problemas durante as primeiras décadas do século XX, a participação desses quatro produtos nas exportações agrícolas e totais caiu para 89,85 e 79,46%, respectivamente.

A indústria haitiana consistia basicamente em produção artesanal cuja produção foi embasada em artigos como chapéus, bolsas e tapetes de palma ou sisal durante o tempo todo, exceto no caso da indústria açucareira, em que as usinas tradicionais deram lugar a máquinas mais sofisticadas - devido à Companhia

de Açúcar Haitiano-Americana (*Haitian American Sugar Company* -HASCO), que era uma das poucas empresas norte-americanas que permaneceram no país insular após a partida dos fuzileiros navais. Alvarez destacou que a partir de 1939 óleos essenciais começaram a serem produzidos e exportados do Haiti – o que explica o aumento da contribuição da indústria química ao total das exportações industriais. A conclusão feita pelo autor, é que:

Una economía que basa su crecimiento en las exportaciones requiere, por el propio funcionamiento del modelo, garantizar el aumento de productividad y la diversificación de su base exportable, así como una amplia red de mercados para sus productos. Y Haití mantuvo, primero, una base exportable reducida y, segundo, una doble dependencia: de un solo producto, el café y, en la práctica, de un solo mercado, primero Francia y luego Estados Unidos. El hecho de que ello no fuera raro en el contexto del Caribe y de América Latina, no hace que el hecho sea menos negativo para la evolución económica haitiana (ALVAREZ, 2014, p. 49).

O estudo da evolução econômica do país a partir dos meados do século passado nos permite compreender as principais variáveis que de forma direta e/ou indireta puderam influenciar o processo produtivo no Haiti nos últimos anos. Fièvre (1994) no seu estudo intitulado “*Chocs Externes et Ajustement dans une Petite Economie Ouverte: Le Cas d’Haiti (1960-1990)*” destacou três períodos distintos analisando a evolução do produto interno bruto (PIB): a) os anos 1966 e 1967 representados pelo fim de uma queda do PIB iniciado em 1962. Os ciclones desastrosos de 1963 e 1967 e problemas políticos internos impediram que o Haiti se beneficiasse de certa assistência internacional, e a economia é monoexportadora (sendo o café o principal produto exportado), assim o valor das exportações decresceu em média 3,55%; b) o período de 1968 a 1980 foi marcado por uma variação de crescimento importante das importações, porém, foram em média 20,65% das exportações – período de prosperidade econômica do Haiti na ditadura; c) os anos de 1981 a 1990, este intervalo foi marcado pelo declínio nas exportações com uma variação média de -1,98%. No contexto internacional e/ou regional o autor explica assim a queda do crescimento do Haiti:

La hausse des prix du café sur Le marché international (1981), la crise pétrolière (1980) provoquant une baisse du revenu des principaux partenaires commerciaux d'Haiti et, en dernier ressort, le début de la crise politique haitienne sont autant de facteurs qui ont influencé négativement les exportations au cours de la période de 1981-90. L'interruption de l'exploitation de la mine de beauxite à Miragoane en 1982 qui générait 14,77% en moyenne des revenus d'exportation provoqua une baisse importante de ces revenus (FIEVRE,1994, p.15).

A produção do café no Haiti já conheceu momentos de prosperidade, mas hoje o café haitiano contribui apenas com uma fração do comércio mundial. Em 1990, o país exportou 190.000 sacas de 60 kg de café. Em 2017, o Haiti exportou apenas 2.000 sacas de 60 kg de café, um decréscimo de 98,95% em relação às exportações de 1990. É perceptível que a produção do café no Haiti caiu por razões (fatores) externos e internos. Um dos fatores marcantes da queda da produção do café no Haiti é a problemática da política pública para apoiar os setores agrícolas no país (BERNADIN, 2018).

Enquanto para muitos países a política agrícola é crucial para fortalecer a competitividade do setor primário na economia mundial, no caso haitiano o governo mantém impostos sobre as exportações, e reduziu os impostos sobre as importações. De certa forma, essas políticas destroem toda a indústria agrícola (café, arroz, etc.). Além deste tipo de problema enfrentado pelo setor agrário no Haiti, é necessário ressaltar que o desmatamento e a erosão acelerada são fenômenos presentes na essência do Haiti, e são fatores ambientais os quais o governo não se esforça para impedir ou controlar. Em relação à situação haitiana hoje em dia, podemos dizer que a indústria agrária no Haiti é precária, e está em colapso a partir das últimas décadas.

Em relação ao estudo da evolução da economia haitiana, de acordo com o relatório feito pela CEPAL (2007) sobre o período de mais de meio século entre 1950 e 2006, o desempenho econômico mais notável - com uma taxa de crescimento de apenas 1,8%, em média - foi obtido durante o período de 1950-1980. Para retomar esse caminho modesto, a taxa de crescimento da economia haitiana

por ano deve ser de 4,2%, em média durante as duas décadas seguintes, taxa que, em termos históricos, foi registrada entre 1967-1980 (4,4%).

### **3.1.3 Panorama do estudo de investimento no Haiti no início do século XX**

O investimento direto estrangeiro (IDE), segundo Quazi (2007) é elemento-chave da globalização e da economia mundial, é um motor de emprego, de progresso tecnológico, de melhorias de produtividade e de crescimento econômico. Além das dificuldades enfrentadas pelo Haiti durante a sua evolução econômica, já vimos que outros países da região se beneficiaram de recursos e investimentos dos países da Europa, e mais tarde do investimento estadunidense. Conforme a Alvarez (2014) o Haiti não possuía nenhuma fonte de moeda estrangeira além do comércio exterior para cobrir suas obrigações externas e a compra de bens importados. Segundo o autor, o investimento estrangeiro, que era uma fonte alternativa de moeda estrangeira, foi bastante escasso em todo o período do estudo. Como foi discutido na seção anterior relativamente a este período sobre a propaganda de certos presidentes haitianos para atrair investidores estrangeiros, em 1918, por exemplo, o investimento alemão chegou a US \$ 1 milhão e o dos Estados Unidos, que era seu principal investidor, atingiu 17,3 milhões em 1919 - apenas 2 milhões a mais do que em 1915 – o que aumentou nos anos seguintes, mas em um ritmo tão lento que em 1924 o investimento total foi de 17,9 milhões de dólares. Em 1929, no entanto, havia sido reduzido para 13,8 milhões de dólares, sem perspectivas de melhoria. De fato, os interesses dos EUA no Haiti foram estimados em 14,2 milhões de dólares em 1943.

### **3.1.4 Ideias sobre o IED na região os momentos atuais: o caso do Haiti**

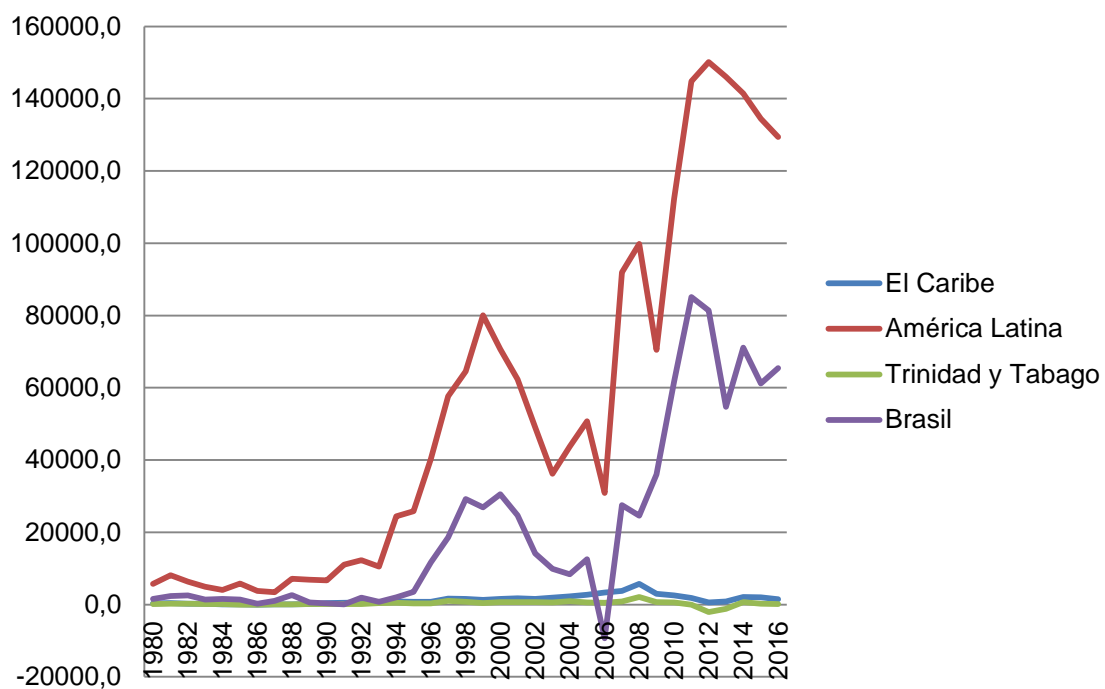
Na América Latina e no Caribe, o investimento é majoritariamente privado. De acordo com a CEPAL (2018), em média o investimento privado representa 75% a 80% do investimento total, e o do público apenas 20% a 25% em total. Segundo a análise feita pela mesma instituição da evolução do investimento público entre 1980 a 2017, mostra que há uma tendência de queda no investimento público nas economias latino-americanas, contrariamente para o investimento privado que tende



a aumentar. Como proporção do PIB, de 1995 a 2017 existe uma trajetória tendencial positiva em que o investimento cresceu de 18,5% para 20,2%. O gráfico 3.1 nos ilustra bem essa realidade de tendência crescente do IED da região. Uma das observações que fazemos é que os recebimentos dos IED do Brasil são muitas vezes maiores do que toda a região caribenha. Ainda conforme o mesmo relatório da CEPAL:

Para aumentar o investimento e melhorar sua composição em termos de produtividade e inovação, é necessário ampliar a capacidade produtiva e proporcionar incentivos ao investimento do setor privado. Por outro lado, a queda do investimento público não é uma tendência que deva manter-se no tempo, já que isso enfraquece a capacidade de provisão de bens públicos por parte dos governos da região, o que por sua vez teria um efeito adverso no crescimento. A análise apresentada demonstra que o investimento público pode gerar um efeito de atração (crowding-in) do investimento privado e que, por conseguinte, as políticas econômicas que visem a aumentar o investimento devem potencializar a inter-relação entre ambas (CEPAL, 2018. p. 12).

**Gráfico 3.1. : IED líquido na América Latina**



Fonte: realizado com os dados do CEPAL, 2018.

Numa conferência no México, a secretária executiva da CEPAL, Alicia Bárcena, apela aos governos para incentivar a qualidade IED em compatibilidade com o desenvolvimento sustentável, especialmente para promover uma mudança na estrutura produtiva dos países que permitiriam atingir a Agenda 2030 e as metas de desenvolvimento sustentável (ODS). De acordo com o relatório “IED na América Latina e no Caribe 2018” da CEPAL, as principais fontes de IED na região em 2017 foram a União Europeia e os Estados Unidos. A Europa domina na América do Sul, enquanto os Estados Unidos continuam sendo o maior investidor no México e na América Central. Segundo o documento, as energias renováveis, as telecomunicações e a indústria automobilística são os principais setores que captaram esses fluxos de IED. No entanto, o setor de energia renovável foi o principal beneficiário de novos projetos de investimento estrangeiro direto em 2016 (com 18% do valor total anunciado), e o segundo em 2017, após o setor de telecomunicações, segundo a CEPAL. Chile, Brasil, México e Argentina recentemente alteraram seus regulamentos para incentivar o investimento em energia renovável sem ter que oferecer subsídios.

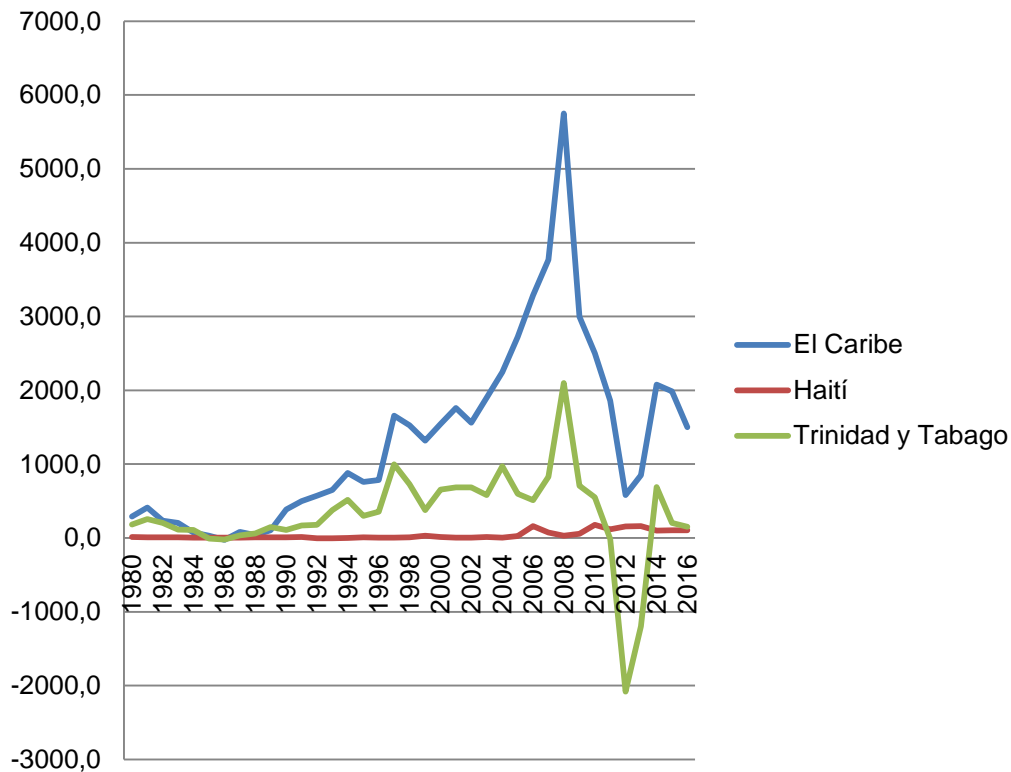
O relatório da Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal) disse que uma análise de médio prazo, o declínio continuado da FDI desde 2011 pode ser explicada por preços mais baixos das commodities de exportação, que têm reduzido significativamente os investimentos em indústrias extrativas e a recessão econômica ocorrida em 2015 e 2016, principalmente no Brasil. Essas duas tendências, no entanto, foram parcialmente revertidas em 2017, quando a região retomou o crescimento (1,3% do PIB) e os preços do petróleo e do metal subiram. Este aumento dos preços causou rentabilidade do investimento recuperado depois de vários anos de declínio, o que também empurrou o reinvestimento dos lucros, mas não foi suficiente para recuperar o IDE nas indústrias extrativas, disse. (CEPAL, 2018, s/p).

Em uma análise de médio prazo, a CEPAL atribui a queda contínua do IED desde 2011 à queda dos preços dos produtos de exportação, uma redução significativa no investimento nas indústrias extrativas e a recessão econômica ocorrida em 2015 e 2016, principalmente no Brasil. Segundo a Agência Brasil (2018), em 2016 a grande maioria dos países da região registraram quedas nas entradas de IED e em 2017 os investimentos estrangeiros diretos subiram na

maioria deles, mas o recuo na média geral se deu por causa das quedas no Chile (-48%), no México (-8,8%) e no Brasil (-9,7%).

A América Central cresceu pelo oitavo ano consecutivo (para 13.083 milhões de dólares), o aumento registrado no Panamá se destacou, alcançando 6.066 milhões de dólares. No Caribe, os fluxos aumentaram 20%, para 5,835 bilhões de dólares, dos quais metade (60%) foi para a República Dominicana, no ano de 2017, a República Dominicana recebeu US\$ 3,57 bilhões em IED, um aumento de 48,3% em relação ao ano anterior. A República Dominicana é seguida de longe pelas Bahamas com 928 milhões de dólares de IED (16%) e Jamaica com 649 milhões de dólares (11%). Não há informações disponíveis sobre os fluxos de IED para Cuba. Nesses países, o aumento dos investimentos na área turística tem sido muito importante, mas eles também cresceram no setor de recursos naturais na Jamaica e na Guiana.

Para o Haiti no ano de 2017 os fluxos de IED saltaram para 375 milhões de dólares, contra 105 milhões no ano anterior. Em 2016, graças à Hope Act, as exportações de roupas do Haiti para os Estados Unidos atingiram US\$ 849 milhões, o que representa 90% das exportações do país e 10% do PIB nacional, e empregou 40.000 pessoas, dois terços dos quais eram mulheres. Apesar do crescimento, o Haiti representa apenas 1% das importações de vestuário dos EUA, uma proporção maior do que a da República Dominicana, mas inferior à Guatemala, El Salvador, Honduras ou Nicarágua. De acordo com o novo relatório anual da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (CEPAL), este aumento é devido principalmente à aquisição de DINASA, o principal distribuidor de combustíveis no país, pela companhia francesa (RUBIS).. O gráfico 3.2 nos ilustra a evolução dos IED na região caribenha, apesar da entrada dos investidores estrangeiros no caso do Haiti nas últimas décadas, isso não tem muita significância no fluxo total dos IED da região. A Trinidad e Tobago é uma das maiores economias no CARICOM recebe muito mais do IED que o Haiti.

**Gráfico 3.2.: Evolução do IED na região caribenha**

Fonte: realizado com os dados do CEPAL, 2018.

## 4. CAPITULO III

### 4.1 DESEMPENHOS DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS RECENTES DO HAITI: DESAFIOS E FATOS

Esta seção se concentrará sobre o desempenho das atividades econômicas do Haiti nas últimas décadas. O Haiti, no momento da sua redemocratização, pós-ditadura militar (1957-1986), apresenta desafios enormes pois, como já vimos nas seções anteriores, existem crises crônicas vinculadas aos aspectos político, econômico e social durante toda a evolução da história econômica do Haiti. Ao vincular a discussão sobre a nova conjuntura política e econômica da região latino-americana e caribenha, especificamente o caso do Haiti, sabemos que é muito problemático. Este capítulo leva alguns fatos em consideração: históricos, políticos e até naturais da conjuntura de (1986-2016). A saber, o golpe de 1991 e suas consequências; em 2004, crise política e a passagem de Jeanne (desastre natural); em 2008 foi a crise

financeira e enquanto o Haiti ia sofrer em setembro deste ano outro desastre natural e logo em 2010 haverá um novo fenômeno natural desastroso (terremoto de 12 de janeiro). Por fim, esta seção faz o levantamento de dados macroeconômicos para ver o comportamento real do mercado do Haiti e parcialmente fazemos comparação usando, por exemplo, o PIB e PIB Per capita do Haiti e Brasil, sendo um líder na região latino-americana.

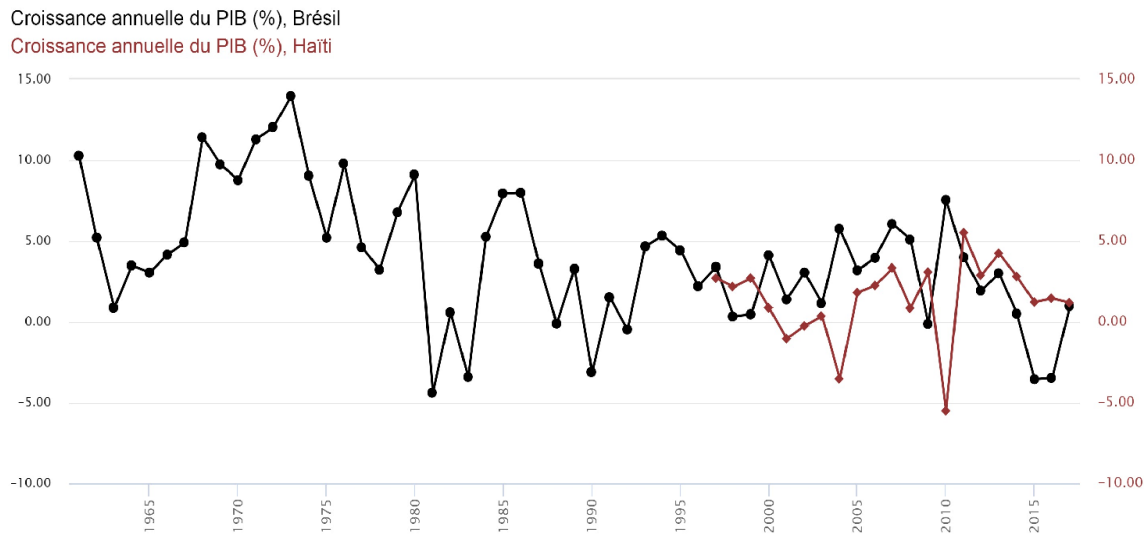
#### **4.1.1 Haiti: Desempenho econômico e fatos**

O Haiti foi deixado para trás por uma maior instabilidade política e macroeconômica, com um menor nível de investimento em infraestrutura, problemas (catástrofes) naturais, etc. De fato, para tentarmos compreender a conjuntura socioeconômica do país, usaremos os indicadores socioeconômicos empíricos. Assim, a metodologia para esta seção tem dois aspectos: um qualitativo e outro quantitativo. O enfoque desta seção é entender a evolução da taxa de crescimento do PIB do Haiti diante do contexto da realidade haitiana nos últimos 30 anos pós-ditadura militar.

#### **4.1.2 Uma visão comparativa da evolução da taxa de crescimento do PIB: Haiti e Brasil**

Nas últimas décadas a região latino-americana e caribenha apresentou tendências comuns em quase todos os seus países. Pode ser devido às influências das culturas de um país sobre outro, ou talvez seja uma questão da localização geográfica, ou por causa da aplicação de políticas macroeconômicas de maneira semelhante. Entretanto, é certo que existem semelhanças nas economias dos países da região. Entre os fenômenos políticos comuns vividos pelos países estão as ditaduras ou regimes militares. No final da maioria dos regimes, especificamente no início da década de 1980, havia uma grave crise econômica – a chamada de “crise da dívida”, e nos últimos anos está presente o grande fenômeno político-econômico, vigente até a atualidade, o chamado neoliberalismo ou processo de reabertura das economias.

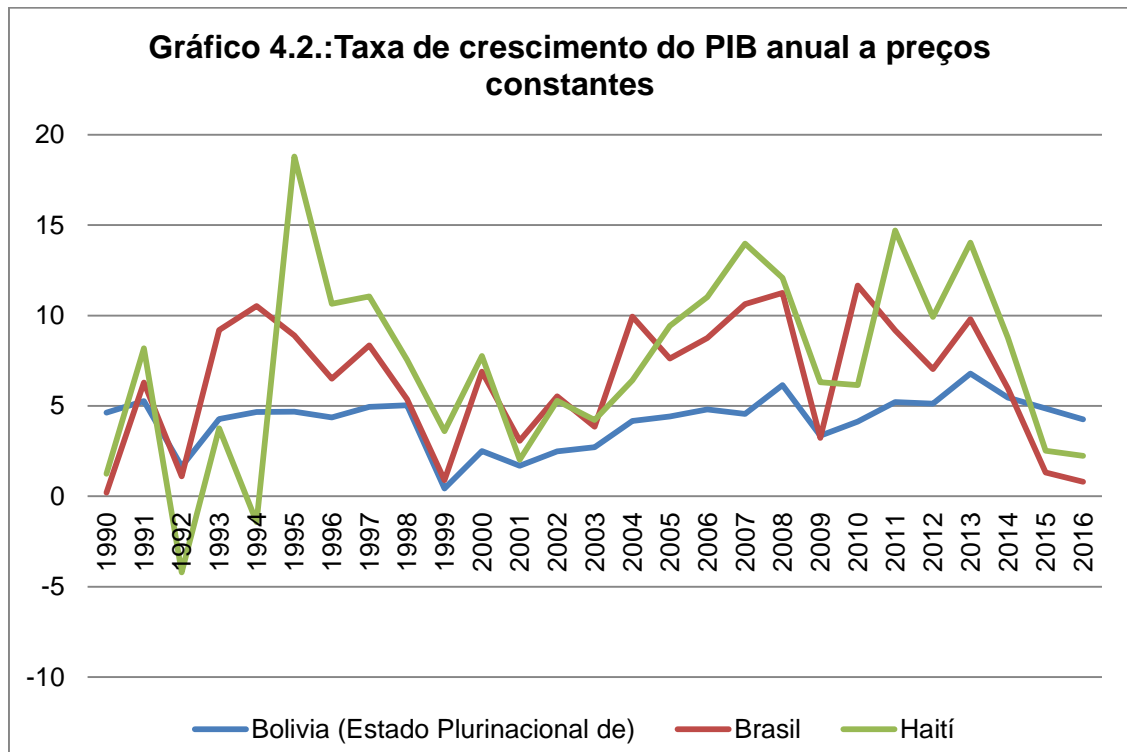
### Gráfico 4.1. Evolução da % do PIB do Brasil e Haiti



Fonte: Banco Mundial, 2018.

Como pode ser observado acima, o gráfico 4.1 representa a evolução da taxa de crescimento do PIB do Brasil e do Haiti. Ambas as economias apresentaram praticamente a mesma tendência de queda e de crescimento. O que nos chama atenção é que o Brasil viveu um período militar de 1964 a 1984, ou seja, foi um longo período de opressão. Percebemos que a variação percentual do PIB teve uma tendência crescente desde o início do período militar até 1980.

Ao acrescentar a Bolívia na análise da performance dessas três economias nos últimos anos, conforme gráfico 4.2, percebemos que quase existe uma mesma tendência de queda e de crescimento para os três países apresentados no gráfico na evolução da taxa de crescimento do PIB anual a preços constantes deles.



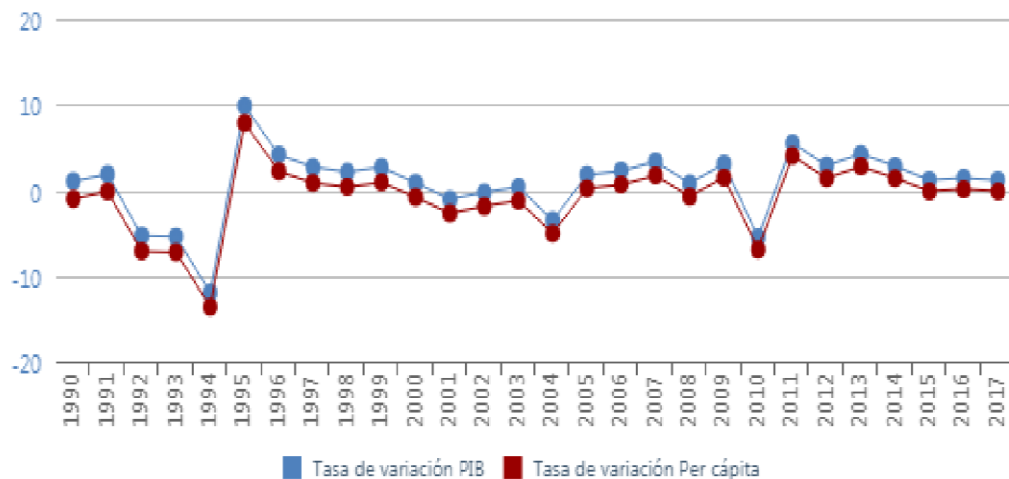
Fonte: CEPAL (2018).

Em 2000, de acordo com a estimativa do Banco Mundial (2018) a economia haitiana teve uma taxa de crescimento real ao PIB de 0,9%, o que equivale a um total de 3,95 bilhões de dólares do PIB. Em 2010, a taxa de crescimento real do PIB era negativa, ela foi de -5,5% cuja estimativa do PIB em termo de valor foi de 6,62 bilhões de dólares. A estimativa do PIB do Haiti foi de US\$ 19,93 bilhões em 2017, US\$ 19,64 bilhões em 2016 e US\$ 19,41 bilhões em 2015; respectivamente, a taxa de crescimento real do PIB foi de 1,2%, 1.5% e 1.2% (FACTBOOK, 2018). O Haiti, atualmente, é o país mais pobre do hemisfério ocidental. Em 2011, pós-terremoto, teve um crescimento de 5,5% no PIB. Não obstante, o crescimento desacelerou para menos de 2% em 2015. Sabe-se que a economia possui três setores fundamentais, a composição do PIB por meio de cada um destes setores no mercado haitiano em 2017 foi de 21,9% no setor primário (agricultura), 20,8% no setor industrial e 57,3% no setor de serviços.

Como é bastante observável no gráfico 4.3, podemos ver a evolução da variação do crescimento do PIB de 1990 a 2017 e a evolução da taxa percentual do PIB per capita. De 1991 a 1994 teve uma queda enorme na taxa de crescimento do PIB real, período caracterizado pela derrubada do primeiro presidente do período de

redemocratização do Haiti, Jean Bertrand Aristide, eleito democraticamente em setembro de 1991. Desde então a democracia haitiana foi ameaçada e o processo de golpe leva o país a sua pior crise pós-ditadura.

**Gráfico 4.3.: Taxa de evolução do PIB e do PIB per capita, 1990-2017.**



Fonte: CEPAL (2018).

O que nos parece pertinente e evidente para explicar essa queda na taxa de crescimento do PIB é que em 1990, após a restauração do processo democrático sob a pressão internacional, o presidente Aristide foi eleito contra o candidato pró-americano Marc Bazin, com 67,4% dos votos, no primeiro turno. Pela primeira vez a participação, apesar de disputada, excedeu o 60%. Em setembro de 1991, Jean-Bertrand Aristide, eleito presidente sete meses antes, foi vítima de um golpe de Estado e derrubado por militares comandados pelo general Raoul Cedras, forçando-o ao exílio nos Estados Unidos. Economicamente, o FMI ameaça bloquear a sua ajuda se prosseguir a reforma agrária no país. Em 1992, o Conselho de Segurança da ONU impôs embargo de combustíveis ao Haiti e, em 4 de junho de 1993, o presidente Clinton impôs novas sanções direcionadas à liderança haitiana. Segundo Booth:

Assim como o governo Clinton planejou, o embargo quase total está destruindo a economia formal do Haiti, atrasando o relógio na época em que não havia eletricidade, refrigeração ou remédios e poucos empregos fora do horário de trabalho (BOOTH, 1994, p.1)



Como pode ser percebido nos gráficos anteriores (4.2; 4.3) o ano de 1995 foi marcado por uma taxa de crescimento do PIB um pouco significativa comparando com os outros períodos no caso do Haiti. Conforme o IHSI (1997) essa taxa foi de 4,4% em 1995, e o que leva a essa mudança no PIB a retirada das sanções econômicas e comerciais e a retomada da cooperação internacional (início de 1995), o que levou a vários setores da economia começaram a se desenvolver significativamente. Entre 1995-1996, os três setores da economia repartiram o PIB por essas taxas: o setor primário teve uma taxa de 32,5% do PIB, o setor secundário foi de 19,3% e por fim o terceiro setor da economia (terciário) teve uma taxa de 48,2% do PIB.

Ainda de acordo com o mesmo instituto (IHSI), o setor agrário teve enormes dificuldades de ordem estrutural e conjuntural, por isso ele apresentou uma taxa de crescimento negativa de -0,3%. Para o setor secundário, a dinâmica do PIB é explicada pela a extinção das minas de bauxita em Miragoâne desde 1982, seja uma taxa crescente 9% em 1996. Além da extração de minas no setor, por outro lado, as indústrias manufatureiras conheceram uma taxa de crescimento moderada de 3,4% em 1996. Não obstante, de 1992 a 1996, a taxa média para esse período no setor não foi significativa (-13,3%). A subtração (*la sous-traitance*) teve uma taxa de 38,5% de crescimento.

Outro momento que nos parece interessante para analisar é o ano de 2004 em que houve uma queda na taxa de crescimento do PIB de 2,8% contra um crescimento de 7% em 2003. O ano de 2004 foi marcado pelo segundo golpe contra Jean-Bertrand Aristide, que havia ganhado a presidência do Haiti em fevereiro de 2001 e, devido às acusações dos partidos da oposição e do assassinato do líder do grupo chamado “Exército Canibal” em Gonaives em setembro de 2003, passaram a ocorrer vários protestos contra Aristide no final do ano de 2003. Em fevereiro de 2004, Gonaives, a quarta cidade do Haiti, caiu nas mãos daquele mesmo grupo, mas desta vez havia um aspecto de resistência revolucionária do departamento de Artibonite, e, enfim esse momento de crise interna na política levará a uma nova ocupação onusiana a partir de junho de 2004 (As tropas da ONU – MINUSTAH).

De ponto de vista econômico, conforme aos relatórios do IHSI de 2004 e 2005, quase todos os ramos das atividades econômicas contribuíram para esta queda do PIB, evidenciada pela evolução negativa dos três principais setores (primário, secundário, terciário) com taxas de crescimento respectivamente de -5,4%, -1,5% e -4,2%. Em 2005, as indústrias manufatureiras registraram um crescimento de 1,6% e de forma particular, a indústria têxtil, cujo valor adicionado cresceu 3,6%. Um dos fatores mais pertinentes para explicar a queda da taxa do crescimento do PIB é a instabilidade política no país, a qual acabamos de apresentar no parágrafo anterior. Além disso, não podemos ignorar a passagem do furacão Jeanne em 2004 que arrasa o país, deixando mais de 4.000 pessoas desaparecidas e mortas, e mais 250.000 desabrigados. O norte da ilha ficou devastado e inseguro. Vale ressaltar, no Haiti, a extrema pobreza da maioria da população levou a um imenso desmatamento, de fato, é uma das principais causas da erosão no país que, tem suas consequências nefastas e desastrosas no período de ciclone (furacão).

#### Fotografia 4.1. Haiti 2004 pós-passagem de Jeanne.



Fonte: ARCHITECTES DE L'URGENCE, 2004.

No ano seguinte, a economia representava o seguinte:

La performance mitigé de l'économie réelle au cours de cet exercice fiscal s'explique aussi par le comportement positif de certaines branches d'activités telles que : la fabrication du textile dont la valeur ajoutée a enregistré une hausse de 3,5% en 2005 contre une croissance de 1,2% en 2004 ; les Bâtiments et travaux publics qui d'une baisse de 2,6% EN 2004 sont passés à un accroissement de 2,9% en 2005 ; l'Agriculture dont la valeur ajoutée a atteint une augmentation de 2,5% contre une chute de 4,8% en 2004 (IHSI, 2005, p.1).

Depois da queda da taxa do crescimento PIB do Haiti em 2004, a economia passou a crescer até 2007, respectivamente a variação foi de -3,52% para 3,34%. Já o ano de 2008 ficou marcado na história do sistema capitalista. No que se refere à acumulação, a cada período esta gera uma crise e, desse modo, foi a crise bancária e financeira que atingiu o mercado global em 2008. Com a falência do banco de investimentos dos EUA *Lehman Brothers* as bolsas do mundo inteiro caíram. Além

da crise financeira, um fenômeno estrutural (natural) atingiu a região caribenha e, em 2008, quatro furacões (Gustave, Fay, Hanna, Ike) que passaram pelo Caribe deixaram centenas de mortos no Haiti e 800 mil desabrigados. Os prejuízos chegaram a US\$ 1 bilhão, 5% do PIB nacional.

A fim de auxiliar a reconstrução, o governo desembolsou US \$ 197.570.000 do produto do acordo Petro Caribe com a Venezuela (menos de 20% do montante de danos e prejuízos causados pelo ciclone de 2008. Como em seu pedido oficial, em 9 de setembro de 2008, as Nações Unidas lançaram um apelo emergencial para a coleta de US \$ 107.714.621 para financiar ações humanitárias urgentes. A soma dos dois valores fornecidos seria em torno de 35% do valor dos danos e perdas. Apenas US \$ 30.444.863 foram recebidos 29% do valor solicitado (LUCIEN, 2010, p.21).

Em 2010, dois anos depois da crise de 2008, a economia haitiana ia conhecer o seu pior período na primeira década do século XXI. Assim, a taxa de crescimento do PIB do país passou de 3,08% para -5,50% de 2009 para 2010, respectivamente. Uma queda jamais atingida desde o momento de embargo nos anos de 1991-1994 onde a taxa de crescimento do PIB da economia haitiana tinha apresentado um resultado similar. Em relação à queda apresentada, não é nada mais do que o resultado do terremoto de 12 de janeiro de 2010. Segundo o relatório de 2010 do IHSI, quase todos os setores da economia foram atingidos, seja direta ou indiretamente. Assim, relatou o instituto, o setor manufatureiro e o comércio foram os mais atingidos. De fato, havia uma queda de 14,6% no que se refere à indústria manufatureira. O mesmo ano marcou também uma queda de 7,3% das exportações e 6,5% do investimento.

Contrariamente ao ano precedente, o ano de 2011 foi marcado por uma taxa de crescimento de 5,52% do PIB. Como resultado do terremoto de 2010 o centro da capital econômica do país foi destruído. Os agentes econômicos dos setores público e privado se superaram para revitalizar a economia e facilitar, assim, o renascimento dos negócios. Do ponto de vista da globalização, a cooperação internacional – bilateral e multilateral – também desempenhou um papel particularmente importante em 2011.

Evidentemente, o crescimento econômico no Haiti aumentou após o terremoto catastrófico em 2010, mas teve um declínio de 2,8% no ano fiscal de 2014 para 1,2% em 2015, de acordo com dados analisados. Em 2016, a taxa de crescimento econômico foi menor ainda (1,45%), justamente por causa de ambiente político incerto (período das eleições presidenciais e parlamentares no Haiti), uma desaceleração no setor agrícola após a grave seca de 2015 e os danos e as causas maléficas do furacão Matthew que devastou o sul do Haiti, incluindo o setor agrícola, em outubro de 2016, bem como a queda na produção industrial e no comércio.

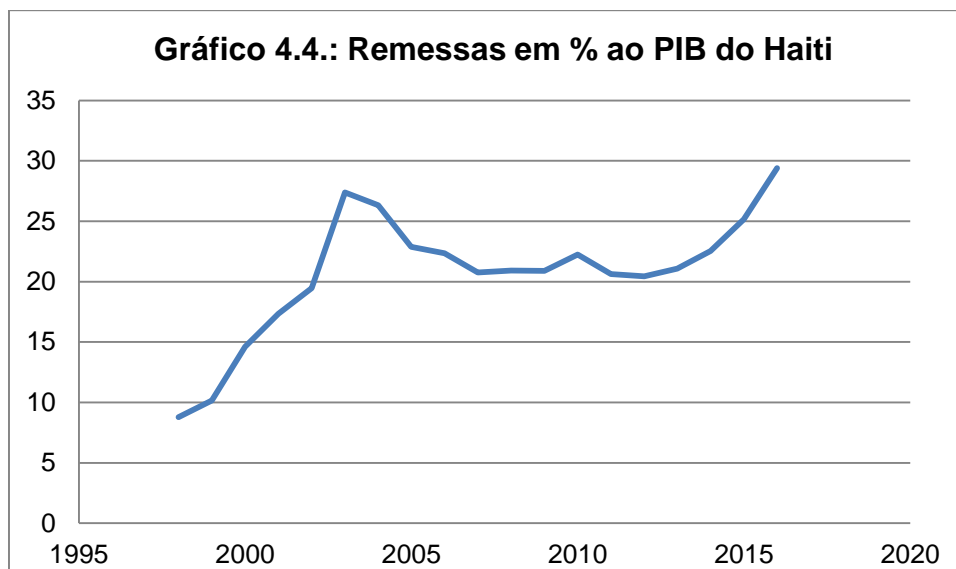
Durante o período 1968-1973, o PIB brasileiro cresceu a uma taxa de cerca 11,1% a.a., enquanto no período 1964-1967 o crescimento havia sido de 4,2% a.a., como é perceptível no gráfico também. A notar que o período de 1968-1973 é conhecido na literatura econômica brasileira como o período do “milagre econômico brasileiro”. Obviamente, por esta grande transformação econômica (crescimento da taxa percentual do PIB) segundo os autores simultaneamente a taxas muito elevadas de crescimento econômico, o período 1968-1973 caracterizou-se por taxas de inflação declinantes e relativamente baixas para os padrões brasileiros e por superávits no balanço de pagamentos (VELOSO, VILLELA & GIAMBIAGI, 2008).

O início da década de 1980 representa uma queda gigantesca na taxa de crescimento do PIB do Brasil. Especificamente em 1981, a taxa anual de crescimento do PIB foi negativa (-4,39%). Na região latino-americana e caribenha a década de 1980 é conhecida como “década perdida”, no que se refere à estagnação econômica sofrida pela região, caracterizada pela forte retração da produção industrial e uma menor taxa de crescimento econômico. No caso do Haiti, referentemente ao mesmo período:

Le début des années 1980 bénéficie de l'élan de croissance des années 1970, avec un taux 3.17% en dix ans, un taux très proche du taux de croissance enregistré les trente années suivantes. Basée essentiellement sur le développement du tourisme, l'industrie manufacturière et de l'exportation des produits agricoles, le niveau de la production baisse considérablement et n'a jamais atteint un taux de croissance supérieur à 5% selon les données de la CNUCED. La première décennie est marquée par une baisse des activités touristiques et la réduction du volume des produits exportés et l'économie enregistre une croissance de moins de 1%, soit 0.65%. Cette chute a commencé en 1981 avec une croissance de -10.24%

et s'est aggravée quelques années plus tard avec une baisse de 13.17% en 1992. Les distorsions de la production s'illustrent par les déficits commerciaux: une hausse du volume des importations de 5.15% contre 0.88% du volume des exportations en trente ans (ETIENNE, 2014, p.1).

Nos últimos anos, de 2015-2016 a 2017 a economia brasileira retomou o período de estagnação, respectivamente a taxa anual do crescimento do PIB foi de -3,55% para -3,47% e 0,98%. Enquanto a taxa de crescimento para o Haiti varia de 1,21% para 1,45% em 2016 e 1,17% no ano passado. São duas economias distintas, como devem saber, porém, apesar da variação positiva no caso do Haiti, isso não quer dizer que a sua economia está em boas situações comparando-a com o caso brasileiro. Segundo o Factbook (2018), “As remessas são a principal fonte de divisas, equivalente a mais de um quarto do PIB, e quase o dobro do valor combinado das exportações e do investimento direto estrangeiro (IED) do Haiti”. O gráfico 4.4 nos ilustra melhor a tendência da pauta das remessas em porcentagem ao PIB do Haiti durante essas últimas décadas.



Fonte: Banco Mundial (2018).

Ainda de acordo com as estimativas feitas pelo Factbook (2018), o Haiti é um país com cerca de 60% (especificamente 58,5%) da população vivendo abaixo da linha de pobreza e com mais de 20% de seu orçamento anual vindo de ajuda

externa ou apoio direto ao orçamento. Hoje em dia o Haiti é o país mais pobre da região latino-americana com uma taxa de desemprego muito alta, mais de dois terços (2/3) da força de trabalho não estão empregadas formalmente. E por fim o PIB per capita do Haiti, conforme as estimativas para os três últimos anos (2015 a 2017) foram de US\$ 1.800 (os dados são em dólares de 2017).

O Haiti ocupa a posição de 212 em 229 países, diferentemente do caso do Brasil que é a oitava economia mundial, conforme os números apresentados das taxas de crescimento econômico. Entretanto, o país está em situação de crise política desde o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, mas está se recuperando da recessão. Em 2017 a taxa de crescimento do PIB chegou a ser positivo, cerca de 1%. Porém, o PIB per capita para os três últimos anos é de US\$ 17.000, US\$ 16.300 e US\$ 15.600 respectivamente para 2015, 2016 e 2017. Conforme a classificação no ranking dos países, o Brasil ocupa a posição de número 110 entre 229 países. Outro exemplo que pode ser muito interessante é o caso da Bolívia. Conforme o Factbook (2018) a Bolívia é outro país da região muito importante por causa do governo Evo Morales nos últimos anos. O país teve um PIB per capita de US\$ 7.500 em 2017 e ficou na posição de número 155 no ranking dos países por PIB per capita mais alto.

#### **4.1.3 A nova ordem das exportações haitianas: a queda da produção agroexportadora**

A produção do café no Haiti já conheceu momentos de prosperidade e hoje o café haitiano contribui apenas com uma fração do comércio mundial. Em 1990, o país exportou 190.000 sacas de 60 kg de café. Em 2017, o Haiti exportou apenas 2.000 sacas de 60 kg de café, um decréscimo de 98,95% em relação às exportações de 1990. É perceptível que a produção do café no Haiti foi afetada por razões (fatores) externos e internos. Um dos fatores marcantes da queda da produção do café no Haiti é a problemática da política pública para apoiar o setor agrário no país (BERNADIN, 2018).

Enquanto para muitos países a política agrícola é crucial para fortalecer a competitividade do setor primário na economia mundial. Portanto, no caso haitiano, o governo manteve impostos sobre as exportações e reduziu os impostos sobre as importações. De certa forma, essas políticas destroem toda a indústria agrícola (café, arroz etc.). Além deste tipo de problema enfrentado pelo setor agrário no Haiti, é necessário ressaltar que o desmatamento e a erosão acelerada são fenômenos ambientais os quais o governo não se esforça para impedir ou diminuir. A situação da indústria agrária haitiana hoje em dia está numa situação de precariedade, e está em colapso desde as últimas décadas.

#### **4.1.4 O cenário atual das exportações do Haiti**

Partimos do pressuposto de que todos esses tipos de problemas (vistos nas seções anteriores) têm seus desdobramentos diretos e indiretos na essência do comportamento da estrutura produtiva na sociedade haitiana. Entretanto, é evidente que existe uma nova tendência na cadeia produtiva do Haiti durante os últimos anos. É expressivo o crescimento nas exportações manufatureiras haitianas, e especialmente as exportações têxteis do Haiti têm assumido um peso relevante no PIB do país. Conforme as estimativas, entre as últimas décadas, as exportações haitianas cresceram a taxas significativas, sobretudo entre 2007 a 2017. O crescimento do produto interno bruto (PIB) aumentou em volume em 1,7% em 2015, comparado a 2,8% em 2014. E o Haiti foi a 145<sup>a</sup> maior economia de exportação do mundo no ano de 2016, quando o país exportou US\$ 1,11 bilhão e importou US\$ 2,95 bilhões, resultando em um saldo negativo de US\$ 1,84 bilhão e no ano seguinte o saldo em conta corrente do Haiti foi deficitário, em termos numéricos foi - 231 milhões de dólares.

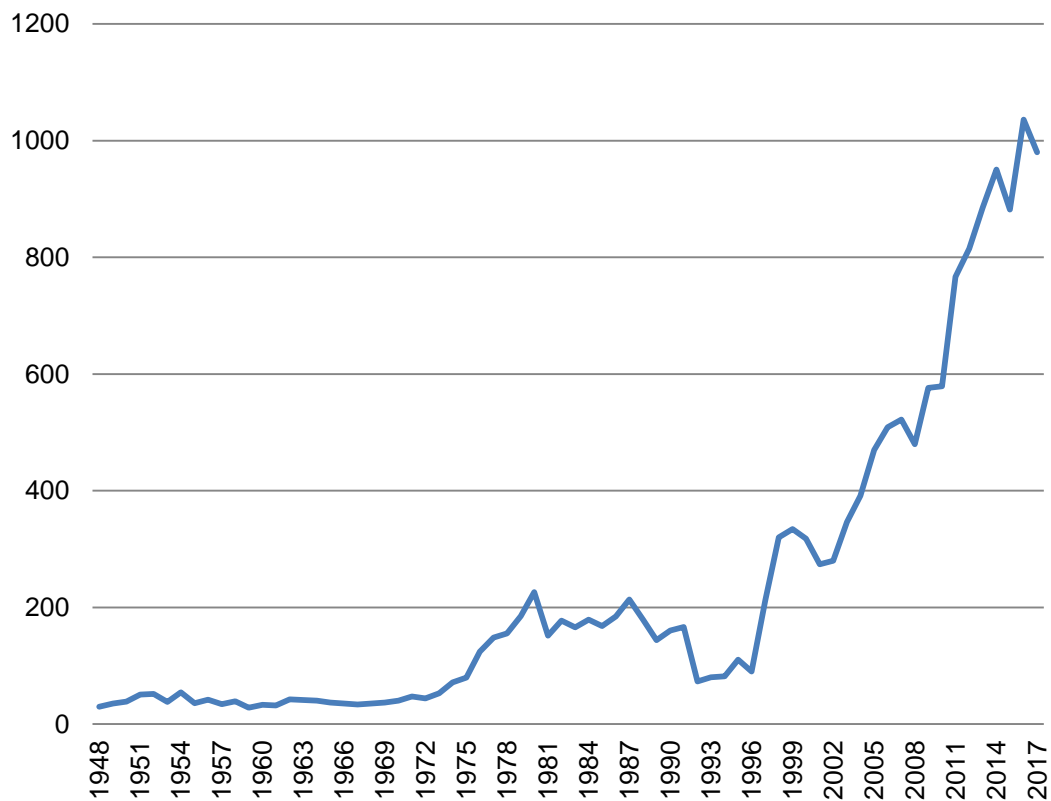
Entre 1970 et 2011, l'économie haïtienne a connu de profondes mutations structurelles, qui ont conduit à une énorme contraction des secteurs traditionnels d'exportation, notamment l'agriculture et l'industrie manufacturière, ainsi qu'à une forte expansion du secteur des services. Depuis 1970, l'agriculture haïtienne a constamment décliné. Sa part dans le PIB est passée de 49,2 % en 1970 à 23,9 % en 2011, soit une chute de 51,4 %. La part du secteur manufacturier a d'abord crû de 1970 à 1980, passant de 17 % à 25,4 %, pour ensuite décroître constamment de 1985 à 2007,



avec des parts respectives de 24,5 % et 15,7 %. Parallèlement, la part du secteur des services dans le PIB a constamment crû ; de 33,8 % en 1970, elle est passée à 51,1 %, soit une augmentation de 51,2 % (LALIME, 2012, s/p).

O gráfico 4.5. nos ilustra claramente a evolução das exportações do Haiti durante um grande periodo (1948-2017), ele resume o comportamento graficamente das exportações do Haiti, assim pode-se observar a flutuação dos movimentos.

**Gráfico 4.5.: Evolução das Exportações do Haiti de 1948-2017 - valor em milhões de US**



**Fonte:** United Nations Conderence on Trade and Development

#### 4.1.5 O surgimento do setor têxtil no Haiti

De acordo com a CEPAL (2007), o surgimento da indústria de subcontratação no Haiti data do início da década de 1970 durante o regime militar e, desde então, tornou-se o principal setor exportador do país. De acordo com ADIH (2018) a história da indústria têxtil no Haiti tem mais de 40 anos. Vestuário e têxteis fazem parte de sua herança. O setor têxtil e de vestuário do Haiti conta agora com mais de 49.000 funcionários. Os Estados Unidos são o principal mercado para a produção haitiana, com mais de 90% das exportações nesse mercado. Na década 1980, o setor empregava cerca de 80.000 trabalhadores, durante o embargo econômico (1991-1994), conforme o nosso estudo, teve uma queda enorme dos trabalhadores nos centros industriais. Dos 33.000 trabalhadores em 1991, em 1994 apenas haviam apenas 400. Depois da retirada das sanções internacionais o investimento privado, nacional e estrangeiro, demorou a voltar. Logo depois do restabelecimento das regras institucionais, o setor recuperou 20.000 empregos.

Conforme as palavras do presidente da ADIH, Georges Sassine, a principal figura de liderança no lobby pela aprovação de lei HOPE nos Estados Unidos, assinalou que existem duas matérias-primas usadas para a produção de roupas: algodão e poliéster. Ele observou que, embora o Haiti tenha sido o primeiro país do Caribe a estabelecer a indústria têxtil em seu território para impulsionar sua exportação, esse setor teve seus altos e baixos. Ao longo da evolução do setor, o presidente da ADIH disse que a indústria têxtil era caótica às vezes, especialmente durante o embargo ou o curso dos anos 1990. Ainda segundo o mesmo relatório da ADIH, Clifford Apaid ressaltou na sua apresentação uma breve história da indústria têxtil e de vestuário no mundo. De acordo com ele, nos últimos 60 anos, os têxteis se mudaram dos estados do norte dos Estados Unidos para migrar para alguns estados do sul, como Carolina do Norte, Carolina do Sul e assim por diante. O setor se espalhou pelo mundo, especialmente em alguns países asiáticos e africanos e, em poucas décadas, o setor passou de uma área geográfica para outra.

Conforme o Banco Mundial (2012) o custo de abrir uma empresa no Haiti é mais de oito vezes superior à média regional. De acordo com o Relatório *Doing Business* 2013 o Haiti ocupa o 174º lugar entre 185 países pesquisados para a facilidade de fazer negócios em 2019, e o Haiti ocupa o 182º lugar dentre 190 países analisados, segundo o Banco Mundial.

#### 4.1.6 A pauta das exportações recentes do Haiti

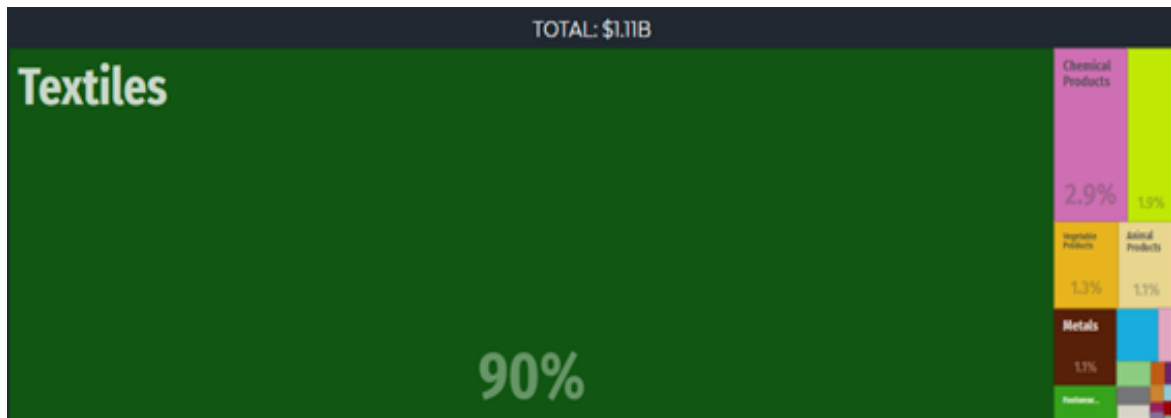
Ao saber que as exportações dos produtos têxteis do Haiti têm um peso muito relevante no PIB do país nos últimos anos, discutiremos de forma mais profunda a produção e as exportações deste setor no Haiti e problematizando a natureza desta com a postura do Estado do Haiti.

De acordo com o Factbook (2018), as exportações de bens e serviços foram representadas por uma taxa de 20%, enquanto a composição do PIB pelo setor agrário foi de 21,9%, da indústria foi de 20,8% e de serviços, que representou um valor muito significativo, foi de 57,3%. Geograficamente o país está idealmente localizado para exportação. O Haiti oferece não apenas proximidade geográfica com os Estados Unidos, América Latina e Caribe, mas também fortes ligações marítimas com o comércio mundial. A proximidade do Haiti com o Canal do Panamá e sua exposição ao Oceano Atlântico fazem dele um centro de exportação para os principais portos da América Latina e Europa Ocidental em menos de 10 dias. O Haiti também tem acesso exclusivo aos principais mercados globais por meio de acordos comerciais e leis (HOPE I & II).

Ainda conforme o Factbook (2018) a taxa de crescimento da produção industrial no Haiti foi de 4% segundo a estimativa de 2017, portanto, a indústria haitiana é composta de têxteis, refinação de açúcar, moagem de farinha, cimento e montagem leve usando peças importadas.

A nova configuração na estrutura das exportações do Haiti está representada pelas seguintes *commodities*: vestuário, manufaturas, óleos, cacau, mangas, café. De certa forma, são lideradas por 39% de camisetas de malha, seguido por 20% de blusas de malha, 13% de não malhas (ternos, etc.), ou seja, 90% das exportações do Haiti em 2016 foram da indústria têxtil. Podemos ilustrar e ver claramente na figura 4.1. a representação das exportações dos produtos têxteis do Haiti e os outros produtos de outros setores foram representados por 10% das exportações na balança comercial do país.

**Figura 4.1. Pauta das exportações do Haiti em 2016**



Fonte: The Atlas of Economic Complexity.

#### 4.1.7 Destinos das exportações haitianas

Os principais destinos das exportações do Haiti são 82% para os Estados Unidos, em termos de valor foram US\$906 milhões em 2016, contra 80,6% no ano seguinte, em seguida, República Dominicana absorveu 4.6% das exportações têxteis haitianas em 2016, e no ano de 2017 a taxa subiu um pouco, desta vez foi de 4,9%. México e Canadá, ambos países estão com 2.6% para cada em 2016, os tradicionais parceiros comerciais do Haiti como França, Reino Unido e outros países da Europa estão com menos de 5% de exportações têxteis do Haiti e há participação de alguns países da América do Sul como o caso de Brasil, Peru, Colômbia, etc., que não representam um nível alto das exportações têxteis haitianas comparando com as dos outros países. Explicitamente a figura 4.2. nos elucida melhor a tendência das exportações dos produtos do Haiti para os países citados.

**Figura 4.2. Destino das exportações do Haiti em 2016.**

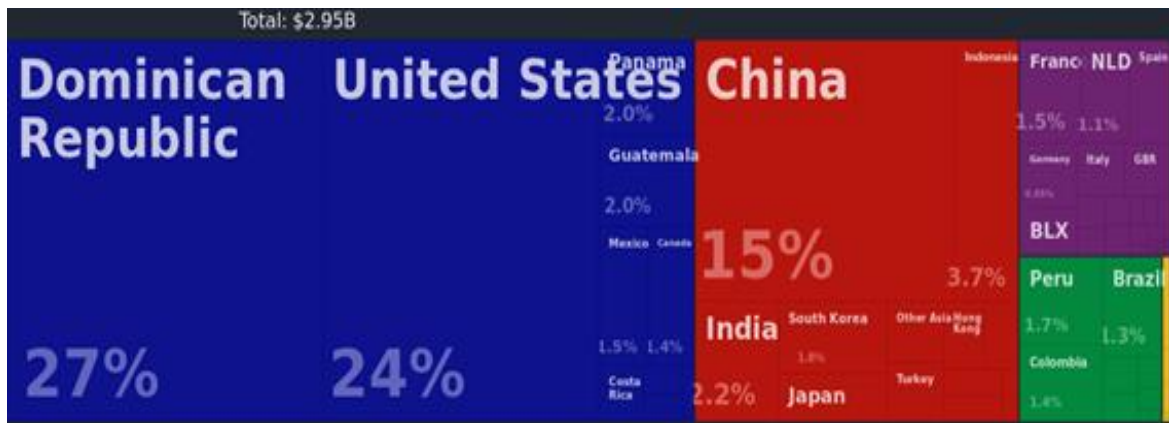


The Atlas of Economic Complexity.

#### 4.1.8 Origem das importações do Haiti em 2016

Ainda segundo os dados analisados na figura 4.3, as principais importações haitianas têm suas origens primeiramente na República Dominicana, seu país vizinho, que representa 27% das importações haitianas, em seguida os Estados Unidos com 24% e percebemos que o Haiti consome também produtos asiáticos, principalmente da China, que representa 15%, além da participação de outros países asiáticos como Índia, Japão etc. Na região europeia, a partir da segunda década do século XIX, o Haiti manteve suas relações comerciais com países como a França, a Inglaterra, a Alemanha e outros, porém, hoje em dia, a parcela das importações haitianas oriunda desses países não representa um valor significativo, nem para as exportações. A figura abaixo ilustra claramente a tendência de origens das importações do Haiti em 2016 conforme a análise feita pelo OEC.

**Figura 4.3. Origens das importações do Haiti em 2016**



Fonte: The Atlas of Economic Complexity.

#### 4.1.9 Evolução da balança comercial do Haiti nos últimos anos

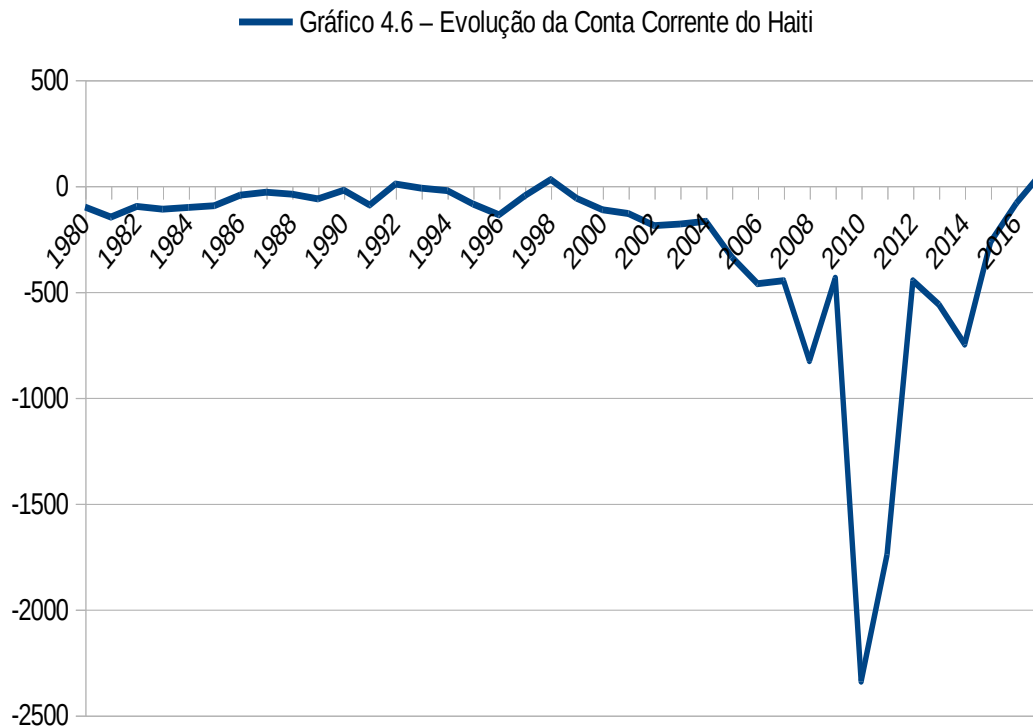
O déficit comercial tornou-se estrutural no Haiti em meados dos anos 1970. Desde então a balança comercial haitiana não parou de declinar e a taxa de abertura da economia haitiana passa de menos de 50% em 2000 a mais de 70% em 2014 (GIORDANO, 2016). Como podemos observar nos gráficos 5 e 6, respectivamente, da evolução da conta corrente em porcentagem do PIB e da balança comercial do Haiti, estruturalmente a variação do saldo da conta corrente e da balança comercial em relação ao PIB do Haiti mantêm uma tendência deficitária.

A participação das exportações de mercadorias do Haiti está representada pelos produtos manufaturados (especialmente produtos têxteis e indústria de montagem). De 1995-2000 para 2017, o valor total das exportações de mercadorias cresceu continuamente, de cerca de 38% em 1995 para 76% em 2000 e enfim 90% no ano de 2017. Pelo contrário, a participação das exportações agrícolas declinou de cerca de 62% em 1995 para 24% em 2000 e, como vimos anteriormente, a pauta das exportações está concentrada nos produtos manufatureiros, especialmente têxteis.

Durante essas duas últimas décadas, apesar deste rendimento no setor industrial têxtil haitiano cuja finalidade das *commodities* é para exportação, isso não lhe impede que a sua balança comercial mantenha o mesmo comportamento negativo conforme o gráfico 4.6. Da mesma forma, o país importa mais do que exporta.

De acordo com a OMC:

O Haiti está estruturalmente perdendo um saldo comercial deficitário. Por causa do declínio do setor agrícola haitiano e da explosão populacional, os "produtos alimentícios" ocupam um lugar de destaque na estrutura das importações haitianas. A taxa de cobertura das importações pelas exportações é relativamente baixa. Por exemplo, as exportações de bens do Haiti estão estimadas em US \$ 917 milhões em 2014, enquanto as importações estão avaliadas em US \$ 3,4 bilhões no mesmo ano, uma taxa de cobertura de 27,03%. O resto das despesas de importação é assim preenchido por transferências correntes, que representam quase 25% do PIB (OMC, 2015, p. 4).



Fonte: CEPAL (2018).

#### 4.1.10 Conjuntura dos anos 1980-90: alguns fatos na economia haitiana

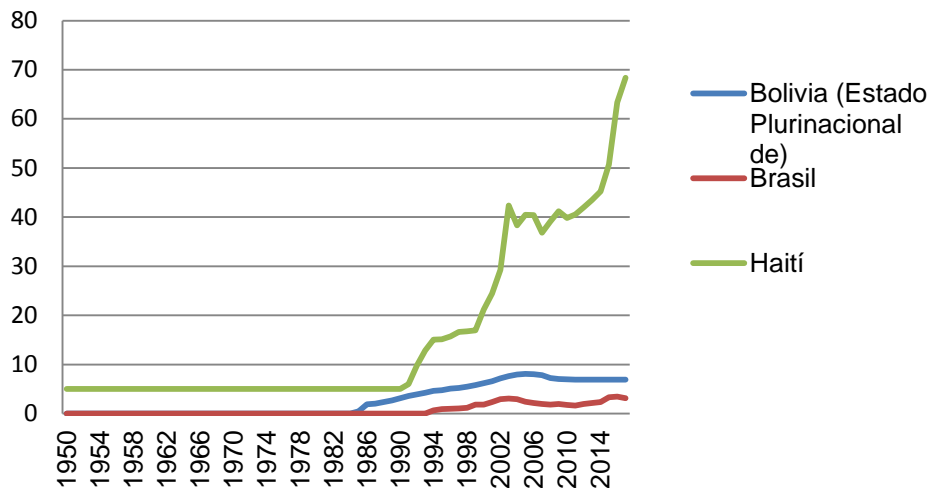
Após terem sofrido os choques petrolíferos e a crise da dívida, os países da região latino-americana e caribenha tomaram certas medidas macroeconômicas para conseguirem fazer o pagamento de suas dívidas externas. No caso do Haiti, há

30 anos mais ou menos, o país embarcou em um processo de integração que o levou a assinar e negociar uma série de acordos de comércio bilateral e multilateral. Sob a pressão de instituições internacionais em 1983 foi assinado o primeiro acordo que ao longo da evolução até os momentos atuais vai desmantelando o sistema de proteção comercial (protecionismo) e em relação a essa pratica, o país começou a um novo caminho de liberalismo econômico, abrindo o mercado interno à concorrência de produtos importados de países mais desenvolvidos e cujos níveis de produtividade são mais adequados e mais altos que os do Haiti.

A liberalização da economia haitiana começou em 1983 e continuou com as reduções tarifárias de 1987 e 1995. E, no mesmo contexto, o país está, a partir da segunda metade da década de 1990, envolvido na complexidade de acordos e negociações de acordos comerciais internacionais: o Haiti se torna membro da Organização Mundial do Comércio em 31 de janeiro de 1996, membro da Comunidade do Caribe (CARICOM) em julho de 2002, participa do processo de estabelecimento do Mercado Econômico Único do Caribe. E, como parte da 4ª Convenção de Lomé em 1990 e signatária do Acordo de Cotonou em junho de 2000, o país participou do processo que levou, em 15 de dezembro de 2007, à conclusão de um acordo de livre comércio. câmbio, conhecido como Acordo de Parceria Econômica (EPA), entre a União Européia e o CARIFORUM, que reúne os países da Comunidade do Caribe (CARICOM) e a República Dominicana. A assinatura do APE, após várias procrastinações, ocorreu em 15 de outubro de 2008 entre a UE e o CARIFORUM, com exceção do Haiti e da Guiana que se juntaram ao grupo uma semana depois. Após mais de um ano de hesitação, o Haiti assina a EPA em 10 de dezembro de 2009, um mês antes do devastador terremoto de 12 de janeiro de 2010 (CNMAI, 2011, p. 3).

Podemos ver o comportamento da taxa de cambio do Haiti durante um longo período através do gráfico 4.7. Como é perceptível no gráfico 4.7 de 1950 a 1990 o Haiti manteve uma taxa de cambio fixa, contrariamente a este grande período, o ano de 1990 trouxe uma nova tendência no cambio haitiano. Ele é flutuante desde então, e não para de crescer até o presente momento.



**Gráfico 4.7.: Taxa de cambio em dólar**

Fonte: CEPAL (2018).

A aplicação dos programas de ajustamento propostos pela hegemonia norte-americana fez com que o país entrasse em uma nova fase, em outros termos, ao sair da ditadura militar em 1986, o Haiti, entrando no processo de redemocratização, resultando ao golpe de 1991 que implicará sanções econômicas (dos EUA) e logo depois, o país vai conhecer um novo período de ocupação militar (1994) e por fim o que vai entrelaçar essa conjuntura é a dominação de ideologia política e econômica.

Falando da dominação de ideologia política e econômica neste caso, referimo-nos à dinâmica do neoliberalismo vinculado com as propostas ou recomendações do consenso de Washington de 1989. De certa forma, com a obrigação de assinar esses acordos, os países da região se submeteram a tremendas transformações econômicas e políticas de forma muito radical. De acordo com Souza (2009), os dez pontos do consenso podem ser resumidos em apenas quatro que são: A abertura econômica, a desestatização, a desregulamentação financeira e a flexibilização das relações de trabalho.

Argumentamos assim, singularmente em relação ao caso haitiano e segundo a nossa perspectiva sobre o plano político-econômico e social, que a queda da soberania nacional, a perda das heranças tradicionais ou ancestrais, o colapso do sistema educacional haitiano, o aprofundamento da fragilidade do Estado haitiano, uma nova colonização epistêmica, a dependência econômica quase total, a

migração massiva da população haitiana para diversos cantos do planeta, a ocupação onusiana no Haiti (2004-2017) e outros fatos já citados, são frutos da estrutura política e social do país desde o seu surgimento aliada à ingerência das grandes potências. Ou seja, a situação atual de crise no Haiti pode ser explicada através de fontes distintas: a formação social haitiana enraizada pelo conflito entre duas camadas sociais, a dos negros e a dos mulatos; em seguida a dependência do Estado devido ao baixo desempenho das atividades econômicas do país e, por fim, o elemento chave que não podemos negar, é a crise da globalização neoliberal proposta pelos Estados Unidos.

## **5. CAPITULO IV**

### **5.1 RAZÕES DA PAUTA DE EXPORTAÇÃO ATUAL NO HAITI**

Este presente capítulo trará a discussão sobre a pauta das exportações atuais no Haiti. Tendo em vista que na seção anterior vimos que a inserção do Haiti está sendo liderada por produtos manufatureiros (têxteis), desta vez procuraremos saber as principais razões dessa nova configuração. Esta seção está dividida em duas partes: a primeira faz uma abordagem dos estudos sobre a análise dos clássicos do comércio internacional e suas principais contradições ao longo de tempo; a segunda parte trata a temática dos tratados preferencias do Haiti aos EUA e as zonas francas.

Em continuidade e seguindo com o raciocínio que foi destacado no capítulo anterior, de que as exportações do Haiti estão representadas por produtos manufatureiros (têxteis), aquilo nos deixa curioso em saber, quais são as principais razões que podem explicar esse fenômeno na conjuntura haitiana nas duas últimas décadas? Diante desta nova dinâmica das exportações, levantamos as hipóteses de que a pauta de exportações pode se explicar pelas seguintes razões: a) pode ser pelos desastres naturais e dificuldades do setor agrário; b) pode ser pelos acordos de comércio preferenciais aos EUA, surgidos na onda de abertura comercial ligados diretamente à política neoliberal; c) pode ser pelos benefícios dados pelo Estado aos

investidores, criando zonas francas e parques industriais para promover o crescimento econômico e gerando empregos. Para isso, em termos metodológicos, procuramos materiais relacionados ao surgimento das leis comerciais (bilaterais e multilaterais), e as principais influências sofridas pelo país dentro da expansão da globalização neoliberal. Buscaremos informações vinculadas com as zonas francas, a saber, seu perfil de funcionamento e desde quando começaram a exercer suas atividades.

### **5.1.1 Modelo clássico do comércio internacional e algumas contradições relevantes**

Com a contribuição dos precursores da teoria clássica do comércio internacional, a economia como ciência vai se fortalecendo junto com a Revolução Industrial (Revolução Inglesa) e revolução científica (Isaac Newton, 1642 – 1727). Em 1776, Adam Smith lança a sua obra prima intitulada “A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua natureza e suas causas”, na qual ele se baseou em sua teoria da divisão do trabalho como uma estratégia que facilita o processo de produção e na defesa do liberalismo econômico.

Adam Smith rompeu com as principais ideias mercantilistas, como as práticas de protecionismo e a preocupação de manter a balança comercial superavitária. Portanto, ele desenvolve sua teoria das vantagens absolutas de livre comércio que resulta em um ganho mutuamente benéfico para os dois parceiros comerciais. A lógica por trás de seu pensamento sugere que cada país deve especializar-se no produto em que tem maior proveito de produtividade para sua vantagem comercial.

Logo, na segunda década do século XIX, David Ricardo formulou uma explicação econômica sistêmica na sua obra de 1817, na qual deu ênfase a análise de comércio internacional, tomando como base a ideia de vantagens absolutas tratada por Smith e complementado ela com uma visão de vantagens comparativas ou relativas. Desse modo, resumimos assim, o economista Ricardo demonstrava e defendia a ideia de que dois países com diferentes vantagens comparativas têm interesse em especializar-se e trocar produtos para os quais sua produtividade é relativamente melhor, em comparação com produtos para os quais eles possuem uma produtividade relativamente menos eficiente. Em outros termos, mesmo quando

um país fosse absolutamente menos eficiente a produzir todos os bens, ele permaneceria no comércio exterior produzindo e exportando os produtos que conseguisse produzir de forma mais eficiente relativamente. Assim, cada país possuiria vantagens comparativas no que se especializasse.

A partir dessas teorias tradicionais os autores tentaram dar uma explicação universalista, visando modelar um padrão de postura que um país deveria ter para inserir-se no mercado internacional e levando suas vantagens comparativas. O economista argentino Raul Prebisch com sua visão crítica vai elaborar seu trabalho sobre os problemas do desenvolvimento e/ou subdesenvolvimento dos países criticando o modelo dominante da teoria do comércio internacional. Não somente Prebisch, Friedrich List (1857) na Alemanha contribuiu de certa forma já tinha defendido a ideia do “protecionismo”. São dois casos distintos, é preciso destacar que List teoriza pensando na realidade alemã, portanto, Prebisch foca seu pensamento na abordagem de estratégias ou alternativas nacionais de desenvolvimento, sobretudo, dos países periféricos. Na contribuição emblemática de Prebisch através de seu trabalho conhecido como o “Manifesto da CEPAL”, de 1949, ele expõe o argumento de que a estrutura produtiva entre o centro e a periferia é distinta, ou seja, existe restrição ao crescimento nos países periféricos devido às condições estruturais de baixa diversidade produtiva, são países especializados na produção de agropecuária e em mineração e que possuem uma institucionalidade inadequada e falta de capacidade empresarial para o desenvolvimento do setor industrial. No campo do comércio exterior, devido ao progresso técnico dos centros, os preços dos produtos primários da periferia vêm se deteriorando em relação aos preços dos produtos manufaturados dos centros. A região latino-americana vai vivendo de forma ampla a sua primeira onda de industrialização vinculada a um corpo teórico criado em 1948 pela CEPAL. Conforme Bielschowsky (2000), o princípio normativo da CEPAL é incentivar a ideia da contribuição do Estado ao ordenamento do desenvolvimento econômico nas condições periféricas dos países.

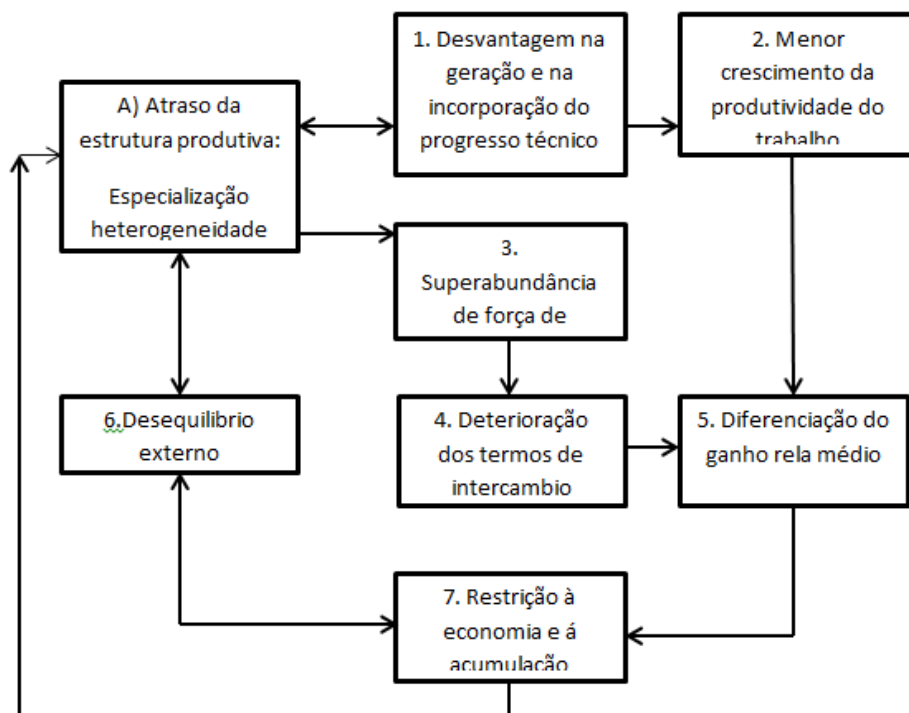
Nesta mesma perspectiva da CEPAL o estudo da industrialização na região de América latina e caribenha conhecerá dois tipos: em primeiro lugar, “o desenvolvimento para fora”, como defenderam os estruturalistas latino-americanos,

está implícito em uma ideia de desenvolvimento desigual. Esta primeira forma de desenvolvimento na região é caracterizada da seguinte maneira:

Os centros se identificam com as economias onde as técnicas capitalistas de produção penetram primeiro; a periferia, em contrapartida, é constituída por economias cuja produção permanece inicialmente atrasada, de ponto de vista tecnológico e organizacional, Rodriguez (2009, p.81).

Em segundo lugar, seria o tipo de “desenvolvimento para dentro” que pode ser descrito como “um fenômeno vinculado a certas transformações e/ou acontecimentos na economia mundial que possuem um especial significado para a periferia” (Rodriguez, 2009, p.82). Em suma, esse processo e/ou fenômeno de industrialização da periferia era caracterizado pelas pautas que foram marcantes na transformação produtiva e de emprego que resultaria à uma dinâmica do desenvolvimento desigual. A figura 5.1 nos ilustra bem a esquematização do sistema centro-periférico.

**Figura 5.1: A esquematização do sistema centro-periférica**



**Fonte:** Rodriguez (2009, p.85), o estruturalismo Latino-Americano.

Conforme Bielschowsky (2000) a evolução histórica da região latino-americana passa por cinco etapas desde o pós-guerra até mais ou menos 2000. Em suma, o quadro 5.1 nos ilustrará claramente a descrição feita pelo autor. Diante da análise econômica e estrutural, onde há um desequilíbrio externo nos países da região latino-americana, para Prebisch o rumo para a industrialização devia ser feito através do processo de substituição de importações.

Prebisch considerava o comércio exterior um dos elementos propulsores do desenvolvimento econômico. A industrialização exigia novas importações de bens de capital e insumos que, para pagá-los, necessitava de exportações. Porém, devido à baixa capacidade para importar da periferia, a composição das importações deveria ir sendo modificada, substituindo as importações supérfluas pelas essenciais ao desenvolvimento. Prebisch era a favor do multilateralismo, onde cada país poderia comprar e vender nos melhores mercados; no entanto, a falta de divisas, e não uma questão doutrinária (como afirma), levou os países a praticarem o controle de câmbio e o comércio discriminatório. É no texto de 1950 que Prebisch começa a defender medidas protecionistas para estimular a industrialização periférica, devido ao seu maior custo de produção. Somente na Terceira Etapa de seu pensamento, Prebisch irá criticar o excesso de proteção (COUTO, 2007, p. 52).

**Quadro 5.1. Síntese dos elementos analíticos que compõem o pensamento da CEPAL**

<b>Elementos permanentes</b>	<b>Análise histórico-estruturalista</b>		
<b>Períodos e temas</b>	Inserção internacional (centro-periferia e vulnerabilidade externa)	Condições estruturais internas (econômicas e sociais) do crescimento/progr	Ação estatal

		esso técnico e do emprego/ distribuição de renda	
<b>1948-60 (Industrialização)</b>	Deterioração dos termos de intercâmbio; desequilíbrio estrutural na balança de pagamentos; integração regional	Processo de industrialização substitutiva; tendências perversas causadas por especialização e heterogeneidade estrutural: inflação estrutural e desemprego	Conduzir deliberadamente a industrialização
<b>1960 (reformas)</b>	Dependência; integração regional; política internacional de redução da vulnerabilidade na periferia; viés antiexportação industrial	Reforma agrária e distribuição de renda como requisito para a redinamização da economia; heterogeneidade estrutural; dependência	Reformar para viabilizar o desenvolvimento
<b>(1970 – estilos de crescimento)</b>	Dependência, endividamento perigoso; insuficiência exportadora	Estilos de crescimento, estrutura produtiva e distributiva e estruturas de poder; industrialização combinando	Viabilizar estilo que leve à homogeneidade social; fortalecer exportações industriais

		mercado interno e esforço exportador	
<b>1980</b> <b>(Dívida)</b>	Asfixia financeira	Ajuste com crescimento; oposição aos choques do ajuste, necessidade de políticas de renda e eventual conveniência de choques de estabilização; custo social do ajuste.	Renegociar a dívida para ajustar com crescimento
<b>1990-98</b> <b>(Transformação produtiva com equidade)</b>	Especialização exportadora ineficaz e vulnerabilidade aos movimentos de capitais	Dificuldades para uma transformação produtiva eficaz e para reduzir o hiato da equidade	Implementar políticas de fortalecimento da transformação produtiva com equidade

Fonte: BIELSCHOWSKY, R. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL , p. 19.

Ao abordar esta temática do processo de industrialização vinculado às ideias cepalinas, não podemos deixar de pôr em evidência as grandes instituições internacionais criadas no final da Segunda Guerra Mundial, que vão se estabelecendo como as “boas instituições” do sistema internacional. Em julho de 1944, 44 países decidem em Bretton Woods (EUA) criar o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM). O objetivo do FMI, segundo os fundadores, é garantir a estabilidade das moedas estabelecendo o “padrão-ouro” e colocando o dólar no núcleo do sistema monetário internacional, também ele tem de controlar o fluxo de capital; por outro lado, o Banco Mundial deve se preocupar e



trabalhar para a reconstrução e desenvolvimento dos países subdesenvolvidos (Terceiro Mundo).

Conforme Arrighi (1996) o processo de desenvolvimento dos EUA foi caracterizado por um forte mercado interno (mercado doméstico), assim como sua política de manter as portas do mercado interno fechadas aos produtos estrangeiros (prática de protecionismo) mas abertas ao capital, a mão-de-obra e a iniciativa do exterior. Entretanto, no início da década de 1970 ocorreu uma severa crise no centro da economia capitalista internacional. Para o autor, o processo de financeirização dos EUA é o que explica o problema da crise desta década.

List (1857), defensor do “nacionalismo econômico” no caso da Alemanha do século XIX, argumentava que o livre-comércio é bem sucedido unicamente para países de um desenvolvimento industrial parecido. Para o autor, as tarifas sobre produtos importados estimulariam o desenvolvimento doméstico. Na mesma lógica, ele argumenta que uma economia nacional em um estágio inicial do processo de industrialização precisa de proteção tarifária. Assim, o autor argumenta:

Une bonne législation de douane est la vraie sauvegarde de l'industrie agricole et manufacturière ; elle élève ou diminue les droits aux frontières, selon les circonstances et les besoins ; elle compense le désavantage que notre fabrication peut trouver dans le prix comparé de la main-d'oeuvre ou du combustible ; elle protège les arts naissants par les prohibitions, pour ne les livrer à la concurrence avec les étrangers que lorsqu'ils ont pu réunir tous les degrés de perfection ; elle tend à assurer l'indépendance industrielle de la France, et elle l'enrichit de la main-d'oeuvre, qui, comme je l'ai dit plusieurs fois, est la principale source des richesses. (LIST, 1857, p. 544-545).

O modelo de comércio internacional proposto pelos países do centro nas últimas décadas via o Consenso de Washington de 1989, baseia-se no financiamento pelas instituições internacionais (mediante as chamadas “boas práticas”), pregando que a livre circulação de mercadoria é a melhor forma de emancipação econômica. Chang (2004) descreve claramente a trajetória tomada pelos países desenvolvidos através da intervenção protetora do Estado

(protecionismo), o problema é que nas últimas décadas, após adquirirem certo grau de desenvolvimento, esses mesmos países que no passado usaram políticas protecionistas para desenvolverem suas indústrias a fim de atingirem o desenvolvimento econômico, agora exportam um modelo neoliberal para os países subdesenvolvidos. O autor tenta desmistificar a ideia de que os países centrais se tornaram desenvolvidos por meio do livre mercado, destacando que o mesmo só passou a ser adotado depois da consolidação e fortalecimento da economia e da indústria interna das grandes potências. No seu entendimento, em primeiro lugar houveram barreiras tarifárias e políticas protecionistas, e apenas depois da consolidação do processo do desenvolvimento interno dos Estados centrais (grandes potências) estes abriram suas barreiras de forma muito lenta e hoje exigem, através de seus organismos financeiro, que os outros países adotem políticas macroeconômicas contrárias as adotadas por eles, mas que servem aos seus interesses.

### **5.1.2 Uma abordagem das relações comerciais haitianas: pauta de exportações, acordos preferenciais e Zonas Francas**

Como vimos, a deterioração dos termos de troca e processos de industrialização foram resumidamente as variáveis apontadas pelo economista Raúl Prebisch que explicavam os desequilíbrios em balanços de pagamentos dos países periféricos. Vale ressaltar que nos anos 1970 o autor argentino teorizou “uma nova política comercial em prol do desenvolvimento econômico para evitar o seu estrangulamento externo” (COUTO, 2007, p. 55).

Nesse novo cenário de abertura comercial, globalização e neoliberalismo, a partir dos anos 1980 as empresas internacionais vêm construindo novas cadeias produtivas nos países periféricos. Podemos dizer que a globalização da economia vem reescrevendo as regras do comércio internacional, eliminando tarifas sobre as transações comerciais. No caso do Haiti, eliminou cotas de têxteis e vestuário e fez arranjos preferenciais através de acordos comerciais de livre mercado entre os ditos parceiros comerciais do país. No contexto de vantagens comparativas, com a preferência comercial aos EUA que é um dos maiores mercados consumidores do mundo, será que um país como o Haiti pode tirar vantagens econômicas frente aos grandes mercados?

A cadeia produtiva no Haiti, sua inserção ao mercado internacional e suas relações comerciais (leis e acordos comerciais) são fatos que nos parecem interessantes devido à tremenda mudança que está em andamento na produção do país. Como já mencionamos no capítulo anterior, com a estagnação do setor agrícola e do colapso da produção agrícola na década de 1960, durante a década de 1970 segundo a literatura econômica haitiana, o país teve uma taxa média anual de crescimento econômico de 3%, com picos de mais de 5%. O setor manufatureiro de subcontratação e montagem surgiu na mesma época, e vem ajudando a economia haitiana que durante um longo período histórico era majoritariamente agrícola. Como vimos, nos anos 1980 já surgiram os primeiros programas de ajustamento estrutural no Haiti.

Para o Haiti ter uma inserção na economia mundial com o novo padrão estabelecido pelas instituições internacionais (FMI, OMC, etc.) o país teve a opção de abrir o mercado local, liberar o comércio e as finanças nos anos 1980. Hoje, o mercado haitiano é o mais aberto na região caribenha. O fato que o Haiti é um país agrícola, com queda de preços das matérias-primas, causou uma inserção insuficiente, muito baixa, na economia mundial. Note-se que o país é localizado num lugar estratégico para exportações, entretanto, há pouca atração de capitais e de IED.

Diante da conjuntura dos anos 1980, era a grande onda do processo de integração econômica, de liberalização do regime tarifário, etc. O Haiti vai consolidando suas tarifas no contexto da implementação do programa de ajuste estrutural e vai ingressando na OMC a qual impunha ao país era a fixação de taxas relativamente baixas. Então, o Haiti entra neste processo de integração de maneira brusca, o que mais tarde vai impactar de forma indireta e direta na economia haitiana.

Para a economia haitiana, o período entre 1980 e 1995 é considerado como um período perdido, caracterizado por uma taxa de crescimento negativo praticamente durante o período da transição para a democracia. Não obstante, com o advento desses projetos, o Haiti apresenta um novo caráter na sua inserção ao comércio internacional através dos produtos têxteis, porém, isso não resolve os

principais problemas do país. Como vimos, a transformação da configuração das exportações do Haiti nas últimas décadas, especialmente pós-ditadura militar a partir do ano de 1987, o Haiti enfrentou novos desafios nacionais e internacionais. A chamada de “globalização” vinculada com os reajustes macroeconômicos dos países latino-americanos e caribenhos, com o fortalecimento dos dez pontos do Consenso de Washington na década de 1990, tornou a economia haitiana como um caso a ser estudado com muito cuidado.

En 1986-1987, dans le cadre d'un plan d'ajustement structurel, les autorités haïtiennes ont abaissé les barrières douanières, de sorte que le marché national a très vite été envahi par des produits étrangers hautement subventionnés, notamment en provenance des États-Unis. Le riz est à la base de l'alimentation haïtienne. Pour Esther Vivas, « le marché haïtien du riz est un cas emblématique de la dérégulation capitaliste » . Suite à un programme signé avec le FMI en 1995, les droits de douanes sur le riz passent de 35% à 3%. Le « riz de Miami », en provenance des États-Unis, inonde le marché haïtien si bien que ce petit pays atteint la 4e place dans le classement des importateurs de riz états-unien. La chute des droits de douane a entraîné la décapitalisation des petits paysans, ce qui a transformé le pays, autosuffisant jusque dans les années 1980, en importateur de riz. En 2008, Haïti importe 82 % de sa consommation de riz (PERCHELLET, 2010, p. 2).

A mudança que está tendo na estrutura produtiva no Haiti, onde mais ou menos 90% das exportações são produtos do setor industrial (têxtil), está embasada na inserção do Haiti nos processos típicos da globalização neoliberal nas últimas décadas, especificamente ao assinar acordos comerciais bilaterais e multilaterais. Assim a abertura comercial do país durante o seu período de redemocratização vem sendo ampliada até os dias atuais. Para estabelecer os principais programas fornecidos pelas instituições como FMI e OMC nos países periféricos, geralmente os países são levados a assinar acordos para legitimar os processos de abertura econômica. O próprio governo haitiano vai incentivar mais ainda esse processo de abertura, criando zonas francas para atrair investidores internacionais. É necessário ressaltar aqui que o Haiti tem o regime comercial mais aberto do hemisfério ocidental

e sua adesão à OMC em janeiro de 1996 marca a consolidação da liberalização de seu regime comercial.

Com esses níveis de consolidação, o Haiti tem o regime comercial mais aberto do hemisfério ocidental. A adesão do país à OMC em janeiro de 1996 marca, assim, o fortalecimento da liberalização de seu regime comercial, na medida em que, na lista de concessões apresentadas, as linhas tarifárias foram vinculadas a taxas relativamente baixas: % deles eram isentos de impostos (0%) e 65% estavam vinculados a taxas de até 20%. Ao consolidar suas tarifas a taxas tão baixas (média de 18,7%), o país renunciou assim unilateralmente à possibilidade de garantir investimentos futuros em indústrias locais, em um contexto de de uma política econômica voltada para a promoção dessa produção (OMC, 2015, p. 13).

### **5.1.3 Acordos preferênciais**

O advento dos acordos comerciais do Haiti não é algo recente. Sob o regime ditatorial dos Duvalier, o Baby Doc assinou em 1983 o primeiro dos acordos sob a pressão das instituições internacionais, no qual foi concedido o estatuto de isenção de direitos à maioria das exportações dos países do hemisfério ocidental. Conforme Nathan,

vinte países eram potenciais beneficiários da Iniciativa da Bacia do Caribe (CBI), autorizada pela lei de Recuperação Econômica da Bacia do Caribe (CBERA) e os requisitos de participação foram alinhados com os requisitos dos Estados Unidos (NATHAN, 2009, p.13).

Na década de 1980, os EUA estabeleceram um programa de Acesso Especial com níveis de acesso garantidos para vestuário montado nos países elegíveis do CBI. A Iniciativa da Bacia do Caribe (CBI) abrange dois programas de preferências comerciais: o primeiro é a Lei de recuperação da Bacia do Caribe (CBERA), foi implementado em 1984 e seguido pela lei de parceria Comercial da bacia EUA-Caribe (CBTPA) que é considerada como a lei da expansão da primeira no ano de 2000. O primeiro estava caracterizado pela isenção de cota nos produtos têxteis e de vestuário, no objetivo de incentivar as relações entre as fábricas de têxteis dos

EUA e os produtores de vestuário dos países da CBI. Segundo Nathan (2009) o programa têxtil da GAL é um programa unilateral de preferência comercial que oferece acesso preferencial ao mercado dos EUA para suas exportações. O CBTPA pode ser resumido da seguinte maneira:

É um programa de preferência unilateral que oferece benefícios isentos de impostos para vestuário fabricado a partir de materiais de origem que são cortados nos Estados Unidos e montados em um país qualificado. A regra de origem que os materiais dos EUA é “fio para frente”, o que significa que os fios e tecidos devem ser totalmente formado nos Estados Unidos; se a peça não for cortada nos EUA, ela ainda pode ser elegível para benefícios sob a CBTPA se o encadeamento dos Estados Unidos for usado na montagem; permite o uso de materiais de qualquer origem se eles não estiverem disponíveis em quantidades comerciais, sujeita a regras extremamente desafiadoras para estabelecer a disponibilidade comercial; [...]; não é necessária documentação especial na entrada, mas o importador deve ter um certificado de origem na posse no momento da entrada, e estar preparado para fornecê-lo sob demanda dos EUA (NATHAN, 2009, p. 16-17).

A partir de 1995, foram introduzidas mudanças tremendas no comércio exterior dos países da região caribenha, justamente, por causa de Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Os EUA ampliaram suas políticas comerciais nos países caribenhos através de distintos acordos, principalmente o acordo CBERA para têxteis e vestuário através Acordo de Parceria do Comércio da Bacia do Caribe (CBTPA). Hoje em dia, o Haiti continua sendo beneficiário do CBTPA, também o país vem desfrutando de outros benefícios preferenciais com os Estados Unidos, especialmente com os vínculos firmados em 2006 e 2008 de dois novos acordos apresentados pelos Estados Unidos ao Haiti (HOPE I e II).

De acordo com o *Département du Commerce et du Tourisme de l'OEA*, em 20 de dezembro de 2006, a lei da Oportunidade Hemisférica por meio da Parceria (HOPE) foi aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos. Entrou em vigor em 20 de março de 2007, quando foi assinado pelo presidente George W. Bush, com o

objetivo de incentivo às parceiras – expansão do comércio de vestuário como uma forma de ajudar a estimular o crescimento econômico e a criação de emprego.

Depuis 2010, on observe un regain de l'intérêt des investisseurs étrangers pour Haïti. Les flux entrants sont passés de 150 millions \$EU en 2010 à 181 millions \$ EU en 2011. Les investissements directs étrangers en Haïti sont réalisés principalement dans le tourisme et la télécommunication et le secteur textile. La loi HOPE/HELP, qui favorise l'accès en franchise de droits de douane au marché américain pour les produits textiles fabriqués en Haïti, a aussi contribué à l'attraction des IDE (OMC, 2015, p. 4).

Em 2010 foi criada uma nova lei apelidada de “HELP” (Programa de Elevação Econômica do Haiti), uma extensão da lei HOPE que visava promover o renascimento da economia haitiana, a qual havia sido seriamente afetada pelo terremoto de 12 de janeiro. O documento que foi apresentado ao Congresso dos EUA prevê a extensão da Lei da Esperança (Oportunidade Hemisférica por meio do Encorajamento de Parcerias, HOPE). O objetivo da lei HELP é estender até 2020 a lei HOPE I e II aprovada em 2008 e facilitar o livre retorno ao mercado americano de roupas feitas no Haiti (METROPOLE, 2010).

#### 5.1.4 Zonas Francas e Parques Industriais

As zonas francas comerciais e industriais são consideradas como um componente estratégico de comércio tanto para os países industrializados como para os países periféricos no novo cenário mundial de globalização. Genericamente, as zonas francas abrangem diversos tipos, de fato, com a conjuntura vigente de políticas neoliberais, os Estados adaptam este mecanismo de acordo com suas estratégias de desenvolvimento. Hoje em dia muitos países estão na situação de organizar suas fronteiras e tentando maximizar os benefícios através das zonas francas.

De acordo com o CFI (2018) atualmente o Haiti possui quatro parques industriais, cinco zonas francas além de uma zona franca que não funciona (*West Indies Free Zone*) e dois parques industriais e zonas francas. Os parques industriais Caracol e Métropolitain são públicos, todos os outros parques industriais e zonas francas são privados. A geração de eletricidade nos locais está disponível em três parques industriais e zonas livres, em breve será desenvolvida em um parque industrial/zona livre. Sete dos nove parques industriais e zonas francas têm seus próprios poços de água. A água é gratuita nas zonas francas de Les Palmiers e SIDSA. Água e eletricidade estão incluídas no aluguel do Parque Industrial Lafito e da Zona Franca. Os serviços não estão incluídos no aluguel de outros parques industriais/ zonas francas.



### Quadro 5.2. Lista de Zonas Francas no Haiti.

Número de:	Zona Franca
1	Compagnie de développement industriel. S.A/ Filiale de Grupo M
2	Société Immobilière de Développement S.A
3	Hispaniola Investment
4	West Indies Industrial Mills S.A
5	Regroupement des Planteurs d'Avenir S.A (REPLADA.S.A)
6	Zone Franche Nourri bio/ Agritrans. S.A.
7	Société Lafito Industrial Free Zone S.A
8	Zone Franche des Palmiers S.A
9	Astro Carton d'Haiti. S.A/ Siege Social au Nicaragua
10	Zone Franche de Dignerou
11	Quantum Apparel S.A
12	Global Manufactures and Contractors S.A

Fonte: Direction Des Zones Franches/ Haiti/ Investissement en Zones Franches.

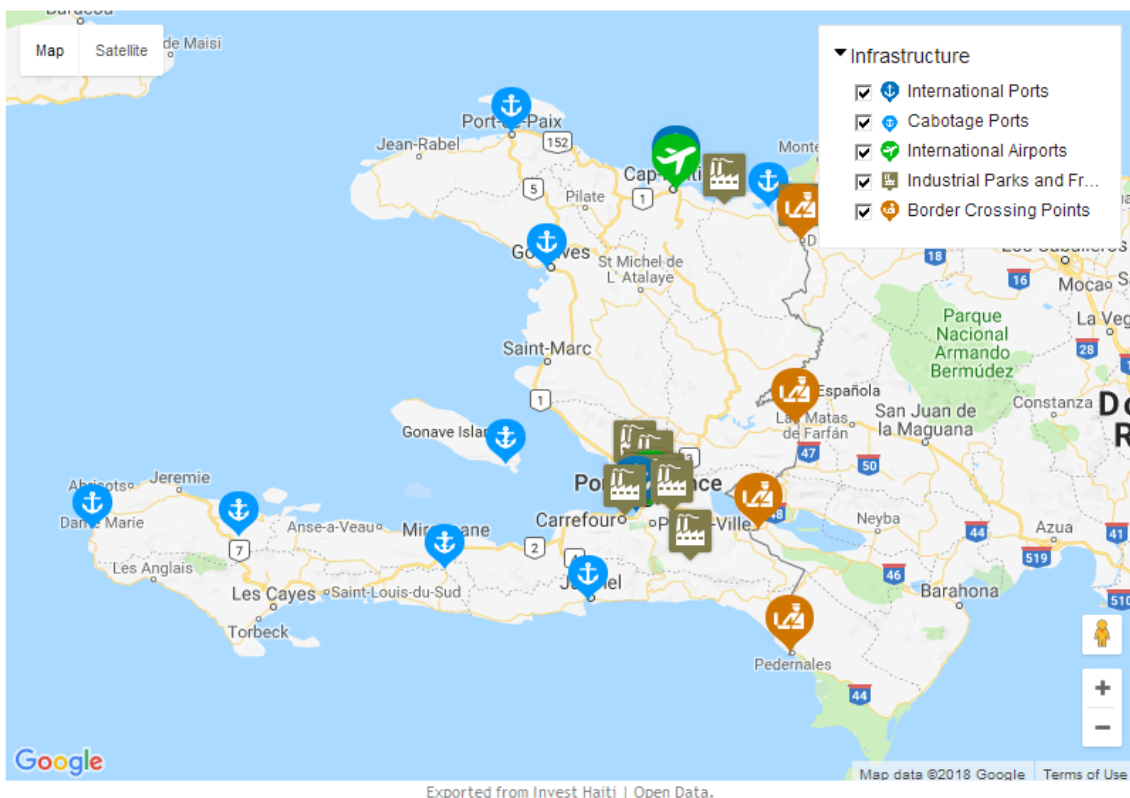
No objetivo de demonstrar a determinação em desenvolver o país e a criação de empregos, o governo tem apoiado os esforços de investidores que desejam estabelecer-se nas zonas francas do país através de incentivos e benefícios relacionados com a facilitação fiscal e tarifas alfandegarias. Assim, todas as empresas que se estabelecem e que pretendem se implantar nas zonas francas se beneficiam automaticamente de vantagens fiscais. Nos parques industriais, os benefícios fiscais não são concedidos automaticamente, as empresas devem solicitá-los. Dentro de uma zona franca, as empresas têm direitos a:

100% de propriedade estrangeira, 100% de isenção de impostos de importação e exportação; 100% de repatriação de capital e lucros; isenção

de 15 anos sobre impostos corporativos renováveis por mais 15 anos; Isenção de impostos de renda pessoal (NATHAN, 2009, p. 29)<sup>2</sup>.

Em relação às zonas francas no Haiti, o foco do investimento estrangeiro nessas áreas está sendo feito através da instalação de centros industriais exportadores que possam levar ao desenvolvimento econômico, no entanto, não há uma melhor inserção do país na economia global, porque o papel do Haiti é fornecer mão de obra barata. Segundo a retórica oficial, o processo industrial têxtil no Haiti visa a preocupação com a “questão social”, isto é, resolver o pauperismo e o fluxo migratório – outro traço também marcante dessa nova fase de acumulação do capital (SEGUY, 2014).

**Figura 5.2. A localização das infraestruturas no Haiti**



Fonte: Google Maps.

<sup>2</sup> Tradução própria do autor.

**Quadro 5.3. Lista de fábricas no setor de vestuário haitiano**

<b>Type d'Entreprise</b>	<b>Company</b>
Textile	Caribbean Island Apparel
Textile	Codevi
Textile	DKDR Haiti
Textile	Fairway Apparel
Textile	Fox River Caribe
Textile	Genesis
Textile	Gildan activewear
Textile	Gladiator textile
Textile	Global Manufacturers & Contrators
Textile	Goal
Textile	H& H Textiles
Textile	Horizon Manufacturing
Textile	Indigo Mountain
Textile	Interamerican Womens
Textile	IR II
Textile	Isis Apparel S.A
Textile	Island Distribution
Textile	Johan Company
Textile	Lucotex S.A (Luccin & Co. M.F.G)

Textile	MBI S.A
Textile	Modas Gloria Apparel
Textile	Multi Assembly
Textile	One World Apparel
Textile	Pacific Sports Haiti
Textile	Palm Apparel
Textile	Premium Apparel
Textile	Quality Sewing Manufacturing
Textile	S & H Global
Textile	Sewing International
Textile	Textiles Younm Kwang S.A
Textile	Vald'or Apparel Mfg
Textile	Will Bes Haitian

Fonte: CFI.

Nota: Elaboração própria do autor

Inauguré en 2012, le Parc industriel de Caracol (PIC), une localité située dans la partie Nord d'Haïti, est une initiative du gouvernement haïtien, appuyée par les États-Unis et financée par la Banque interaméricaine de développement. Avec une superficie de 250 hectares d'espace industriel doté de services complets réservés à l'industrie légère, il est à proximité du marché américain. Le premier locataire-clé est une grande entreprise textile coréenne qui investit plus de 70 millions de dollars. Trois ans après l'inauguration du Parc, quelque cinq mille personnes y travaillent, essentiellement dans la production de textiles destinés au marché américain (OMC, 2015, p. 7).

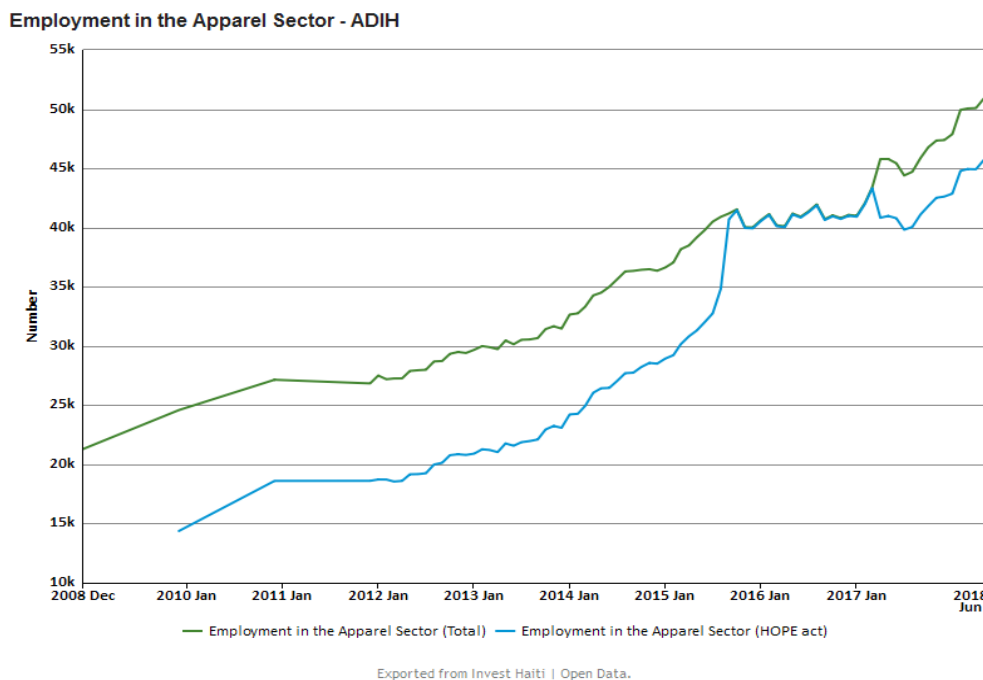
### 5.1.5 Emprego no setor

No final da década de 1980, na transição da ditadura para o processo democrático, havia mais de 50.000 empregos no setor de montagem do Haiti. Podemos sublinhar que foi o momento transitório da configuração da economia haitiana no que refere às commodities produzidas no país. Porém, os empregos de baixa renda e de baixa qualificação oferecidos pelos fabricantes americanos que produziam bolas de beisebol, sutiãs, iscas de peixe, eletrônicos e roupas cirúrgicas. Quase todas as fábricas de montagem estão fechadas. Eles já foram vistos pelas agências de desenvolvimento dos EUA como a salvação econômica do Haiti (BOOTH, 1994).

O governo considera que uma indústria transformadora orientada para a exportação e atividades de reexportação constitui um meio eficaz de criação de empregos. Parques industriais e zonas francas são os principais instrumentos para promover o desenvolvimento industrial. De dezembro de 2009 a maio de 2016, o setor têxtil e de vestuário do Haiti experimentou um crescimento espetacular, em termos do número de empregos criados, passou de 24.000 trabalhadores para 41.103 trabalhadores, quase o dobro, através da Lei de Promoção de Parcerias (HOPE) que oferece acesso isento de impostos ao mercado dos EUA para muitos produtos de vestuário com regras de origem altamente flexíveis sobre insumos.

Conforme o gráfico 5.1 da evolução da empregabilidade do setor industrial principalmente na produção têxtil, pode-se observar o movimento da curva que tende a ser crescente durante os últimos anos. O que chama atenção é que com a implantação dos centros industriais e com a criação de zonas francas, resulta-se na exploração de mão de obra, principalmente das mulheres haitianas que, historicamente, trabalham na confecção de produtos artesanatos manuais. Porém, como esse programa já está estabelecido no plano do governo como se fosse um projeto de industrialização, na verdade nada impede que isso ocorra. O grande questionamento é como o governo vai intervir para tirar suas vantagens em contrapartida, o fato é que as leis HOPE I e II e os acordos comerciais eliminaram as tarifas aduaneiras.

## Gráfico 5.1. Evolução do emprego no setor vestuário de 2008-2018



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa monografia, buscou-se compreender a transformação da cadeia produtiva do Haiti e as principais razões da pauta de exportação do Haiti. Os principais motivos que levam a esta transformação segundo nossos resultados são os seguintes: os riscos das catástrofes naturais no setor primário agrícola são relevantes, ou seja, é que o setor agrícola sofre bastante com a passagem sazonal dos fenômenos naturais, apesar disso o governo não propôs medidas para sustentar o setor agrícola e, de fato, a grande preocupação do governo é desenvolver um setor extrativo que pode ser menos afetado quando há esse tipo de acontecimento.

Mantendo em consideração este fato, o governo do Haiti vai estendendo seu mercado, aplicando políticas propostas pelos países poderosos através de suas organizações (instituições) internacionais para tentar desenvolver um setor importante para a economia haitiana. O governo considera que uma indústria transformadora orientada para a exportação e atividades de reexportação constitui

um meio eficaz de criação de emprego. Parques industriais e zonas francas são os principais instrumentos usados pelo governo para promover o desenvolvimento industrial sem dar conta das consequências sociais para os cidadãos haitianos. Muitos países têm tentado sair da armadilha da pobreza através da industrialização do setor manufatureiro por “convite”, em outros termos, através do processo de “*catching up*”. Há diversos benefícios que um país pode obter no longo do processo, mas deve-se enfatizar que ele deve se basear em uma estratégia bem projetada que leve em conta as vantagens comparativas da economia nacional.

O próprio Rodriguez (2009, 121) destacou que o planejamento é um dos instrumentos necessários para enfrentar os problemas de caráter estrutural. “As técnicas de planejamento modificam e estendem os critérios de alocação de recursos com o fim de racionalizar o esforço de investimento com o passar de tempo, adequando-o às grandes metas de política de desenvolvimento”.

Pelo contrário, no caso do Haiti, a sua adesão à OMC em janeiro de 1996 marca, assim, o fortalecimento da liberalização de seu regime comercial, isto é um dos elementos chaves da política econômica vigente (o neoliberalismo). E também, pode-se levar em consideração a análise de Seguy (2014) segundo a qual esta não é a melhor inserção do Haiti ao mercado internacional. Devido a uma série de elementos observados ao longo deste trabalho, tais como a intervenção direta e indireta dos Estados Unidos nas políticas econômicas do Haiti, e como foi visto nos capítulos anteriores, as invasões e ocupações militares do país foram fatos consideráveis na expansão do poder hegemônico dos EUA na geopolítica da região.

Entendemos que o governo visiona um projeto de industrialização, mas o que fica em questionamento é a maneira pela qual o projeto está sendo executado, ou seja, quem vai se beneficiar das zonas francas e dos centros industriais instalados no Haiti? Sem dúvida nenhuma, os principais beneficiários são as classes dominantes oligárquicas vinculadas aos países poderosos interessados em fazer negócios no Haiti.

No entanto, observa-se que os parques industriais podem ser servidos como atrativos para promover o setor industrial (têxtil). A “vantagem comparativa” que

pode ser tida neste contexto é a força de trabalho abundante não qualificada, principalmente composta pelas mulheres haitianas, que recebem baixos salários.

Parece que esses elementos estruturais observados podem servir como um projeto de dependência que os EUA propuseram/propõem na estrutura política haitiana para que o país fique subordinado, assim pode-se dizer, é uma nova forma de colonização no país.



## 7. REFERÊNCIAS

ADIH. **Employment Report**. Association Des Industries d'Haiti. *ADIHNEWS*, n. 3, Issue Vol. 5, 2018. Disponível em: <[www.adih.ht/Newsletter\\_3\\_2018.pdf](http://www.adih.ht/Newsletter_3_2018.pdf)>.

ALVAREZ, R. M. **La evolución del comercio exterior de Haiti, 1915-1955**. *MEMORIAS*. Revista digital de historia y arqueología desde el caribe colombiano, abril de 2014.

\_\_\_\_\_. **La evolución económica de Haiti a través del comercio, 1915 – 1959**. Tesis doctoral. Universidad Autónoma de Barcelona. Facultad de Filosofía y Letras. Departamento de Historia Moderna y Contemporánea. Doctorado en Historia social y política comparada. Diciembre 2016.

ARCHITECTES DE L'URGENTE. **Haiti: ciclone Jeanne – setembro 2004**. Disponível em: <<http://www.archi-urgent.com/nos-actions/haiti-cyclone-jeanne-septembre-2004/>>. Acesso em 13/11/18.

ARDOUIN, B. **Etudes sur l'Histoire d'Haiti**. T. VIII, Paris, 1858.

ARRIGHI, G. **O Longo século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

AZEVEDO, E. R.; HERBOLD, H. **Caribe: o paraíso submetido**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BARROS, J. **Haïti de 1804 à nos jours**. Paris: L'Harmattan, 1984.

BASTIEN, Y. R.; COMEAU JR, L. **Crise du développement em Haiti: pour sortir de l'impasse**. *Haiti Perspectives*, vol. 1. n°1. Printemps 2012.

BAMBIRRA, V. **O Capitalismo Dependente Latino-Americano**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2015.

BANCO MUNDIAL. Dados HAITI (2018) Disponível em: <[http://databank.worldbank.org/data/views/reports/reportwidget.aspx?Report\\_Name=CountryProfile&Id=b450fd57&tbar=y&dd=y&inf=n&zm=n&country=HTI](http://databank.worldbank.org/data/views/reports/reportwidget.aspx?Report_Name=CountryProfile&Id=b450fd57&tbar=y&dd=y&inf=n&zm=n&country=HTI)>. Acesso em 23/09/18.

BANQUE MONDIALE. **Haiti reforme l'environnement des affaires pour stimuler la reconstruction et la création d'emplois**. Banque Mondiale, 5 nov. 2012.

BATISTA, J. M. **A evolução da economia: uma abordagem histórica sobre os princípios modelos, teorias e pensadores**. RENEFARA - Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia - ISSN: 2236-8779, 2012. Disponível em:<<http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/68>>.

BENOIT, J. **Commerce et décolonisation. L'expérience franco-haïtienne au XIXe siècle**. *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 27<sup>e</sup> année, n. 6, 1972. p. 1497-1525.

BENOT, Y. **Haiti et la Révue encyclopédique**. In: HOFFMANN, L-F; FLEISCHMANN, U; GEWECKE, F (Dir). *Haïti 1804: Lumières et ténèbres: Impact et résonances d'une révolution*. Madrid: Iberoamericana, 2008, p. 99-112.

BERLOQUIN-CHASSANY, P. **Un fossé à dimension variable : la vision française des relations haitiano-allemandes (1890-1910)**. In: HOFFMANN, L-F; FLEISCHMANN, U; GEWECKE, F (Dir). *Haiti 1804: Lumières et ténèbres: Impact et résonances d'une révolution*. Madrid: Iberoamericana, 2008. p. 143-159.

\_\_\_\_\_. **Haïti, une démocratie compromise: 1890-1911**. Paris: L'Harmattan, 2004.

BERNADIN, R. L'effondrement de l'industrie du café haïtien. 2018. Disponível em: <<https://haitieconomie.com/index.php/2018/10/01/leffondrement-de-lindustrie-du-cafe-haitien/>>. Acesso em 21/10/2018.

BERTON, E. D. **Les exportations et la performance de l'économie haïtienne (1967-1996)**. Rapport de recherche, Université de Montréal, Faculté des arts et des sciences, juin 1998.

BETHELL, L. **História da América Latina: Da independência a 1870**. Vol. III, Leslie Bethell organizador, tradução Maria Clara Cescato. Ed.,3. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL: uma resenha**. in: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 13-68, 2000.

BOOTH, W. **Embargo leaves Haiti's economy down but not out**. *The Washington Post*, August 10, 1994.

BOST, F. **Les zones franches, interfaces de la mondialisation**. *Annales de Géographie* 2007/6, n. 658. p. 563-585. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-annales-de-geographie-2007-6-page-563.html>>.

BULMER-THOMAS, V. **La historia económica de América Latina desde la independencia**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

BUSCHSCHLUTER, V. **A longa história de laços problemáticos entre o Haiti e os EUA**. 16 de janeiro de 2010. *BBC News*, Washington. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/8460185.stm>>. Acesso em 20/10/2018.

CANZIAN, F. **ONU aprova intervenção no Haiti**. *Folha de S. Paulo*, agosto de 1994. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/01/mundo/1.html>>. Acesso em 22/09/18.

CAUNA, J. **Polverel et Sonthonax, deux voies pour l'abolition de l'esclavage**. *Revue française d'histoire d'outremer*, tome 84, n°316, 3e trimestre 1997. Spécial Sonthonax. p. 47-53.

CEPAL. **Investimento estrangeiro direto na América Latina e no Caribe cai pelo terceiro ano consecutivo em 2017 e atinge 161,673 bilhões de dólares**. *Comunicado de imprensa*. 5 de julho de 2018. Acesso em: 27/10/2018.

\_\_\_\_\_. **Bases de dados**. Tasas de crecimiento del producto interno bruto (PIB) anual por habitante a precios constantes. Disponível em: <<http://estadisticas.cepal.org/sisgen/ConsultaIntegrada.asp?idIndicador=2222&idioma=e>>. Acesso em 12/11/18.

\_\_\_\_\_. **Haiti: Evolution économique de l'année 2006 et les perspectives pour 2007.** 19 decembre 2007.

\_\_\_\_\_. **Evolução do investimento na América Latina e no Caribe: fatos estilizados, determinantes e desafios de política.** Estudo Econômico da América Latina e do Caribe. Documento informativo, agosto 2018.

Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/43977>>. Acesso em 13/09/18.

CESAIRE, A. **La tragédie du Roi Christophe.** Paris: presence africaine, 1994/10.

CFI. Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. **Secteurs Clés: Vêtement.** Disponível em:< <http://www.cfihaiti.net/pages/1/8-garment.php.html>>. Acesso em: 26/10/18

\_\_\_\_\_.Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. **Secteurs Investissements: Vêtements et Textiles.** Disponível em: <<http://cfihaiti.com/index.php/investment-sectors/apparel-textiles>>. Acesso em 26/10/18.

\_\_\_\_\_.Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. Données ouvertes. **Climat d'investissement.** Disponível em:<<http://cfihaiti.com/index.php/investment-climate>>. Acesso em 27/27/18.

\_\_\_\_\_.Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. Données Ouvertes. **Secteur Investissement: Secteur agroalimentaire.** Disponível em: <<http://cfihaiti.com/index.php/investment-sectors/agribusiness>>. Acesso em: 27/10/18.

\_\_\_\_\_.Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. Données Ouvertes. **Secteur Investissement: Parcs Industriels.** Disponível em:< <http://cfihaiti.com/index.php/investment-climate/industrial-parks>>. Acesso em 27/10/18.

\_\_\_\_\_.Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. Données Ouvertes. **Secteur Investissement: Préférences Commerciales des États-Unis.** Disponível em: < <http://cfihaiti.com/index.php/investment-climate/us-trade-preferences>>. Acesso em 28/09/18.

\_\_\_\_\_.Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. Open Data: Investir em Haiti: Explorer les Données: **WTO Statistical data Sets,1948-2017.** Disponível em:< <http://opendata.investhaiti.ht/exrrrgg/wto-statistical-data-sets-1948-2017>>. Acesso em 09/12/18.

\_\_\_\_\_.Centre de Facilitation des Investissements (CFI). Haiti. Open Data: Investir em Haiti. **Emploi dans le secteur de l'habillement – ADIH,2016.** Disponível em: <<http://opendata.investhaiti.ht/CFIHAITIEAS2016V1/emploi-dans-le-secteur-de-l-habillement-adih-2016?action=download>>. Acesso em 16/11/18.

CHANG, H-J. **Chutando a Escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHAUNU, P. **Histoire de L'Amérique Latine**. Presses universitaires de France 108, Boulevard Saint-Germain, Paris – 1964

COUTO, J. M. **O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch**. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 16, n. 1 (29), p. 45-64, abr. 2007.

CNMAI. **Haiti dans l'impasse des politiques de libéralisation commerciale: l'opportunité d'un Moratoire aujourd'hui**. La Coalition Nationale pour un Moratoire sur les Accords Internationaux. Campagne pour un moratoire sur les accords de libéralisation commerciale en Haiti. Décembre, 2011.

DE LAS CASAS, F. B. **Histoire des Indes I**. Le Seuil, 2015.

ETIENNE, H. M. **Analyse des contraintes majeures à la croissance économique en Haiti (1980-2010)**. Université de Port-au-prince, Novembre 2014.

ETIENNE, J. F. **L'église et la révolution des esclaves à Saint-Domingue (1791-1804)**. *Histoire, monde et cultures religieuses*, 2014/1 (n° 29), p. 15-32.

EUGENE, I. *La normalisation des relations franco-haitiennes (1825-1838)*. *Outre-mers*, tome 90. n°340-341, 2<sup>e</sup> semestre 2003. Haiti première République noire. p. 139-154.

FACTBOOK. **The world factbook 2018**. C.I.A. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook>>. Acesso em 22/10/18.

FIEVRE, Y. A. **Chocs externes et ajustement dans une petite economie ouverte: le cas d'Haiti (1960-1990)**. Rapport de recherche, novembre 1994. Université de Montréal – Département des Arts et Sciences.

FURTADO, C. **A economia latino-americana: formação histórica e problemas contemporâneos**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014, 392 p, ISBN: 9788525420695.

GIORDANO, T. **Une étude exhaustive et stratégique du secteur agricole/rural haitien et des investissements publics requis pour son développement**. Chapitre 2: Diagnostic global de croissance et implications pour le secteur agricole, juin 2016.

HAITI Reference. **Histoire et Société**. disponível em: < <https://www.haiti-reference.com/pages/plan/histoire-et-societe/>>. Acesso em 13/08/18.

\_\_\_\_\_. **Histoire et Société: Chefs d'État d'Haiti**. Disponível em: < <https://www.haiti-reference.com/pages/plan/histoire-et-societe/notables/chefs-detat/>>. Acesso em 14/08/18.

HEINL, R. D; HEINL, N. G. Escrito em sangue: A história do povo haitiano. **Cidade: Editora**, 1978.

HOFFMANN, Léon-François. **Faustin Soulouque d'Haïti**. Editions L'Harmattan, paris, 2007.

IHSI. **Les comptes économiques en 1996.** Institut Haitien de Statistique et d'informatique. Publication annuelle de l'IHSI, 1997.

\_\_\_\_\_. **Les comptes économiques en 2003.** Institut Haitien de Statistique et d'informatique. Publication annuelle de l'IHSI, 2004.

\_\_\_\_\_. **Les comptes économiques en 2004.** Institut Haitien de Statistique et d'informatique. Publication annuelle de l'IHSI, 2005.

\_\_\_\_\_. **Les comptes économique en 2005.** Institut Haitien de Statistique et d'informatique. Publication annuelle de l'IHSI, 2006.

\_\_\_\_\_. **Les comptes économiques en 2010.** Institut Haitien de Statistique et d'informatique. Estimations préliminaires, 2010.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos.** Perdizes: Boitempo, 2000.

JORGE, O. C. **Codemò: escravos sem grilhões. Vida operária ao redor da zona franca CODEVI em Ouanaminthe, Haiti.** Campinas: Unicamp, 2014.

JULIEN, C. **L'empire américain.** Paris: Éditions Bernard Grasset, 1968.

LALIME, T. **Économie haïtienne: radiographie d'un désastre.** *Le Nouvelliste*, 2012. Disponible em: <<https://lenouvelliste.com/article/106928/economie-haitienne-radiographie-dun-desastre>>. Acesso em 13/11/2018.

LIST, F. **Le système national d'économie politique.** Traduit par Henri Richelot. 2<sup>e</sup> Ed. Paris: Capelle, Librairie-éditeur, 1857.

LUCIEN, G. E. **Considerations on the Destating Hurricane Season in Haiti in September 2008: Importance of the Major Actions from the perspective of sustainability.** *Études caribéennes*, 2012. Disponible em: <[journals.openedition.org](http://journals.openedition.org)>. Acesso em 09/09/18.

MADIOU, Thomas. **Histoire d'Haïti** (Port-au-Prince: Courtois) reprint (1987–91)(Port-au-Prince: Henri Deschamps) vol. 3. The text of the generals' proclamation mentions Jean-Jacques Dessalines, 'the governor general of Haiti for life, p. 151, 1803.

MANIGAT, L. F. **L'Amérique Latine au XXe. siècle: 1889-1929.** Mexico: Éditions du Seuil, 1991.

\_\_\_\_\_. **La crise haïtienne contemporaine: retrospective et perspective dans la saisie du point critique d'aujourd'hui: une lecture d'historien-politologue.** Collection du CHUDAC. Port-au-prince: Media-texte, 2009.

\_\_\_\_\_. **Henry Christophe, Alexandre Pétion: en deux médaillons distincts: la politique d'éducation nationale du premier, la politique agraire du second.** Vol n° 3, serie « *Les petites classiques de l'histoire vivante d'Haïti* ». Collection du CHUDAC, Port-au-prince: Grandes Antilles, janvier 2007.

MELODY, F. **Construcción del outro haitiano: apuntes sobre la ocupación estadounidense de Haiti 1915-1934.** *V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política.* Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires, 2010.

METROPOLE. **A lei da ESPERANÇA torna-se AJUDA.** *Radio Metropole Haiti.* Segunda, 10 de Maio de 2010. Disponível em: <[http://www.metropolehaiti.com/metropole/full\\_poli\\_fr.php?id=17695](http://www.metropolehaiti.com/metropole/full_poli_fr.php?id=17695)>. Acesso em 24/11/18.

MICHELINE, Labelle. **Ideologie de couleur et classes sociales en Haiti.** Montréal, les presses de l'Université de Montréal, 1978.

NATHAN, A. **Bringing Hope to Haiti's Apparel Industry: Improving Competitiveness Through Factory-Level Value-Chain Analysis.** September 2009. Disponível em: <https://www.nathaninc.com/wp-content/uploads/2017/10/HOPE-for-haitis-apparel-industry.pdf>

NICOLSON (DOMINICAN.). **Essai sur l'histoire naturelle de l'isle de Saint Domingue: avec des figures en taille-douce.** Chez Gobreau, 1776.

OEC. **Haiti (HTI) Exportação, Importação, e Parceiro Comercial.** The Observatory of Economic Complexity. 2018. Disponível em: <<https://atlas.media.mit.edu/fr/profile/country/hti/>>. Acesso em: 25/06/2018.

OMC. **Examen des politiques commerciales.** WT/TPR/S/327 Haïti. 27 octobre 2015.

PAULTRE, G. **Rapport de la septième séance du programme de Dynamisation de l'économie haitienne.** Association Des Industries d'Haiti. 30 oct. 2018. Disponível em: <[http://www.adih.ht/actu\\_read.php?ID=45](http://www.adih.ht/actu_read.php?ID=45)>. Acesso em 12/11/2018.

PERCHELLET, S. **Construire ou reconstruire Haiti?** Paris: CADTM France, 12 septembre 2010.

POZO, José del. **História da América Latina e do Caribe: dos processos de independência aos dias atuais.** Petrópolis: Vozes, 2009. 398 p. ISBN: 9788532639226.

PREBISCH, Raúl et al. **O manifesto latino-americano: e outras ensaios.** Contraponto, 2011.

QUAZI, R. M. **Foreign direct investment in Latin America: a panel regression study (2007).** *The international journal of Business and Finance Research*, vol. 1, n° 1, pp. 59-67, 2007. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=1543361>>. Acesso em 26/09/18

Radio Metropole Haiti.< [www.metropolehaiti.com](http://www.metropolehaiti.com)>

RODRIGUEZ, A. Octavio. **O estruturalismo latino-americano / Octavio Rodriguez;.** Tradução: Maria Alzira Brum Lemos.-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 698 p. ISBN: 9788520008317

SAID, Edward. **Imperialismo e cultura. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.**

SASSINE, G. B. **Emploiment Report.** Association Des Industries d’Haiti. *ADIHNEWS* NO3, ISSUE VOL.5, 2018. Disponível em: <[www.adih.ht/Newsletter\\_3\\_2018.pdf](http://www.adih.ht/Newsletter_3_2018.pdf)>.

SEGUY, F. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti.** Campinas, SP: Unicamp, 2014.

SMARTT BELL, M. **Le Soulèvement des âmes.** Arles, Actes Sud, 1995, 620 p., trad. de l’américain par Pierre Girard.

SOUZA, N. A. **O neoliberalismo e o Consenso de Washington.** In: *Economia Internacional Contemporânea*, São Paulo: Ed. Atlas, 2009. p. 122-145.

UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE- USTR. **Caribbean Basin Initiative (CBI).** Disponível em:< <https://ustr.gov/issue-areas/trade-development/preference-programs/caribbean-basin-initiative-cbi>>. Acesso em: 26/11/18.

UNIVERSITÉ DE SHERBROOKE. **Perspective monde: profil économique de Haiti.** 2017. In perspective monde de l’université de Sherbrooke. Statistiques. Disponível em: <<http://perspective.usherbrooke.ca/bilan/statistiques/2>>. Acesso 20/11/18.

VILELA, P. R. **Investimentos estrangeiros no Brasil caem 9,7% em 2017, diz Cepal.** *Agencia Brasil*, Brasília, julho de 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/investimentos-estrangeiros-no-brasil-caem-97-em-2017-diz-cepal>>. Acesso em 27/10/18.

WORLD BANK GROUP. **Doing business 2019: Training for reform.** 16<sup>th</sup> Edition. Disponível em: <[http://www.worldbank.org/content/dam/doingBusiness/media/Annual-Reports/English/DB2019-report\\_web-version.pdf](http://www.worldbank.org/content/dam/doingBusiness/media/Annual-Reports/English/DB2019-report_web-version.pdf)>. Acesso em: 22/10/18

WORLD BANK GROUP. **Doing business 2013.** Disponível em: <<http://www.doingbusiness.org/content/dam/doingBusiness/media/Annual-Reports/English/DB13-full-report.pdf>>. Acesso em:22/10/18

WORLD BANK IN HAITI. **Overview.** Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/country/haiti/overview>>. Acesso em:23/10/18.